

Estado monitora violência doméstica contra crianças

Reportagem especial mostra casos de violência contra criança e adolescente e as ações do Governo para proteger as vítimas. [Páginas 6 e 7](#)

Entrevista

Foto: DPE



Defensora pública discute intolerância religiosa na PB

Lycia Maria Pereira é a designada pela Defensoria Pública da Paraíba para atuar em casos de intolerância religiosa e analisa a situação atual no Estado. [Páginas 3 e 4](#)



Foto: Ortilo Antônio

Estudante cria publicação que ajuda autistas

Com apenas 21 anos, Rayssa Guedes é a autora do projeto "Diversão Inteligente", que auxilia crianças autistas de todo o Brasil no processo de aprendizado. [Página 5](#)

Diversidade

Foto: Folhapress



Tartarugas marinhas vivem em risco no Brasil de hoje

Cinco das sete espécies existentes no mundo hoje desovam na costa do Brasil e sofrem com a pesca, com o plástico e com o óleo nas praias. [Páginas 17 e 18](#)



Pensar

Caderno de dezembro fala sobre sustentabilidade

Entenda o que os especialistas discutem sobre o assunto. E o que exemplos reais vividos na Paraíba podem falar sobre o tema. [Páginas 29 à 32](#)



Foto: Edson Matos



Poema/processo Paraibano Falves Silva foi um dos expoentes da poesia que contestava o Concretismo e agora, mesmo 50 anos depois, lança um novo livro inspirado no movimento que nasceu em 1968. [Página 9](#)

Foto: Divulgação



Empoderada Laura Dern chega ao ápice de suas personagens empoderadas em dois filmes que voltam a lhe colocar em evidência: "História de um Casamento" já está à disposição e "Adoráveis Mulheres" estreia em janeiro. [Página 12](#)

Editorial

Verão

Começa o verão no Hemisfério Sul, a estação mais quente do ano, ou pelo menos a mais ensolarada, tendo em vista que as mudanças climáticas estão revertendo sensações térmicas em várias regiões do planeta. Embora também caia muita chuva durante esse período, o Sol é mesmo o astro soberano.

É natural que os dias mais claros ajudem a dissipar a escuridão que torna melancólica a vida interior de muitas pessoas. Para determinados casos de depressão, o verão é um antídoto; um convite ou estímulo mais forte à superação deste que já é considerado um novo “mal do século”.

Para muitas pessoas residentes em outros estados da federação é hora de arrumar as malas e sair de férias. Aquelas que têm como destino a Paraíba vão ajudar a aquecer o comércio local, considerando que elas são protagonistas da alta estação, que dá mais sentido ao turismo como atividade econômica.

O verão eleva o astral das pessoas, notadamente nas cidades litorâneas. É “tempo de tirar o mofo”, como se diz em linguagem popular. Significa que chegou o momento de reorganizar o guarda-roupa e, por extensão, a própria vida, despojando-se, em todos os sentidos, das coisas estacionadas.

“O sol é para todos” - como proclama a escritora norte-americana Harper Lee no título de seu famoso romance -, mas os confortos da vida não, ou seja, o verão também

não é para todos, pelo menos no sentido de diversão e descontração; de aproveitar a estação para conhecer lugares e pessoas.

Se o verão oxigena o espírito de aventura e o Brasil se torna uma festa para milhares de brasileiros, como se fora a Paris dos anos 20 do século passado, outros milhões de brasileiros permanecerão em suas casas, contando os tostões para pagar as contas, que sempre ficam mais obesas no final de dezembro.

Há também aqueles que não têm casas; que dormem nos bancos das praças ou sob as marquises à mercê dos dias, esmolando não a atenção, mas um tostão do bolso alheio, vez que são seres considerados asquerosos; criaturas de um planeta sujo que permanecem invisíveis para a maioria da população.

Quem dera os brasileiros de todas as regiões do país pudessem usufruir deste imenso balneário que é o litoral nordestino. Que viessem com suas famílias e amigos promover o extraordinário intercâmbio cultural que o turismo promove. E que a riqueza que para aqui trazem beneficiasse a todos.

Que venham outros verões. Que o Sol seja igual, mas o Brasil não, porque o Brasil de hoje é um país desigual. Que em um verão próximo haja mais brasileiros felizes e economicamente melhor resolvidos. Que todas as pessoas, enfim, sejam contempladas com os raios do Grande Sol da Constituição.

Artigo

Martinho Moreira Franco

martinhomoreira.franco@bol.com.br

Sempre Natal, apesar dos pesares

Itapuan Bôtto Targino e Regina fizeram-me na semana passada viajar em busca de um tempo que não se perde na memória, mas cuja lembrança dói feito um rasgo de

Queixume que já levou Hildeberto Barbosa Filho a morrer de saudades de dezembros de antigamente

cebidadas mãe e do pai com ensinamentos que talvez nem prosperem mais em campos de sua Araruna.

Bom, chegou a vez de rememorar, à

minha moda, o antigo costume de enviar cartões de Natal. Enviar e, em seguida, merecer votos de retribuição. Na verdade, um tomalá-dá-cá que chegava a mexer com os nervos d’a gente. No meu caso, ao menos, era assim. E também nos de Flávio Tavares e Marcos Melquíades, da tribo da Rua da Palmeira (sempre ela!). É que, nos dezembros dos anos 1960, às escondidas, saíamos tarde da noite para explorar o território de Jaguaribe em busca dos endereços de indiazinhas da taba do Liceu que povoavam nossa imaginação de paqueradores habitualmente não correspondidos.

Muitas delas nem sabiam das nossas intenções, acredito. Mas a verdade é que, lápis e cadernetinhas nas mãos, anotávamos os números das casas onde sabíamos que moravam e, no dia seguinte, depois de comprar cartões nas Lojas 4.400, postávamos os envelopes nos Correios e Telégrafos da Praça Pedro Américo. Nem sempre éramos retribuídos, devo confessar. Só que a lembrança da existência desses (e de outros) cartões em meus antigos natais suavizam bastante hoje a melancolia inerente a estas vésperas de reverência ao nascimento do Menino Jesus.

Feliz Natal para todos!

CONTATOS: uniaoogovpb@gmail.com REDAÇÃO: (83) 3218-6539/3218-6509



Domingos Sávio

savio_fel@hotmail.com

Humor

UN Informe

Ricco Farias

papiroelettronico@hotmail.com

EFRAIM QUER MELHORAR INTERLOCUÇÃO COM O GOVERNO

Na quase disputa que ocorreu pela liderança do Democratas na Câmara Federal — o deputado Efraim Filho foi adorado líder, após a desistência do paulista Alexandre Leite — um detalhe não escapou a olhos mais atentos sobre a decisão partidária: o candidato ‘derrotado’ usou táticas de campanha eleitoral para superar o favoritismo do parlamentar paraibano. Antes de desistir da disputa — forçado por uma circunstância: falta de votos — Leite fez uma tentativa para convencer deputados da legenda de uma coisa: Efraim Filho seria candidato do governo Bolsonaro. É que apesar de comandar três ministérios no governo — Saúde, Casa Civil e Agricultura — na Câmara Federal, o partido não se coloca como legenda da base governista. E foi justamente isso que o concorrente do deputado paraibano quis explorar, o que não surtiu efeito. Mas na prática, mesmo não tendo sido ‘candidato do governo’, o novo líder entende que é preciso estreitar o diálogo com Bolsonaro, no âmbito do Legislativo. “É preciso buscar esse ponto de equilíbrio e melhorar esse canal de interlocução é uma das tarefas da liderança”, disse ao Congresso. O favoritismo de Efraim Filho foi tão flagrante no processo de escolha que ele chegou a superar a força do líder anterior, Elmar Nascimento (BA), que apoiava Leite.



Foto: Ortilo Antônio

“TÁ MORTO”

Provocado pela coluna a opinar sobre a impossibilidade de os partidos fazerem aliança na eleição de vereador, regra que começa a valer em 2020, o presidente do Podemos na Paraíba, o vereador de Campina Grande Galego do Leite, foi enfático: “Quem não tiver grupo, tá morto”. Ou seja: partido que não tiver candidatos competitivos, fracassará.

NA PROPORCIONAL

Como cada partido terá de caminhar com suas próprias pernas na eleição proporcional, a disputa por uma cadeira nas Câmaras Municipais deverá ser mais acirrada que em outros anos, quando a regra permitia as coligações. Em Campina Grande, de acordo com Lucas Ribeiro, o PP cogita eleger até três vereadores, projeção idêntica a do Podemos.

SÓ EM 2020

Possivelmente, não será este ano que o senador Veneziano Vital do Rêgo vai tomar uma decisão quanto a sair do PSB, mesmo que o governador João Azevêdo (sem partido) anuncie seu destino partidário até o final do mês. Dois aspectos, certamente, serão levados em conta na hora em que ele for tomar a decisão: como ficará o comando do PSB no Estado e quais os encaminhamentos a serem feitos no tocante à eleição em Campina Grande.

JÁ COMANDA

Na prática, Veneziano já comanda o Podemos na Paraíba — a legenda está sob a presidência do vereador Galego do Leite, seu aliado de primeira hora. E a propósito de seu poder de decisão dentro do partido, há que se dizer que Ana Cláudia Vital do Rêgo, sua esposa, é filiada ao Podemos, legenda pela qual deverá se lançar candidata a prefeita de Campina Grande.

“UM PRESENTE”

Para quem contestava a cobrança de taxa de religação de serviços como energia elétrica e abastecimento de água, a notícia é “um presente de natal”, como classificou o autor do projeto de lei que proíbe essa prática, senador Weverton (PDT-MA). A proposta já passou na Comissão de Transparência, Governança, Fiscalização e Controle e Defesa do Consumidor e seguirá para apreciação da Câmara dos Deputados.

“REFORMA TRIBUTÁRIA E REFORMA ADMINISTRATIVA SÃO PRIORIDADE”

Foi perguntado ao deputado federal Efraim Filho quais as pautas prioritárias no retorno do recesso parlamentar, em fevereiro, no âmbito da Câmara dos Deputados. “A agenda econômica é prioridade. Estamos saindo de uma 2019 que a gente começa a reverter, sair do vermelho para o azul, dos números negativos para positivos. Reforma tributária e reforma administrativa, na minha opinião, são prioridade. Temas como acesso ao crédito, a validade do cadastro positivo, fazer a economia brasileira movimentar e gerar emprego tem que ser prioridade do país”, avaliou

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Albigeo Léa Fernandes
DIRETORA DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC
BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Phelipe Caldas
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509
E-mail: circulaocaouniao@bol.com.br (Assinaturas)

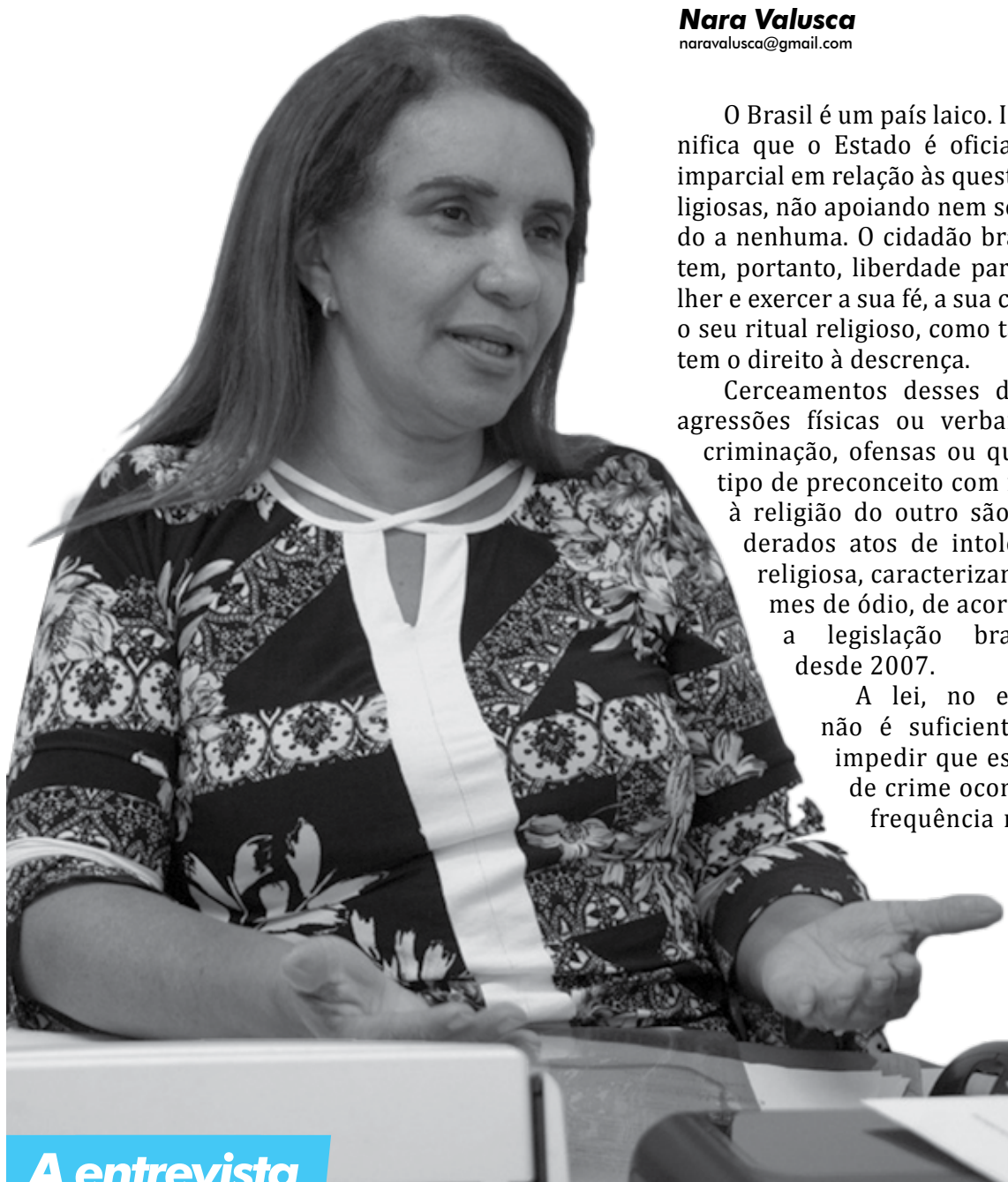
OUIDIDORIA : 99143-6762 ASSINATURAS: Anual R\$200,00 / Semestral R\$100,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATOS: uniaoogovpb@gmail.com

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exeto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

“No Brasil, o que vemos é uma ode à hipocrisia”

Defensoria Pública na Paraíba designa Lycia Maria Pereira para atuar nos casos de intolerância religiosa



Nara Valusca
naravalusca@gmail.com

O Brasil é um país laico. Isso significa que o Estado é oficialmente imparcial em relação às questões religiosas, não apoiando nem se opondo a nenhuma. O cidadão brasileiro tem, portanto, liberdade para escolher e exercer a sua fé, a sua crença e o seu ritual religioso, como também tem o direito à descrença.

Cerceamentos desses direitos, agressões físicas ou verbais, discriminação, ofensas ou qualquer tipo de preconceito com relação à religião do outro são considerados atos de intolerância religiosa, caracterizando crimes de ódio, de acordo com a legislação brasileira, desde 2007.

A lei, no entanto, não é suficiente para impedir que esse tipo de crime ocorra com frequência no Bra-

Os crimes de ódio se caracterizam pela “discriminação ou intolerância contra uma coletividade ou referências a elementos específicos de raça, cor, religião, procedência nacional e etnia, de maneira tal que ofendam a dignidade humana, e não somente determinado indivíduo”, segundo definição da Polícia Federal

sil. A punição prevista para quem comete crimes de ódio carece ainda de maior força e aplicabilidade efetiva. A crença na impunidade tem permitido que a intolerância religiosa esteja presente na sociedade e que, até mesmo, tenha se acirrado nos últimos tempos. Praticamente todos os estados brasileiros registraram crescimento no número de denúncias em 2019. Isso, sem mencionar as subnotificações, que devem ser significativas, considerando que há poucas delegacias

especializadas no país e ainda pouca informação sobre esse tipo de crime.

Na Paraíba, os casos saltaram de oito registros, em 2014, quando foi criado o Fórum Diversidade Religiosa - Paraíba, para 118, no ano passado, e 123, este ano, até o mês de novembro.

Por conta desse crescimento, e para atender a solicitação de representantes de várias crenças, a Defensoria Pública do Estado da Paraíba, por meio do Núcleo Especial de Direitos Humanos (Necid), designou uma defensora para atuar nestes casos e fortalecer a luta em defesa da liberdade de expressão religiosa. Lycia Maria Pereira do Nascimento foi apresentada oficialmente no final de novembro, numa solenidade que reuniu representantes de crenças diversas. “A liberdade de consciência e de crença é inviolável e a nossa Constituição assegura o livre exercício dos cultos religiosos, garantindo, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e suas liturgias”, ressaltou a defensora.

Lycia concedeu entrevista exclusiva ao jornal A União em que fala sobre a sua missão, as definições legais sobre o crime de ódio e os meios para que violações aos direitos sejam denunciadas na Paraíba.

A entrevista

Que atitudes a legislação brasileira considera intolerância religiosa e como elas são vistas perante a lei?

Agressão física, verbal ou psicológica, vilipêndio a espaço ou objetos, postagens de cunho racista envolvendo as religiões, desrespeito às práticas religiosas em locais públicos e privados, escárnio quanto a vestimentas, adereços e símbolos, sequestro ou cárcere privado para impor práticas religiosas diferentes a outrem, brigas de vizinhos ou com outros que envolvam calúnias ou difamações, entre tantos outros.

Que tipos de punição são previstos para estes casos?

Vai variar de caso para caso, onde a punição pode ser de uma simples retratação, nos casos leves, até a prisão em regime fechado, nos casos mais graves. Lembrando que a intolerância religiosa é crime de ódio.

O Brasil foi considerado, ao longo dos anos e séculos, um país tolerante com a diversidade religiosa. Isso é real? O que você tem percebido com relação à crença religiosa?

Tolerar nunca foi sinônimo de respeitar; se tolera algo, às vezes, por força de lei ou ato social, mas respeitar requer conhecimento do diverso e construção social baseada no diálogo. O que vemos no Brasil é uma ode à hipocrisia, onde se tolera, mas não se respeita. Vemos isso todos os dias com os casos de intolerância religiosa que tomamos conhecimento. Com isso, chegamos às relações entre os credos e religiões, onde acontece um avanço no país com o fomento dos fóruns de diálogo inter-religioso e em prol da liberdade religiosa. Lideranças religiosas preocupadas com o aumento dos casos uniram forças para o combate. Um exemplo interessante aqui no Estado é o Fórum Diversidade Religiosa - Paraíba que reúne 25 instituições/religiões sobre a



Fotos: Ascom/DPE

Representantes de várias religiões participaram, em novembro passado, da solenidade de nomeação de Lycia

mesma bandeira de luta, e que ao longo de cinco anos de atuação ajudou a construir políticas públicas de combate à intolerância religiosa, manutenção da laicidade estatal, respeito ao diálogo inter-religioso e à liberdade religiosa, assim como a preocupação com um ensino religioso que respeite as diferenças e caminhe com as religiões, sem proselitismo em sala de aula.

Há uma evidente discriminação mais forte com relação às religiões afro. Você acredita que isso é ainda um legado do perío-

“Tolerar nunca foi sinônimo de respeitar; se tolera algo, às vezes, por força da lei ou ato social, mas respeitar requer conhecimento do diverso e construção social baseada no diálogo”

do da escravidão no Brasil?

A intolerância religiosa não escolhe credo, cor ou indivíduo, todos somos passíveis a ela. Geralmente, as religiões tidas como minoritárias sofrem mais abusos ou achincalhamentos. Hoje, na Paraíba, as maiores vítimas são as religiões de matriz africana, mas seguidas de perto por outras religiões minoritárias. Quanto ao legado colonial da escravidão, acredito, sim, que ele existe enraizado nos preconceitos e ignorâncias, onde não assumimos nossa identidade cultural e sanguínea e nem aceitamos a mistu-

ra que somos, sangue negro, sangue indígena e sangue português.

De que forma a Defensoria Pública atuará para combater o crime de intolerância religiosa e garantir a liberdade de crença, prevista na Constituição?

Ajudando o cidadão na garantia de seus direitos. Hoje, disponibilizamos uma sala para a triagem e escuta das demandas, de lá, organizamos o processo e damos os encaminhamentos jurídicos. Sempre acompanhando as etapas e humanizando o serviço.



Preocupadas com crescimento da intolerância, lideranças religiosas vêm unindo forças na Paraíba

■ CURIOSIDADES

■ 1- Quanto à religião, o regime pode ser teocrático ou confessional ou laico. No Estado teocrático, o poder político é exercido, em nome de uma autoridade divina, por homens que se declaram seus representantes na Terra. Alguns estudiosos citam apenas o Vaticano nos dias atuais como exemplo de teocracia. Outros, porém, incluem ainda o Irã.

■ 2- No estado confessional, uma única religião é reconhecida oficialmente pelo Estado. A maioria dos países islâmicos são estados confessionais, à medida que não permitem o exercício de outras crenças religiosas.

■ 3- Por fim, no estado laico, as instituições públicas e a sociedade civil mantêm independência em relação às diretrizes e aos dogmas religiosos. Também não se permite, teoricamente, pelo menos, a ingerência direta de qualquer organização religiosa nos assuntos de Estado.

“Conscientizar o cidadão é o maior desafio”, diz defensora

Especialmente no interior, denúncias são qualificadas como crimes de ódio por desinformação, lamenta Lycia Pereira

Nara Valuska
naravaluska@gmail.com

A defensora pública Lycia Maria Pereira enfatiza a importância de se criar mais delegacias especializadas, que possam receber as denúncias sobre crimes de ódio e dar os encaminhamentos corretos. Ela cita dificuldades especialmente no interior, onde as denúncias são são qualificadas como crimes de ódio por desinformação das próprias autoridades.

Lycia comenta ainda o trabalho realizado pelo Fórum Paraibano de Diversidade Religiosa e orienta o cidadão sobre quando e onde fazer a denúncia em casos de intolerância religiosa. Confira o restante da entrevista.

Com relação à Paraíba, especificamente, quais os maiores problemas que enfrentamos com relação a esse tema?

O maior desafio é o entendimento da sociedade que esse é um crime de ódio e que fere e machuca as vítimas

onde dói mais, no coração da fé. Notamos a falta de empatia para com o próximo, o que deixa muito vulneráveis as pessoas, que desacreditam no sistema policial ou jurídico e nelas mesmas, pois se vêem atacadas. Hoje, há muita dificuldade nas cidades do interior no tocante a qualificar a intolerância religiosa na delegacia; alguns delegados não creditam a qualificação por acharem que é uma briga comum de vizinhos ou não enxergam o vilipêndio a objetos sagrados por não conhecerem a liturgia de quem é agredido. Precisamos de mais delegacias especializadas, como o caso da cidade de João Pessoa na batuta de Marcelo Falcone, que magistralmente conduz as diligências, BOs e TCOs, com a devida qualificação, pois é especialista no assunto. O enfrentamento hoje é feito pelos membros do Fórum de Diversidade Religiosa - Paraíba em conjunto com a Comissão de Direito e Liberdade Religiosa da Ordem dos Advogados do Brasil/PB e agora da Defensoria Pública do Estado,



Foto: Ascom/DPE

Defensora vai atuar no combate à intolerância religiosa na Paraíba em parceria com lideranças de várias religiões

que constroem uma rede sólida de combate e de produção de projetos sobre o viés.

O Fórum Diversidade Religiosa - Paraíba tem registrado um crescimento bastante significativo de casos de intolerância religiosa no Estado. Isso é uma realidade só nossa e vem como resultado de uma radicalização maior em todo o Brasil no que diz

respeito às diferenças?

O fórum é um forte baluarte nessa luta. Graças a ele, temos dados desde 2014 e do assustador crescimento dos crimes de intolerância religiosa no Estado. A Paraíba é uma das pioneiras no tocante à luta, mas mesmo assim, padecemos com o aumento; mas não é só nosso crescimento. Segundo o Governo Federal, através do Disque 100, o Brasil sentiu esse aumento ao

longo dos últimos três, quatro anos. Portanto, a tendência, se não fizermos nada, é de aumentar ainda mais. Por isso, urge que os municípios e o Estado da Paraíba criem coordenadorias específicas para ajudar a combater esse aumento.

Como a população pode denunciar casos de intolerância religiosa?

Em primeiro lugar, procurar uma delegacia e pres-

tar um BO ou TCO, explicando ao delegado os detalhes para que haja a qualificação correta de intolerância religiosa. No caso da Grande João Pessoa, procurar a Delegacia Especializada na Avenida Francisco Moura, 36, no centro da cidade, e procurar pelo delegado Marcelo Falcone. Para buscar assessoria jurídica, Defensoria Pública, as pessoas podem procurar o Núcleo Especial de Direitos Humanos, na Avenida Walfredo Leal, 487, no bairro de Tambiá. O atendimento é feito por agendamento e, se não puder ir pessoalmente, também há a opção de fazer a denúncia no Observatório Interinstitucional de Violência por Intolerância no site da Defensoria (www.defensoria.pb.def.br). As pessoas também podem procurar o Fórum Diversidade Religiosa - Paraíba através do 83 99869 -7122 e falar com Saulo Gimenez. Ou, ainda, ligar para o disque 100, número do Governo Federal que atende também a demandas de violências.

Novo item de série:
massagem relaxante pra você.

As poltronas com Sistema de Massageamento* já estão disponíveis. Tudo isso para aumentar o seu prazer de viajar no novo Galaxy, o Double Decker da Guanabara.

G GUANABARA

*Consulte disponibilidade.



Foto: Caio Guatelli

Publicação auxilia crianças autistas na aprendizagem

‘Diversão Inteligente’ é feita pela estudante Rayssa Guedes, que foi motivada pela vontade de ajudar um primo

Iluska Cavalcante
cavalcanteiluska@gmail.com

Aprender quais são as cores, animais e identificar objetos parece algo simples e que para qualquer criança é fácil de se aprender. No entanto, em algumas situações, como em crianças autistas, o aprendizado pode ser mais devagar e os estímulos precisam ser trabalhados com mais persistência. Após ter o primo, Cauã diagnosticado com a doença, a estudante Rayssa Guedes, de 21 anos, teve a ideia de elaborar o projeto ‘Diversão Inteligente’ - um material que facilita para que mães e pais consigam estimular seus filhos em casa.

Utilizado nas terapias por fonoaudiólogas e psicopedagogas, Rayssa elabora livros didáticos com preço acessível. As mães de crianças autistas que não têm condições de colocar seus filhos em terapias contínuas, conseguem, a partir deste material, ajudar seus filhos a melhorar o seu aprendizado. “O que eu acho sobre as crianças autistas é que elas mereciam ter um suporte maior em relação à saúde. É triste a realidade porque tem muitas mães que não conseguem ter o tratamento”, falou a estudante.

O sonho de Rayssa é ser médica pediátrica. Seu amor por crianças atípicas cresceu ainda mais após descobrir que seu primo era uma criança autista. As pesquisas e estudos a fizeram entender a necessidade de estimulação da criança com autismo. Ela explicou que quanto mais o assunto é trabalhado, mais os pequenos conseguem compreender. “O material é para as crianças entenderem que o capacete fica na cabeça e a meia deve ser colocada no pé, por exemplo. O meu público tem muita fonoaudióloga, psicopedagoga, além das mães que me procuram.”

Após Cauã começar a apresentar bons resultados, através dos estímulos proporcionados pelo material, surgiu a ideia de comercializar. “Eu comecei a desenvolver e hoje tem onze livros com atividades sobre coordenação motora e estímulo cognitivo. Comecei a partir dos planos terapêuticos dele, pesquisei bastante também. Fui vendo quais eram as necessidades. São coisas básicas, que crianças normais começam a aprender na escola como, por exemplo, as letras, as sílabas, as cores, os animais. A gente olha e logo consegue identificar, mas os autistas não.”

A policial militar Adriana Guedes, mãe de Cauã, explicou que é necessário que as crianças autistas tenham sempre o acompanhamento do pai e comentou sobre o quanto o material tem ajudado ao seu filho. “Está ajudando bastante no desenvolvimento dele. O material ajuda bastante principalmente quem não tem condições de fazer um tratamento. Os pais conseguem estimular bastante seus filhos sem precisar de um terapeuta. Eu mesma pensei em fazer esses materiais eu via que era muito bom. Foi quando surgiu a ideia, Rayssa gosta muito do meu filho e tem muito carinho especial.”



Fotos: Ortilo Antonio

Afeto e atenção foram os ingredientes necessários para que Rayssa publicasse um livro dedicado a crianças autistas que têm dificuldades nos processos cognitivos e de alfabetização



Material é uma forma de os pais estimularem os filhos em casa

O tratamento para as crianças autistas não é conseguido por todos e nem fornecido de forma integral. Por isso, Rayssa consegue não só empreender com o material que é vendido para todo o país através do seu instagram, mas também ajudar.

“Foi isso que eu pensei,



Material didático que tem ajudado muitas mães na educação de seus filhos autistas

eu queria algo para ajudar as crianças a serem estimuladas e que fosse acessível porque as mães de crianças autistas têm muitos gastos. Eu uni o útil ao agradável.”

Adriana Guedes ressaltou a importância

portância dos pais terem como estimular seus filhos em casa. Ela conseguiu ter o tratamento de Cauã feito todo através do seu plano de saúde, mas isso só foi possível através de um processo judicial. Isso porque nem todos os profissionais disponibilizados pelo convênio eram especializados em tratamentos para autismo. “Eu consegui as terapias, mas tive que colocar o plano de saúde na Justiça. Hoje ele faz tratamento, além de fazer acompanhamento com psicólogo e psicopedagogos. O material faz esse papel, até porque a maior parte do tempo a criança fica com a família e os pais têm que dar continuidade em casa ao tratamento.”

Através das redes sociais a estudante alcançou muitos esta-

dos do Brasil com o seu material didático. “Eu faço tudo pelo Instagram do Diversão Inteligente. Eu tenho todas as atividades no meu instagram, tem como entrar em contato comigo. Eu não imaginava que teria essa repercussão, fiquei muito feliz quando percebi a dimensão e tudo que estava acontecendo.”

Rayssa foi fazendo amizade com as mães de crianças autistas, e o boca a boca fez ela importar seu livros para estados como Ceará, São Paulo, Bahia, entre outros. Ela conta que até profissionais de saúde como fonoaudiólogos e psicopedagogos, também começaram a fazer encomendas. “No processo da venda, elas entram em contato, a gente conversa muito. Elas falam sobre os filhos e vão indi-

Designer de SP é uma das clientes do ‘Diversão Inteligente’

A designer de cílios, residente em São Paulo, Liliane da Costa, de 33 anos, é uma das clientes de Rayssa. Ela é mãe de Gustavo, de 4, diagnosticado com autismo. Ela descobriu a doença após levá-lo a um fonoaudiólogo por observar uma dificuldade de fala na criança. Apesar do pouco tempo desde que se tornou mãe de uma criança autista, Liliane comentou sobre o quanto o acompanhamento de profissionais de saúde especializados é importante.

“Ele começou a passar

na fono pelo governo só por um atraso de fala, fez os exames auditivos e não foi constatado nada, foi quando foi levantada a hipótese do autismo. Depois que veio o diagnóstico a gente conseguiu fazer o convênio para ele. Ele passou a ter terapia com o psicólogo, com a fono. Mas a gente também procura bastante coisa na internet porque mesmo sendo pelo convênio, eles não explicam muito pra gente.”

Foi na procura por respostas na internet que a

mãe de Liliane encontrou o Diversão Inteligente, e comprou o material de presente para o neto.

“A gente tem conhecido bastante pessoas, minha mãe também ajuda bastante com essas informações. Foi a primeira atividade que a minha mãe comprou pra ele, antes a gente estimulava com livrinhos, que vem pra contornar, porque ele não consegue segurar muito bem no lápis. Ele tem dificuldade, mas esse material que a minha mãe comprou agora ele amou.”

Os livros de estimulação de Gustavo foram além de um momento de aprendizagem, toda a família participa contribuindo com a educação e também com a diversão. “Meu marido também gostou bastante porque consegue fazer atividade com ele, meu outro filho de 10 anos também amou, se diverte com ele. Só que ele não quer que a gente ensine, quer fazer pra gente, mostrar como é. Ele amou, fica falando ‘mãe vamos fazer atividade’. A gente vai, senta com ele, é muito bom.”



O garoto Gustavo: satisfeito com o livro

Abrigos atendem 354 crianças e adolescentes em todo o Estado

Abandono e a violência são ações que podem partir dos próprios pais, parentes ou pessoas mais próximas

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

A criança e o adolescente são seres humanos em desenvolvimento e a eles são assegurados uma série de direitos previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). O respeito a essas garantias básicas é importante para que possam amadurecer de forma saudável. É, principalmente, no seio familiar que eles encontram todas as experiências importantes para sua evolução como pessoa. Mas, infelizmente, aqueles que deveriam dar amor, cuidado e proteção muitas vezes são autores de atos desumanos, ameaçando a integridade física e mental desses meninos e meninas.

O abandono e a violência são ações que podem partir dos próprios pais, parentes ou pessoas próximas. A situação muitas vezes se torna tão grave que a única saída é afastar a vítima da sua família ou cuidadores. Na Paraíba, existem 34 instituições de acolhimento, sendo nove em João Pessoa.

Das 354 crianças e adolescentes acolhidas no Estado, aproximadamente 100 estão na Capital. O preocupante é que do total do público atendido nos bairros pessoenses, mais da metade (53%) tem mais de 12 anos, ou seja, estão fora do perfil mais procurado para adoção. Apenas 9% dos requerentes de adoção na Capital preferem o público entre 12 e 18 anos. Enquanto isso, 69% deles optam por crianças entre zero e 6 anos de idade e 22% querem o perfil intermediário (6 a 12 anos).

No entanto, nem todos que são levados para os abrigos estão na lista para adoção. O juiz da 1ª Vara da Infância e da Juventude, em João Pessoa, Adhailton Lacet Porto, explicou que, apesar de estarem afastados das famílias, a permanência no abrigo não é definitiva para todos. “Apenas quando são esgotadas todas as possibilidades da criança ou adolescente permanecer na família biológica – natural ou extensa (avós ou outro parente próximo), ela entrará para o Cadastro Nacional de Adoção”, frisou Lacet.

Independentemente de retornarem ou não para seus lares de origem, cada um segue com sua história, compartilhando o mesmo espaço físico e assistência nas instituições acolhedoras que disponibilizam profissionais como psicólogo, assistente social e pedagogo. Em comum, esses meninos e meninas têm apenas as experiências e marcas deixadas pela violação de seus direitos. E são várias as formas de agressões. Entre elas a violência física, psicológica, abandono, abuso sexual, a situação de rua e os conflitos familiares.

Segundo a legislação, a intervenção estatal é prioritariamente voltada à orientação, apoio e promoção social da família natural, onde a criança e o adolescente devem permanecer. Infelizmente, quando há comprovação, por meio de decisão judicial fundamentada, o convívio com a família é descartado.

Uns podem retornar para casa, outros precisam seguir a vida em busca de um novo lar. Às vezes, o único que encontram é o próprio abrigo.



Foto: Marcello Casal/EBC

Das 354 crianças e adolescentes acolhidas no Estado, cerca de 100 estão na capital; o preocupante é que do total do público atendido nos bairros pessoenses, maioria não está no perfil de adoção

+ Emanuel e uma feliz realidade pela frente

Era uma vez um menino chamado Emanuel Silva (nome fictício), de 9 anos. Ele morava com a mãe e um irmão caçula em um bairro de João Pessoa. O pai foi assassinado. Apesar das precárias condições sociais e financeiras da família, o menino tinha desejos e necessidades como toda criança. Precisava de amor, proteção, educação, saúde e alimentação adequados.

A mãe de Emanuel morava com um companheiro, traficante de drogas. O tempo passou e um dia, o traficante exigiu que o garoto, já com 12 anos, trabalhasse para o crime, na função de “aviãozinho” (fazer a entrega da droga e receber o pagamento). O menino relutou, resistiu e não aceitou. O homem ficou bravo e disse para a mãe de Emanuel que iria embora e se ela quisesse acompanhá-lo teria de deixar o filho mais velho para trás.

Dias depois, a mãe de Emanuel pediu para ele brincar na rua, perto de casa. Enquanto a criança brincava, ela pegou o filho caçula, arrumou seus pertences e foi embora para outro bairro, juntamente com o companheiro.

Quando Emanuel ficou cansado de brincar, voltou para casa em busca de alimento e também descanso. Mas para sua surpresa, a casa estava fechada e a família havia desaparecido. Procurou, mas suas tentativas foram em vão. Percebeu, então, que havia sido abandonado. Vagou um tempo pela rua até que um vizinho atento percebeu a solidão da criança. Levou-o para casa e, juntamente com a esposa, cuidou de Emanuel por três dias. Depois o levou ao Conselho Tutelar.

Inicialmente Emanuel foi levado para a Casa Diagnóstica (espécie de Casa de transição da Prefeitura de João Pessoa, que recebe as crianças antes

de irem para um abrigo) e logo depois foi conduzido à Morada do Betinho, nos Bancários. Mas o ex-vizinho de Emanuel manifestou o desejo de adotá-lo. Em 2015, ele e a esposa tiveram a guarda provisória do garoto.

A equipe da Morada do Betinho, porém, procurou e encontrou a mãe biológica de Emanuel. A intenção era tentar recuperar os laços familiares, antes da concretização da adoção. Emanuel, com 12 anos, teve a oportunidade de ficar novamente frente a frente com sua mãe. Mas ela reafirmou, diante do filho e da coordenadora do abrigo, Lauricélia de Souza,

que não tinha interesse em ficar com o primogênito.

Emanuel foi morar, então, com o casal que estava com a guarda provisória. Apesar dos cuidados que os “pais do coração” ofereceram ao menino, a experiência não deu certo. As netas adolescentes do casal, que também moravam na residência, não aceitaram o novo integrante da família e a convivência se tornou desarmônica. Emanuel pediu a ajuda de Lauri-

célia e retornou para a Morada do Betinho, onde permanece até hoje. Ele não deseja mais ser adotado.

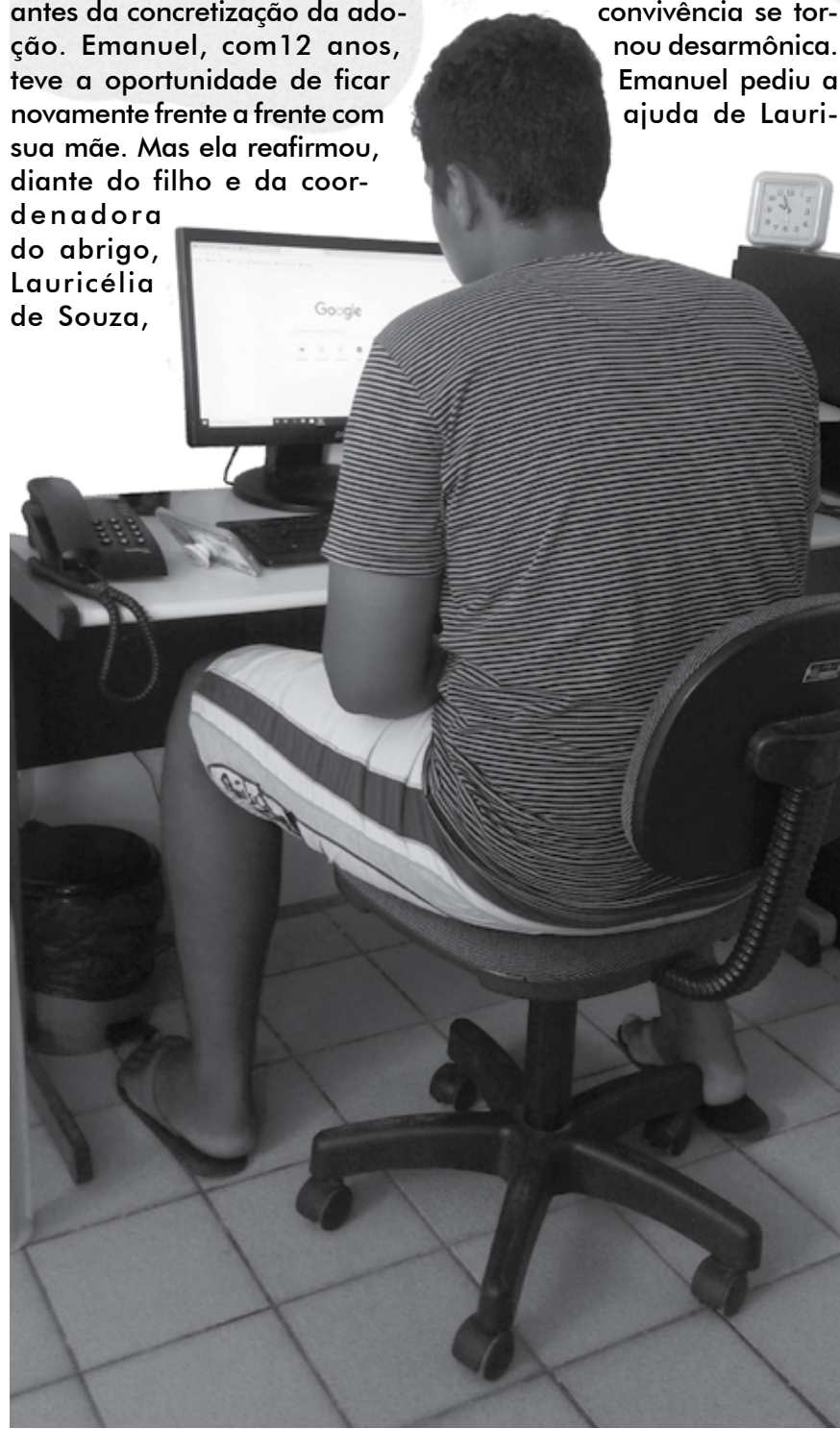
Com 15 anos, Emanuel faz o 8º ano do Ensino Fundamental II, gosta de matemática, futebol e de jogos eletrônicos de ação e aventura. Uma de suas paixões é cozinhar. “Quero ser um chef de cozinha e já estou fazendo cursos”, afirmou. Apesar de ser um adolescente de poucas palavras, quem o conhece garante que ele é um bom garoto. “É obediente, tranquilo, ajuda nos afazeres da casa”, garantiu Lauricélia.

Com relação à escola, apesar de ser estudioso, ele revela que não tem amigos, apenas colegas. Uma demonstração talvez de que ainda seja difícil confiar no próximo. O adolescente revela que não quer ficar sozinho quando ficar adulto e já faz planos. “Vou casar e ter uns dois ou três filhos”. Quando indagado sobre como deseja cuidar de seus filhos, ele é rápido na resposta. “Vou cuidar da forma certa, sem violência”.

SERVIÇO

■ Saiba Mais

Em 2019, foram registradas em João Pessoa 90 violações de direitos que levaram a aplicação de medida protetiva de acolhimento. Essas violações estão distribuídas da seguinte forma: negligência (28), conflito familiar (13), abandono pelos pais ou responsáveis (15), carência de recursos materiais (9), violência física ou psicológica (7), risco de vida na comunidade (5); suspeita ou abuso sexual (4), situação de rua (2), exploração sexual (2), pais ou responsáveis dependentes químicos (5). Para denunciar qualquer tipo de violência a população pode ligar para o Disque 100 ou entrar em contato com os Conselhos Tutelares da região.



Emanuel foi abandonado pela mãe e num abrigo encontrou esperança para seguir adiante

Na acolhida, crianças passam por processo de readaptação

Dependendo do caso, os profissionais fazem encaminhamentos médicos, psicológicos, psiquiátricos, entre outros

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Quando uma criança ou adolescente, que teve seus direitos violados, precisa ser afastado da família pelo Poder Público, o objetivo é preservar sua integridade física e mental. Apesar de necessária, a mudança não é uma missão fácil. Ela requer um período de adaptação e, nem sempre, a nova realidade é aceita.

De acordo com Juliana Ximenes Lopes de Medeiros, assistente social da Fundação São Padre Pio de Pietrelcina (Casa Padre Pio), que acolhe adolescentes do sexo feminino em João Pessoa, a instituição realiza um trabalho de escuta, análise de documentos, com cada recém-chegada à Casa. Nesse contato inicial, também são passadas informações sobre o funcionamento do local. Dependendo de cada caso, os profissionais fazem os devidos encaminhamentos médicos, psicológicos, psiquiátricos, entre outros.

Com diálogo e serviço humanizado as adolescentes acabam se acostumando com a mudança de vida. Apesar de raro, há registro de evasão do local. “Os problemas que surgem de adaptação são sempre naturais e resolvidos com muita escuta. Os que não conse-



Foto: Arquivo Pessoal

A pedagoga Lauricélia de Souza orienta crianças e adolescentes em JP

guem se adaptar são minoria”, contou Juliana.

Mas quando um adolescente sai do abrigo inesperadamente, há todo um trabalho de tentar resgatá-lo. Na Morada do Betinho, por exemplo, outra casa de acolhimento da capital, é realizada uma série de procedimentos.

A coordenadora do local, a pedagoga Lauricélia de Sou-

za, explicou que antes de mais nada é realizado um Boletim de Ocorrência (BO). O fato ainda é comunicado ao Conselho Tutelar e ao Ruarter, serviço de abordagem de rua municipal. “Às vezes as crianças voltam por conta própria”, ressaltou. A Morada do Betinho atende crianças e adolescentes de 7 a 18 anos de idade, de ambos os sexos.

Passada a fase de integração e acomodação nas casas de acolhidas, eles vivem uma rotina normal. Além de receber alimentação e vestuário, estudam nas escolas públicas, muitos fazem cursos profissionalizantes e são preparados para ter a independência financeira a partir dos 18 anos de idade. Salvo algumas exceções, essa permanência é estendida.

Para Juliana Medeiros, garantir essa autonomia é um grande desafio. “É muito difícil a questão do primeiro emprego. O ideal é que fossem feitas parcerias com empresas para que esses adolescentes tivessem oportunidade. As que surgem, sempre esbarram na questão da escolaridade e a grande maioria sofre de defasagem escolar. Sem oportunidades, como garantir uma vida digna?”, questionou.

A pedagoga Lauricélia de Souza lembrou que, antes de ir para qualquer abrigo, a criança ou adolescente passa um período de quase um mês na Casa Diagnóstica, local custeado pela Prefeitura onde é realizado um trabalho de busca de possíveis parentes antes das crianças irem para um abrigo. “Há a preocupação de saber se eles têm oportunidade de voltar para suas famílias. Não havendo essa possibilidade, vão para o abrigo”, disse.

Processo envolve sigilo

Os abrigos geralmente têm perfil de uma casa para que as crianças e adolescentes se sintam à vontade. Neste locais, os “moradores” têm liberdade para sair, estudar, porque não estão presos, mas são acolhidos. Um dado relevante é que essas instituições, mantidas pela Prefeitura ou que se sustentam como Organização Não Governamental ou fundações, não têm placa de identificação.

Isso é importante para garantir a segurança das crianças e adolescentes. Se-

gundo o juiz da 1ª Vara da Infância e da Juventude, em João Pessoa, Adhailton Lacet Porto, alguns acolhidos foram afastados de seus lares em situação de ameaça e violência, por isso têm de ter o paradeiro sob sigilo. “Alguns chegam a ser ameaçados de morte”, revelou o juiz.

Em João Pessoa, não é permitida visitação nesses locais, sem autorização do juiz da 1ª Vara da Infância e da Juventude, Adhailton Lacet Porto. Tudo para garantir o bem-estar desses pequenos moradores.

Foto: Marcos Russo



O juiz Adhailton Lacet: violência afasta crianças de seus lares

Dados mostram que 171 pessoas esperam por adoção

Muitos jovens e adolescentes que moram em uma casa de acolhimento institucional vivem na expectativa da adoção. Em João Pessoa, dados do Serviço Nacional de Adoção e Acolhimento mostram que 171 crianças e adolescentes estão à espera de um novo lar. Mas enquanto os “novos pais” não chegam, elas podem receber ajuda de “padrinhos”. Em João Pessoa, foi criado na 1ª Vara da Infância e da Juventude da Capital, o Núcleo de Apadrinhamento Afetivo Sorriso Infantojuvenil (Napsi).

São três os tipos de apadrinhamento que existem: afetivo, social e financeiro. Essa é uma forma de levar mais alegria à vida dessas crianças. Mas para assumir esse compromisso precisa ser feito um cadastro,

se capacitar, apresentar uma série de documentos, inclusive de antecedentes criminais.

Quem deseja ser padrinho afetivo pode levar para casa uma ou mais crianças do abrigo e ficar com ela um final de semana, feriado e até as férias. “O apadrinhamento é para proporcionar bem-estar às crianças que têm pouca ou nenhuma possibilidade de adoção”, explicou o juiz Adhailton Lacet Porto, da 1ª Vara da Infância e da Juventude.

Segundo ele, a partir dos oito anos uma criança que mora na casa de acolhimento já começa a enfrentar dificuldade para ser adotada. “Elas vão se eternizando nas casas porque as pessoas acham que estão muito grandes”, completou Lacet. Por isso, o padrinho afetivo

só pode ajudar acrianças a partir desta idade. A boa notícia é que o apadrinhamento pode ser uma prática de longa duração e perdurar até a maioridade da criança.

Quem não deseja passar um longo período com a criança ou o adolescente pode optar por ser um padrinho social. Este pode dar uma aula de determinada disciplina, se for um profissional da saúde também é possível oferecer serviços como consulta odontológica, ou seja, ele precisa se dispor a dar algum auxílio a uma ou mais crianças e adolescentes.

O padrinho financeiro não precisa nem ter contato direto com quem pretende ajudar. Basta dizer que deseja dar uma contribuição finan-

ceira a uma criança, que pode ser escolhida por ele ou pelo próprio abrigo, e designar a quantia desejada. O valor a ser doado também fica a critério do padrinho. Pode ser desde uma poupança em que se deposita uma determinada quantia uma única vez ou uma ajuda mensal ou semanal.

Quem deseja ser padrinho afetivo pode levar para casa uma ou mais crianças do abrigo e ficar com ela um final de semana, feriado e até as férias.

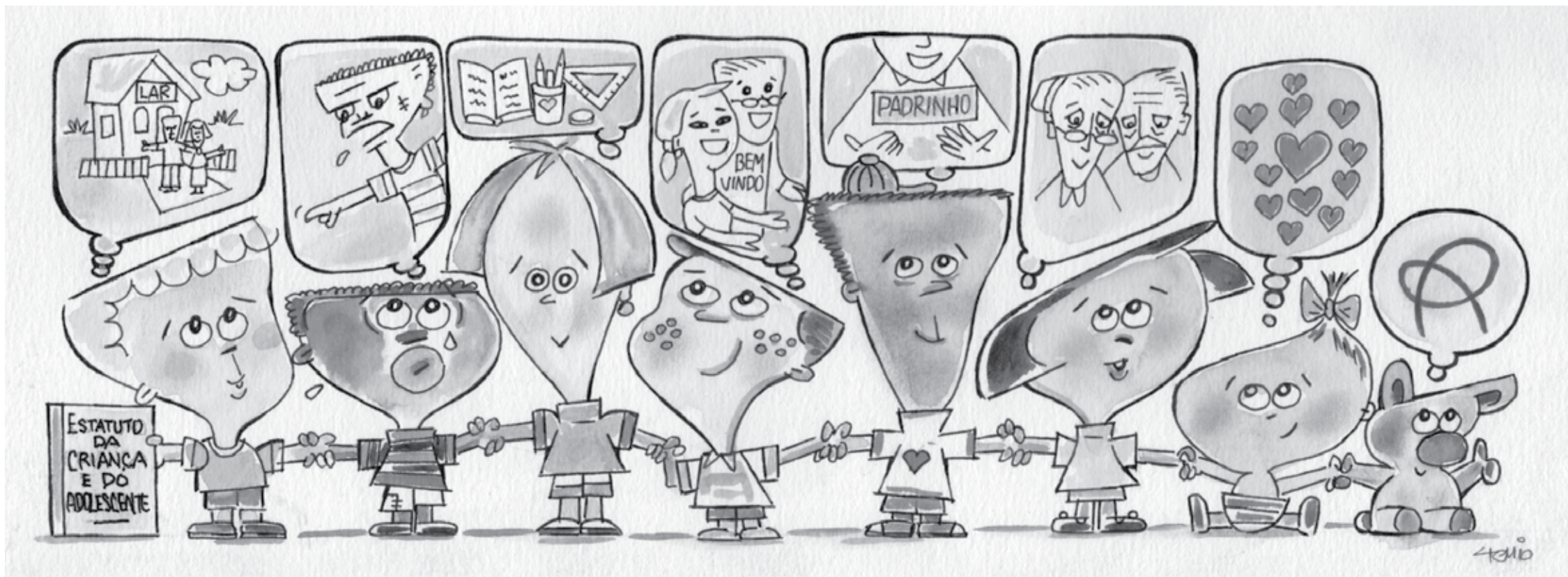
Como ajudar

O Núcleo de Apadrinhamento Afetivo Sorriso Infantojuvenil (Napsi) funciona na sede do Fórum da Infância e da Juventude da Comarca de João Pessoa.

Endereço: Avenida Rio Grande do Sul, nº 956, Bairro dos Estados.

Dias e horários: das 12h às 19h, de segunda a quinta-feira, e, na sexta-feira, de 7h às 14h.

Telefone: 3222.6156, ramal nº 212.



Empresa produz argamassa 60% mais econômica em CG

Indústria campinense inova ao colocar o ‘Cola-Jolo’, material ecológico, no mercado nacional da construção civil

Helda Suene
Especial para A União

CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Indústria de Campina Grande inova e coloca no mercado nacional da construção civil uma argamassa ecológica e corretamente que proporciona uma economia de até 60% no custo de assentamento da alvenaria. Entre outros benefícios do Cola-Jolo (como o produto é apresentado) estão: maior rapidez e praticidade de mão de obra nos assentamentos, alta redução no peso estrutural, maior resistência, compressão e flexão, zero desperdício, menor custo por metro quadrado e secagem rápida. O produto é fruto de pesquisa apoiada pelo Governo do Estado por meio de Edital Tecnova da Fapesq – Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba e Finep, com apoio da Secretaria de Estado da Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (SEECT).

A pesquisa foi desenvolvida pela empresa Plasvan e tem como objetivo disponibilizar no mercado nacional da construção civil a argamassa pronta. O produto tem como base da composição produtos nacionais e internacionais, e deve chegar ao mercado consumidor certificado pelo Instituto Falcão Bauer da Qualidade e aprovado pelo INMETRO.

A Cola-Jolo é desenvolvida à base de resinas poliméricas e compostos minerais, que permite edificações com mais agilidade, além de contribuir para o uso racional dos recursos naturais, já que substitui, em grande parte da obra, o cimento, a areia, a água e o cal no assentamento de tijolos e blocos.

O produto apresentado à Fapesq, desenvolvido pela Plasvan, traz uma cola polimerizada, apropriada para ser utilizada na construção civil, para assentamento de tijolos, blocos, pisos e pastilhas cerâmicas, desenvolvida através de uma tecnologia sustentável que não utiliza cimento e ainda não difundida no Brasil, que traz em sua formulação o uso de matéria importada e nacional, incentivando a indústria local, além de trazer uma contribuição para construção civil, visto a facilidade de manuseio e armazenamento, o que agiliza as edificações.



Fotos: Divulgação

A pesquisa foi desenvolvida pela empresa Plasvan e tem como objetivo disponibilizar a argamassa pronta e deve chegar aos consumidores do Brasil com a certificação do INMETRO



O Cola-Jolo foi apresentado recentemente para empresários da área

Investir em inovação é pensar no futuro

Para o presidente da Fapesq, Roberto Germano Costa, o apoio do Governo do Estado às empresas paraibanas tem sido fundamental para alavancar a economia regional. “Investir em inovação é pensar no futuro, no crescimento empresarial e no desenvolvimento do Estado”, frisou ele.

A coordenadora de Programas e Projetos da Fapesq, Ruth Silveira, salientou a importância do Programa Tecnova. “O objetivo principal do Programa de Subvenção Econômica é promover um significativo aumento das atividades de inovação e o incremento da competitividade das empresas e da economia do país. Desta forma, esta Chamada Pública visa apoiar projetos de inovação, que envolvam significativo risco tecnológico associado a oportunidades de mercado”, salientou.

O coordenador do projeto e responsável pela empresa Plasvan, Thiago Rocha, afirma que a Cola-Jolo é uma massa colante, atóxica, de secagem 12 vezes mais rápida, reduzindo assim o tempo de duração da construção. Fruto de quatro anos e meio de pesquisa, contando com centenas de testes e análises de produtos, a cola é feita com produtos nacionais se tornando extraordinariamente mais barata. Thiago afirma que o material é cinco vezes mais resistente que o cimento.

O produto a ser certificado como Cola-Jolo, também, atende a necessidade de buscar alternativas tecnológicas para uma Construção Verde, em consonância com a necessidade de haver o uso consciente dos recursos naturais, já que sua utilização nas edificações substitui, em grande parte, o uso de cimento, água, cal e areia, o que diminui o entulho e proporciona uma obra leve, limpa e segura.

Produto é ecológico e sustentável

A Cola-Jolo permite a ancoragem dos tijolos ou blocos sem usar telas, pinos e grampos, tem fácil e rápida aplicação, o que gera uma economia e rapidez, também, na hora de ser feito o reboco das paredes, já que sem excesso de material entre os tijolos, a massa para rebocagem fica mais fina.

Outra grande vantagem é que a Cola-Jolo tem uma secagem bem mais rápida do que a mistura de cimento, seu tempo de cura máximo é de 72 horas, já o da mistura do cimento leva uma média de 10 dias, dependendo da umidade do ar e outros fatores externos. Tal fato, então, acelera o tempo total da construção, o que gera impacto econômico na obra.

Este produto inovador vem contribuir de forma significativa para o meio ambiente, pois segundo o Ministério de Planejamento, a construção civil consome de 15 a 50% dos recursos naturais extraídos no Brasil, requerendo, além disso, muita energia para a produção, e ainda, gerando resíduos e emissão de CO2. Os entulhos das edificações e das demolições também são um grave fator ambiental, já que se forem descartados de forma incorreta provocam enchentes e disseminação de pragas. Já que a Cola-Jolo traz em sua composição 30% de resinas poliméricas, a sua composição traz leveza às edificações.

A discussão acerca da poluição trazida pelas fábricas de cimento, o uso racional da água e a extração da areia para utilização na construção civil é algo bastante indagado, tendo nos Estados Unidos o uso de areia sintética desde 1970, visto os grandes impactos ambientais que é percebido com a extração do material, normalmente, retirada nas

margens dos rios. No Brasil, como um todo, a areia para construção civil é totalmente retirada do meio ambiente.

Na tendência de buscar tecnologias sustentáveis para o desenvolvimento social, objeto do Edital Tecnova, a Cola-Jolo vem contribuir com o crescente mercado da construção civil. A composição de produtos para produção da cola-jolo, desenvolvida pela Plasvan, contribui significativamente tanto para construção menos poluente, já apontados, bem como para o desenvolvimento de tecnologias nacionais voltadas ao setor.

O produto Cola-Jolo já está com sua formulação desenvolvida, a qual já foi testada pela equipe da Plasvan e validada pelo Instituto Falcão Bauer. A empresa está em vias de iniciar o processo de fabricação e distribuição ao mercado.



Material permite a ancoragem dos tijolos





Foto: Divulgação

Falves Silva lança '12x9+n=y', inspirado no poema/processo

Livro foi construído na linguagem visual do movimento que nasceu no Rio de Janeiro em meados dos anos 1960

André Cananéa
andrecananea2@gmail.com

Ícone de um movimento que surgiu nas artes brasileiras em meados dos anos 1960 batizado de “poema/processo”, o paraibano Francisco Alves da Silva, o Falves Silva, foi um dos ponta de lança desse movimento aqui perto, em Natal (RN), onde está radicado desde a infância.

Com uma linguagem própria, que desconstruía as ideias do Concretismo, o poema/processo surgiu em 1968 no Rio de Janeiro e, pouco tempo depois, encontrou ressonância em Natal, com episódios na Paraíba, notadamente em João Pessoa e Campina Grande (história contada na edição de outubro do *Correio das Artes*, cuja versão digital pode ser baixada através do QR Code desta página).

Em outubro, em Natal, Falves lançou *12x9+n=y*, obra que traduz a proposta dos artistas que se lançaram no poema/processo, um misto de artes visuais, história em quadrinhos e poesia. O livro, de 170 páginas, foi lançado pela Editora 8 e saiu com uma tiragem de 300 exemplares, numeradas e autografadas pelo artista.

A obra tem por base uma plaquete lançada por Álvaro de Sá (1935-2001), um dos pioneiros do movimento, em 1967. Batizada de *12x9*, a obra era composta por nove quadrinhos espalhados por 12 páginas.

Em 1991, Álvaro voltou à obra de 1967, rebatizando-a de *Poemática*, que recebeu como subtítulo *12x9+n*, afinal acrescentava ao trabalho *12x9*, novos elementos, que ele batizou de “+n”. Aí este ano, Falves acrescentou ao *12x9+n* um “=y” e criou sua própria obra.

“Na realidade, este meu livro é uma crítica apologética ao Álvaro de Sá”, explicou Falves, em visita à redação do jornal A União, em João Pessoa. “Certa vez, Álvaro me disse que só é possível fazer uma crítica ao poema-processo, utilizando a própria linguagem do poema-processo. Então é preciso fazer uma versão do trabalho anterior”, acrescenta.

O prefácio - ou “pré-fácil” - dá o tom da obra: nove quadrinhos dispostos em uma coluna 3x3 extrai, das histórias em quadrinhos, a proposta inovadora de dar um novo sentido à leitura imagética a partir de balões, cores, formas e letras. E assim, como Falves fez com o livro de Álvaro de Sá, ele espera que outros artistas e/ou leitores criem sua própria obra a partir de uma versão do livro dele.

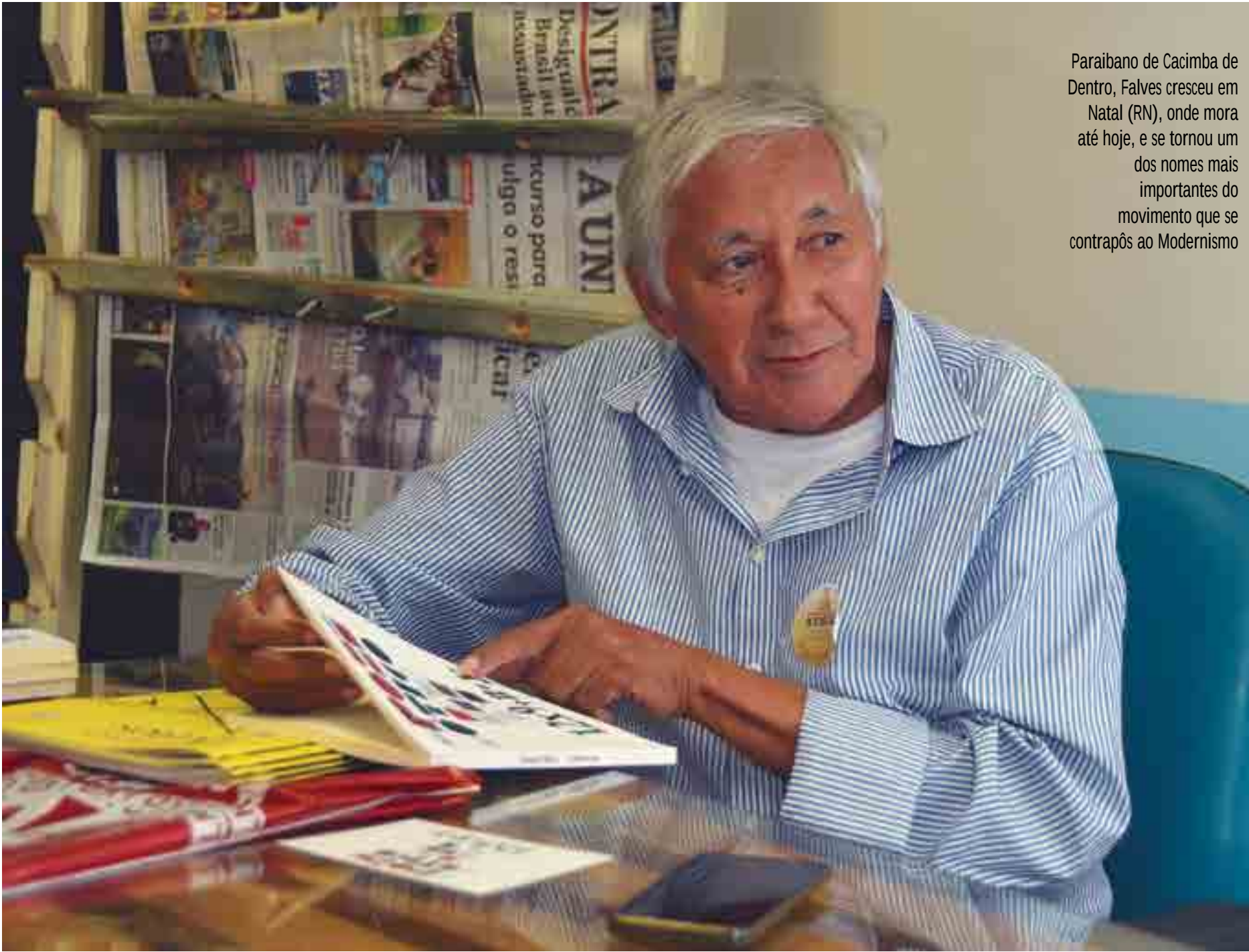
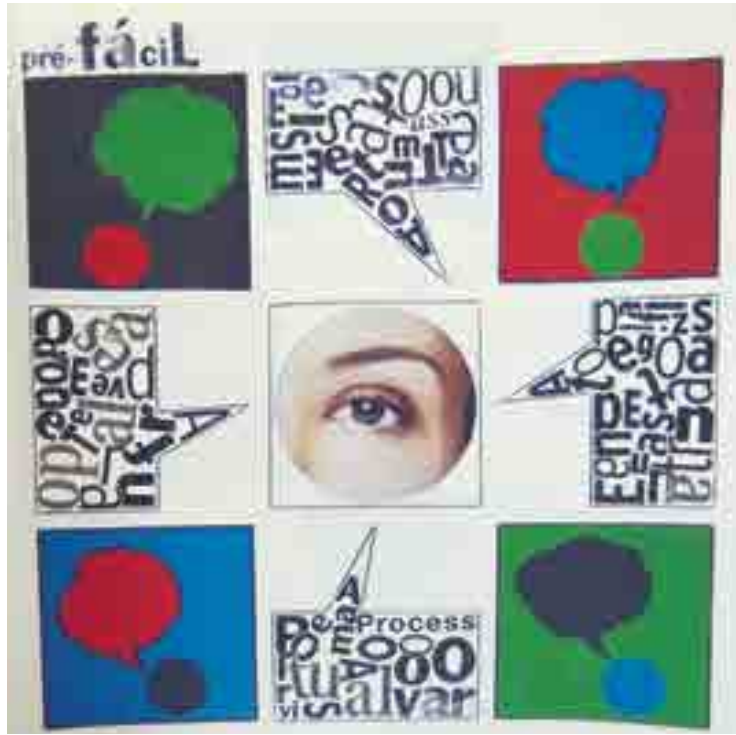
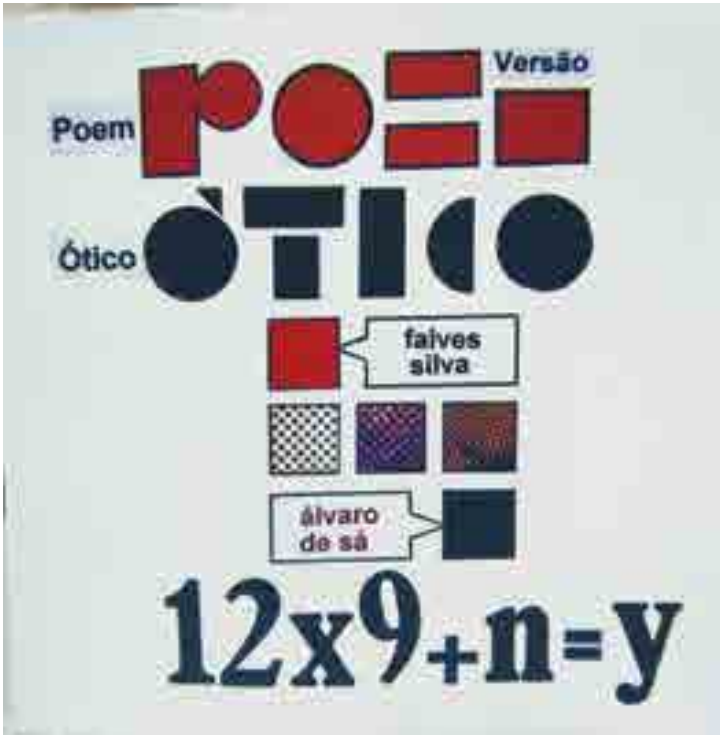


Foto: Edson Matos

Paraibano de Cacimba de Dentro, Falves cresceu em Natal (RN), onde mora até hoje, e se tornou um dos nomes mais importantes do movimento que se contrapôs ao Modernismo



Fotos: reprodução

Capa de '12x9+n=y', o 'pré-fácil' e páginas do livro (abaixo): obra segue os preceitos do poema/processo, utilizando linguagem de HQ e artes visuais

“Portanto, estamos diante de uma obra experimental, cujo fenômeno estético nos remete às vanguardas históricas que permeiam o movimento artístico modernista do início do século XX e que percorre as décadas seguintes mundo afora: Futurismo Russo, Cubis-

mo, Suprematismo, Semana de Arte Moderna de 1922, Poesia Visual, Pop-Arte, Poesia Concreta, Poema-Processo”, escreveu na introdução do livro.

A obra foi feita entre 2002 e 2005, explica o autor, mas só conseguiu ganhar exemplares neste último trimestre de

2019. Há muito de semiótica e a leitura do livro suscita não só múltiplas interpretações, mas também interações. Faz parte da proposta do poema/processo, como já conceituou o artista visual José Rufino, responsável por resgatar essa história nas páginas do *Correio das Artes*.

Segundo ele, o poema-processo se oferece, como um esquema, para que o leitor crie sua própria arte. Por isso mesmo, é uma eterna obra em progresso.

Fanzines

Nascido em 1943 em Cacimba de Dentro, a 150 quilô-

metros de João Pessoa, Falves se mudou com a família ainda criança para Santa Rita. Aos dez anos, saiu de lá para Natal, onde mora até hoje.

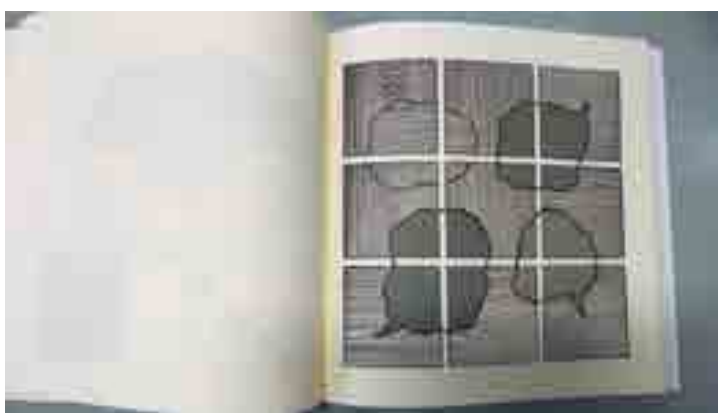
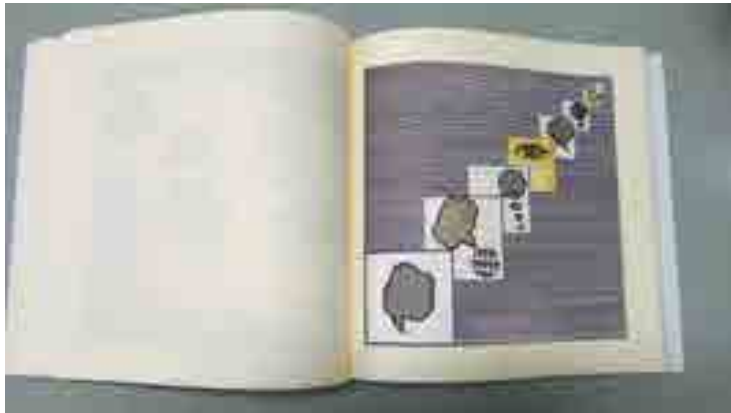
Aposentado do serviço público, aos 73 anos ele segue produzindo arte. “Hoje a minha produção se divide entre desenhos e colagens, de temáticas erótica, política e social, obviamente ligadas ao poema/processo”.

Artista visual autodidata, ele lança seus desenhos em fanzines em papel ofício, numerados e autografados. Verdadeiras obras de arte com tiragens limitadíssimas.



Aponte a câmera do seu smartphone para o QR Code acima e baixe a edição digital do *Correio das Artes*

Foto: reprodução



Artigo Estevam Dedalus

Sociólogo

As mulheres e o segredo da felicidade

É um erro reduzir os níveis de felicidade aos indicadores de crescimento econômico do país ou à renda mensal. É evidente que a satisfação pessoal tende a aumentar quando saímos do reino das necessidades essenciais – e que pobreza não combina com felicidade.

Existe, porém, um limite entre o aumento de renda e o aumento de felicidade. O sociólogo Zygmunt Bauman observou que a sensação de felicidade para de crescer quando as pessoas se veem plenamente atendidas em suas necessidades essenciais. O que é reforçado por estudos de economistas que mostram que o grau de felicidade declarado por indivíduos com renda anual entre 20 mil e 35 mil dólares é apenas um pouco maior do que o de pessoas com rendimentos na faixa de 10 mil dólares. Outros fatores, portanto, parecem ser mais decisivos quando são atendidas nossas necessidades básicas.

A antropóloga e professora da UFRJ, Mirian Goldenberg, fez uma pesquisa com 5 mil homens e mulheres sobre felicidade e velhice. Os seus dados reforçam a ideia da “curva da felicidade”, isto é, que nos sentimos mais felizes durante a infância e a velhice do que na fase adulta. Segundo Goldenberg, o nível de felicidade cai gradativamente depois da infância, chegando ao seu pior estágio entre os 40 e 50 anos, mas depois disso ele volta a crescer.

A percepção da felicidade costuma variar entre homens e mulheres. As mulheres mais infelizes, diz Goldenberg, são as que atingiram a “meia idade”. Suas principais

queixas estão relacionadas à falta de tempo, reconhecimento e liberdade. Uma das perguntas feitas pela pesquisadora foi o que elas mais invejavam nos homens. As respostas mais comuns foram: a) liberdade; b) fazer xixi em pé.

Nessa fase da vida as mulheres se sentiriam sem liberdades para sorrir em voz alta, se vestir como queiram e sexualmente reprimidas. Outro problema são as exigências sociais em relação ao corpo e à beleza. A maioria das entrevistas apontou que corpo, beleza, juventude, magreza e sensualidade são as coisas que elas mais invejam noutras mulheres. Essas coisas parecem ter menos importâncias depois dos 50 anos, quando a curva de felicidade começa a subir. Nesse momento a sensação de liberdade aumentaria; as mulheres seriam mais empoderadas e emocionalmente maduras.

Elas passariam, assim, a dar mais valor ao tempo, deixariam de querer agradar todo mundo, cuidando melhor de si. Elas aprenderiam a dizer não. O que é indispensável para que façam o que Goldenberg chama de “faxina existencial”. As mulheres começam a ligar o “foda-se” para certas pressões sociais.

É bastante curioso na pesquisa a importância que as mulheres mais velhas dispensam às suas amigas, são elas que as levam ao médico, dão carinho e atenção – muitas vezes até mais que seus filhos e maridos. O que essas mulheres parecem descobrir tardiamente é que o segredo da felicidade é a liberdade.

Crônica Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

‘Trivialidades de casamentos’

‘Cenas de um Casamento’, de Ingmar Bergman (1973), não se casa com ‘História de um Casamento’, de Noah Baumbach (2019). da Netflix). Quarenta e seis anos depois, quando Bergman lançou o filme que parecia definitivo sobre essa história de “relacionamentos”, a remota e gostosa brincadeira a dois, muita gente que viu, na época, não gostou. Falavam: “É um filme monótono”. Monótono é outra coisa. Ali já trazia um estudo mais aprofundado sobre o gênero humano, que é sempre confuso e contundente.

Pois bem, chegou a vez do cineasta Noah Baumbach trazer sua versão sobre o tema - sem deixar de mencionar o clássico de Bergman, em sutil citação através de uma reportagem estampada na parede do passado. Entretanto, por mais que os filmes tratem do mesmo assunto, há muitas diferenças. Às vezes, gritantes.

‘O Casamento...’ de Bergman é protagonizado por Johan (Erland Josephson) e Marianne (Liv Ullmann), casados há 10 anos e muito, muito, muito felizes. Lá estão cenas desenhadas, além das obrigações sociais e familiares, quando aparecem marido e mulher inteiros. Entre as trivialidades, o trabalho, o amor e as dificuldades de se passar tanto tempo juntos. Dez anos é muito tempo?

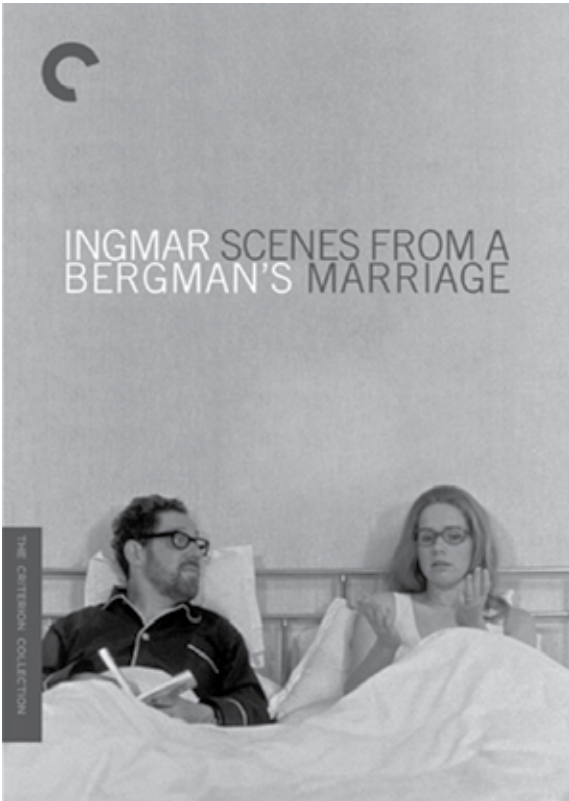
Algumas coisas curiosas já podem ser vistas nos primeiros diálogos. Liv Ullmann está deslumbrante. Sua Marianne começa tímida, dependente (como sempre acontece), quase subserviente à ideia do marido perfeito e do casamento ideal, embora ela saiba que não existe esse “ideal” na realidade. E não existe mesmo.

Um diferencial que merece atenção em ‘História de um Casamento’ é o fato da disputa entre os personagens estar focada não em torno dos sentimentos do casal, Scarlett Johansson (Nicole) e Adam Driver (Charlie), ou não só destes

sentimentos, mas em torno da guarda do filho. Inclusive há no filme um diálogo preciso que retrata bem o contexto desse embate: “Os pais disputam a guarda porque amam seus filhos, mas ao mesmo tempo tiram dinheiro da educação dos deles para bancá-la”. Isso é cruel.

Eu não ia escrever sobre o filme. Queria contar no ouvido de alguém, só um pouquinho de ‘História de um Casamento’. Minha amiga Lourdes Freitas me enviou a coluna de João Pereira Coutinho e me animei em escrever. Diz ele: “Dizia Mae West que a velhice não é para gente frouxa. No meu caso, ainda é cedo para dizer. Mas se trocarmos velhice pela separação amorosa, assino embaixo”. Isso dele dizer assino embaixo é uma pancada, mas sei que atrás de ‘Um Bonde Chamado Desejo’ (de Elia Kazan, 1951), só não vai quem já morreu.

Mais adiante, o colunista da Folha traz à tona a questão da sobrevivência e, cá pra nós, só se sobrevive com dinheiro. “Sobreviver, eis a palavra. Porque sobrevivemos sempre – ou, talvez mais importante, nunca aprendemos nada. Essa, aliás, é a pergunta: para que amar se perder dói tanto? O escritor C.S. Lewis, que formulou a questão, dizia que a dor que sentimos faz sempre parte da felicidade que tivemos”.



Está lá no bojo de ‘A História do Casamento’ a praga da importância do dinheiro, o mesmo dinheiro, quando muitas vezes se deixa de lado para evitar questões mais profundas acerca das necessidades emocionais de cada um, que por vezes passam longe da razão. Ou seja, o filme de Bergman é exemplar. Salve, Baumbach! E os advogados? Puxa vida! São cruéis!

“Eu te odeio”, “Eu te mato”, “Eu queria ter ver morta”, “Você é cruel”, “Tantos anos e só agora fui conhecer esse seu lado egoísta”, “Você é um monstro”, “Sai de perto de mim”, “Você acabou com minha vida”, “Você é uma merda”, “Você não vale nada”, “Vai pro inferno!”. Tudo isso pode estar no filme da vida de muitos casais Ou algo parecido está no filme Noah Baumbach.

Ouçá um bom conselho: Vejam o filme, não vejam o filme.

Kapetedas

- 1 - Eu lhe amo. - Infelizmente não posso amar de volta uma pessoa que conjuga o verbo amar como verbo transitivo indireto.
- 2 - Muitos já acordaram poucos para a vida.
- 3 - Se acaso me quiseres sou dessas mulheres que só leem Nietzsche.
- 4 - Som na caixa: “Ela só pensa em casamento e eu nunca mais fui a escola”, Caetano.

Carlos Gildemar Pontes

Especial para A União

A maturidade cultural de Cajazeiras

Algumas cidades no mundo são caracterizadas pela identidade do seu povo, pela história que construíram e pela visibilidade que conseguiram no mundo, gerando renda e movimentando o motor da economia local. Roma, Atenas, Paris, Macchu Picchu, Ouro Preto, Bariloche, Santiago de Compostela, Orlando, Juazeiro do Norte... são inúmeras cidades que guardam características próprias e definem valores de um povo e de um país.

No Brasil, geralmente são as cidades históricas e seu patrimônio material que fazem a riqueza cultural de estados como Minas Gerais, Rio de Janeiro, Paraíba e Bahia. O turismo atrai visitantes do mundo inteiro no Nordeste, especialmente no Ceará e Rio Grande do Norte. Temos, pois, na riqueza dos estados, a riqueza cultural do seu povo.

A Paraíba desponta no cenário nacional com a arte rupestre em Ingá, a presença dos dinossauros na região de Sousa, a arte sacra barroca em João Pessoa, o Festival de Artes em Areia, o São João em Campina Grande. Evidente que cada cidade tem o seu atrativo e a sua alcunha, batizada pelo povo em função de algum fato relevante que marcou a sua história.

Cajazeiras é tida como a “cidade que ensinou a Paraíba a ler”. Alguns historiadores justificam o chamado pelo fato de ter sido a família do Padre Rolim o primeiro núcleo a improvisar uma escola no sertão paraibano. A controvérsia de estudiosos, como o Padre Gervásio, se dá pelo fato cronológico de ter sido em João Pessoa, através da igreja católica que ocorreu a primeira atividade educacional. Essa defesa se baseia no argumento histórico por ter sido João Pessoa a terceira cidade mais antiga do país, fundada em 1585, com o nome de Cidade Real de Nossa Senhora das Neves. Controvérsia a parte, o fato é que o jargão de Cajazeiras pegou e quem quiser se debruçar para testar a veracidade histórica deverá pesquisar nos documentos da igreja para ver se, de fato, existem registros de algum empreendimento educacional que justifique o lugar de origem da primeira escola e da atividade de leitura.

Outro jargão corrente é que Cajazeiras é a “cidade da cultura”. Aí temos muitas controvérsias a partir do próprio conceito de Cultura. Em que sentido se dá esta alcunha? A depender do que entendemos por cultura, qualquer cidade pode reivindicar esta virtuosidade, pois cultura, de um modo geral, é o fazer humano. Mas, me parece, que o sentido utilizado é o de produção artística, principalmente quando falamos de Teatro, com imensa produção e nomes relevantes para a arte cênica brasileira, como Íracles Pires, que batizou o teatro local, Marcélia Cartaxo, Soia Lira, Buda Lira, Lacy Nogueira, além de muitos atores, atrizes e diretores de teatro que se destacam no cena cultural regional e nacional, a exemplo de Eliezer Rolim e Ubiratan de Assis.

Se pendermos para a música, muitos nomes representam as vozes e o instrumental de apoio, como Edmar Miguel, Maestro Rivaldo Santana e Maestro Esmerindo Cabrinha, além de bandas de rock contemporâneas como Metamorfose e Arlequim. A literatura tem destaque com um grande romancista, Ivan Bichara, que apesar da política ter sufocado o escritor, produziu duas obras primas da literatura regional, O Carcará e Joana dos Santos. Na poesia, sobram talentos. Repentistas, poetas populares e eruditos como Cristiano Cartaxo e seu rebento Constantino Cartaxo; Linaldo Guedes, o poeta jornalista; José Moraes e sua viola, rappers e performáticos, enfim, uma plêiade de escritores que giram em torno da Academia Cajazeirense de Artes e Letras – ACAL, símbolo maior deste amadurecimento cultural.

Se temos na ACAL uma entidade que representa simbolicamente a cultura plural da cidade, todo esforço para tornar Cajazeiras a cidade da cultura ainda carece de mais apoio por parte dos poderes públicos e do empresariado. Ainda é pouco o apoio, ainda são poucos os recursos, mesmo contando com o apoio da prefeitura municipal através do Fundo Municipal de Cultura – FUMINC, Cajazeiras precisa trabalhar na direção de que a cultura literária, musical, teatral, etc., sejam complementos fundamentais para a conquista da cidadania plena. Iniciativas individuais, como o promovido pela CZ Produtora de cultura, ampliam as possibilidades de captação de recursos privados e públicos no investimento da amplitude da cultura. Os eventos produzidos pela CZ Produtora mostram um amadurecimento nas formas de captar e produzir espetáculos de qualidade. O maior deles, até o momento, foi sem dúvida o espetáculo “Um som para Gonzaga”, homenagem prestada pelos 30 anos sem a presença do rei do baião e pelo seu aniversário de nascimento.

Celebrar a força da cultura nordestina, com um representante à altura de Luís Gonzaga, misturando ritmos e instrumentos a partir de arranjos magistrais das Orquestra FUNFFEC de Cordas, da Fundação Francisca Fernandes Claudino, da cidade de Luís Gomes-RN, sob a regência do maestro Leandro Oliveira e da Big Band Sol Mi, da Fundação Lica Claudino, da cidade de Uiraúna, regida pelo maestro Lúcio Andrade Duarte.

Talvez esse seja o caminho para um registro definitivo de Cidade da Cultura atribuído a Cajazeiras. Apesar das discordâncias do acadêmico Pepe Pires, que rebate o termo como sendo impróprio, Cajazeiras vai resgatando um passado festivo, quando estudantes promoviam as Semanas Universitárias, verdadeiras fábricas e revelações de talentos. Talvez Cajazeiras precise ler um pouco mais para reconhecer no passado uma história de lutas e glórias que hoje estão distantes, mas precisam ser reavivadas com o atual momento de ebulição cultural que toma conta da cidade.

“Um som para Gonzaga” mostrou um teatro lotado de uma plateia ávida por bons espetáculos. O refinamento espiritual de uma sociedade se reconhece pela sua capacidade de atrair eventos de qualidade estética, de prestígio do público e de sonhadores como os que estão na rede de apoio para a promoção da arte e da cultura deste país.

Carlos Gildemar Pontes é professor da Universidade Federal de Campina Grande, campus de Cajazeiras, e escritor. Lançou este ano “Os olhos tardios de Maria”, seu mais novo livro de contos

Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB

Um Feliz Natal em dose dupla

Mesmo que não seja um “White Christmas” de verdade, com bonecos de neve e pinheiros gelados –acalentado ainda pelas vozes natalinas à lá Bing Crosby ou de um Sinatra, como nos velhos filmes de Hollywood, ao nos encher de magia nas salas de cinema –, é possível que hoje, mesmo assim, possamos ter, de algum modo, tamanha felicidade ao celebrarmos o Natal. Digo isso, em regozijo próprio, pelo que foi e ainda representa para mim essa época natalina.

De tempos idos, lembro do Cine São Pedro, na Rua São Miguel da Praça da Pedra, onde residi por algum tempo, e do velho Astória, mais adiante, na descida para a Ponte do Baralho (Sanhauá). Isso, sem falar dos cinemas de meu pai “Seu Alexandre”, quando exibiam clássicos dos anos quarenta e cinquenta, como “Milagre na Rua 34”, “Natal Branco”, além de “A Felicidade não se Compra” de Frank Capra, com o desajeitado, mas bom ator no filme James Stewart e a bela Donna Reed.

Como quase toda obra do gênero, o filme abre sob os acordes de sinos natalinos, numa rua noturna, com um espírito candidato a anjo, que para ganhar suas asas tem a missão de ajudar um valeroso empresário (Stewart) que endividado e comprometido pelo momento de recessão, busca suicidar-se, e busca atirar-se de uma ponte nas águas geladas do rio. Mas o espírito lhe convence a não se suicidar, e o reconduz ao convívio da família. Então, naquela noite de Natal, a comunidade sabedora da situação do empresário falido, vai em peso à sua casa, contribuindo com o que podem, para a alegria geral da família.

Mesmo com a idade que já tenho, de



Filme “A Felicidade não se Compra” de Frank Capra

Foto: Divulgação

quando em vez essalção de vida sempre me aflora, justamente nesta época, quando devemos ser generosos. De que, a “felicidade não se compra”; ela deve nos ser presenteada com os gestos da mais pura solidariedade.

Ano passado, quando festejávamos novas alegrias de mais um ano findo e um festivo mês natalino, aqui mesmo em A União eu registrava dois importantes ocorridos em minha vida, que até hoje me têm proporcionado indescritível fortuna.

Primeiro, o aniversário de sexto ano de vida do meu estimado netinho Arthur Luna (nome de rei!), celebrado no dia 6 de dezembro, Dia de Santa Claus, com todos os bons augúrios que a data possa lhe pro-

porcionar. Esses, pronunciados pela tradição de fim de ano.

Segundo, também no mesmo mês, o nascimento de um novo netinho, Miguel Alexandre (também nome de rei), que chegaria exatamente entre as duas grandes alegrias natalinas – 27 de dezembro de 2018. E que seria (escrevera eu) “uma nova história de vida a ser contada, proximamente...”

Hoje, aqui estamos nós em mais um “Merry Christmas”, sendo possível contabilizar o tanto de felicidade que os dois netos nos têm proporcionado. Tanto a mim – vovô-Lex –, como a todos da família. Pois é, “a felicidade não se compra”... – Mais “coisas de cinema”, acesse: www.alessantos.com.br.



Fotógrafo expõe na Casa da Pólvora

Aberta na terça-feira passada a exposição “Eis um frame” do fotógrafo João Carlos Beltrão na Casa da Pólvora, em João Pessoa fica aberta para o público até o dia 15 de janeiro do próximo ano, das 9 da manhã às 17 horas, durante toda semana.

Fotógrafo de vários documentários paraibanos, João Carlos Beltrão é membro da Academia Paraibana de Cinema, ocupando a Cadeira 49, cujo patrono é Adalberto Barreto. A exposição fotográfica de Beltrão contempla cenas de várias produções realizadas na Paraíba. Evento que se irmana às celebrações do Dia Mundial do Cinema, pela APC.

Em cartaz

ESTREIAS DA SEMANA

A Rosa Azul de Novalis. (Brasil. Dir.: Gustavo Vinagre, Rodrigo Carneiro. Drama. 18 anos). Marcelo, um dândi de cerca de 40 anos, possui uma memória inigualável. Revive lembranças familiares em sua cabeça e tem recordações de suas vidas passadas. Em uma delas, foi Novalis, poeta alemão que perseguiu uma rosa azul. E nessa vida atual, a que Marcelo persegue? **Cine Bangüê:** Qui (19/12), 20h30; Dom (22/12), 18h; Dom (29/12), 16h.

Playmobil: O Fim. (Playmobil: The Movie. França. EUA. Dir.: Lino Di Salvo. Animação. Livre). Quando seu irmão mais novo, Charlie, inesperadamente desaparece no universo mágico e animado de Playmobil, Mario deve embarcar na maior aventura de sua vida para trazê-lo de volta para casa. **MAG 2** (dub): 13h45, 16h. **Manaira 4** (dub): 13h15 (sáb. e dom.), 15h30, 18h (exceto ter). **Mangabeira 3** (dub): 14h, 16h15, 18h45 (exceto ter).

Star Wars - A Ascensão Skywalker. (Star Wars - The Rise Of Skywalker. EUA. Dir.: J.J. Abrams. Ação/Ficção Científica. 10 Anos.). A Resistência sobrevivente enfrenta a Primeira Ordem mais uma vez no capítulo final do saga Skywalker. **MAG 1** (leg, 3D): 13h15, 20h30; **MAG 2** (leg): 18h30; **MAG 3 Atmos** (dub, 3D): 14h30 (exceto qua.), 17h45; **MAG 3 Atmos** (leg, 3D): 21h. **Manaira 1** (dub): 13h (sáb e dom), 16h15; **Manaira 1** (leg): 19h30; 22h45; **Manaira 5** (dub): 18h15; **Manaira 5** (leg): 15h, 21h30; **Manaira 6** (dub, 3D): 14h45, 17h45; 21h; **Manaira 7** (leg): 13h45 (sáb e dom), 16h45; 20h; **Manaira 9 XE** (dub, 3D): 12h30 (sáb e dom), 19h; **Manaira 9 XE** (leg, 3D): 15h45, 22h15; **Manaira 10 VIP** (leg, 3D): 14h15, 17h30; 20h45; **Mangabeira 1** (dub, 3D): 15h45, 19h; 22h15; **Mangabeira 4** (dub, 3D): 15h, 18h15; 21h30; **Mangabeira 5** (dub, 3D): 14h15, 17h30; **Mangabeira 6** (leg, 3D): 20h45; **Tambá 4** (dub): 14h20, 17h15, 20h10; **Tambá 5** (dub): 15h, 18h, 21h; **Tambá 6** (dub, 3D): 14h40, 17h40, 20h40. (* exceto ter)

ESPECIAL

Cats. (Cats. EUA. Dir.: Tom Hooper. Musical/comédia. Livre). Uma tribo de gatos chamada Jellicles deve decidir anualmente qual ascenderá à camada Heaviside e voltará a uma nova vida Jellicle. **MAG 1** (leg): 19h*. **Manaira 11 VIP** (leg): 14h30*, 17h15*, 20h15*. (* apenas qua).

CONTINUAÇÃO

A Revolução em Paris. (Un Peuple Et Son Roi. França, Bélgica. Dir.: Pierre Schoeller. Drama. 16 Anos.). Em 1789, sob o reinado de Luís 16, o povo francês rebelou-se contra a monarquia e exigiu uma transformação na sociedade baseada nos princípios de liberdade, igualdade e fraternidade. Cruzando as histórias de homens e mulheres comuns com figuras históricas, traça-se o destino do Rei e o surgimento da República. **Manaira 8** (leg): 18h45 (sáb e dom).

A Vida Invisível. (Brasil. Dir.: Karim Ainouz. Drama). Rio de Janeiro, 1950. Eurídice, 18, e Guida, 20, são duas irmãs inseparáveis que sonham, uma, em se tornar uma pianista profissional, a outra, encontrar o amor verdadeiro. As duas são separadas pelo pai e forçadas a viver distantes. Sozinhas, elas irão tomar as rédeas das suas destinos, enquanto lutam para se reencontrar. Filme escolhido para representar o Brasil no Oscar. **Manaira 2:** 19h45 (sáb e dom).

As Golpistas. (Hustlers. EUA. Dir.: Lorene Scafaria. Drama/Comédia. 16 anos). Uma equipe de ex-funcionárias de uma boate de striptease se unem para virar a mesa e dar um golpe em seus clientes de Wall Street. Com Jennifer Lopez, Lili Reinhart e Constance Wu no elenco. **Manaira 8** (leg): 21h20 (exceto ter).

Serviço

• Funesec [3211-6280] • Mag Shopping [3246-9200] • Shopping Tambá [3214-4000] • Partage Shopping [3337-6000] • Shopping Sul [3235-5585] • Shopping Manaira (Box [3246-3188] • Sesc - Campina Grande [3337-1942] • Sesc - João Pessoa [3208-3158] • Teatro Lima Penante [3221-5835] • Teatro Ednaldo do Egypito [3247-1449] • Teatro Severino Cabral [3341-6538] • Bar dos Artistas [3241-4148] Galeria Archidy Picado [3211-6224] • Casa do Cantador [3337-4646]

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

hildebertobarbosa@bol.com.br

Corpo e memória

É verdade: meu corpo possui uma memória, uma memória que não depende de minha vontade. O filósofo Henry Bergson teorizou, em detalhes, os meandros imponderáveis desta memória; Marcel Proust, em sua monumental obra, “Em busca do tempo perdido”, pôs em prática suas possibilidades infinitas na espiral de um estilo literário que se transmuta, não raro, na mais intensa e delicada experiência musical.

Logo no começo de “O tempo redescoberto”, na tradução de Lúcia Miguel Pereira, o narrador assinala: {...} parece existir uma memória involuntária dos membros, pálida e estéril imitação da outra, que lhe sobrevive, como certos animais ou vegetais inteligentes vivem mais do que o homem. As pernas, os braços estão cheios de lembranças embotadas”.

Eu diria: - não só as pernas, não só os braços. Os pés, as mãos, os dedos, os lábios, os olhos, a língua, as axilas, os cabelos, tudo carrega um traço de vivência íntima, consolidada na certeza poética de que “de tudo fica um pouco”. Câmara Cascudo, por exemplo, fala de uma história dos gestos, sinalizando, portanto, para a complexidade antropológica e existencial do nosso modo de ser e de se comportar.

A água de mar, salgada e morna, evoca a capilaridade de uma pele; as águas de rio, solitárias e correntes, evocam o silêncio de um crepúsculo, a imagem de alguma criatura que se perdeu na terceira margem, o ar de súplica de alguém que já nem existe mais. Cicatrizes de ouros toques marcam a história de meu corpo que envelhece tímido de lembranças.

Os perfumes que nos embebem no conflito dos aromas formam uma história singular, ligados um e outro ao elemento intangível dos múltiplos abraços, à tepidez incandescente dos beijos imaginados, ao império inevitável que o sabor das coisas e dos dias nos impõem.

O meu corpo, eu sei, é a chave e a porta para tudo isto. O corpo é a grande razão, dizia Nietzsche. Com ele eu sinto, por ele eu falo, é dele que advém a herança mágica dos bens sensíveis, o milagre cotidiano de se saber único, o elo enigmático com os fios da eternidade.

Mutitem meu corpo, e minha alma sofrerá, e a minha memória restará partida e alquebrada diante da solidez do mundo. Por isto o corpo carece de cuidado especial. Não confundir este cuidado, que exige constante convivência interior; a densidade dos afetos, com a simples ginástica, o exercício físico, ou, pior, com o esgar da malhação.

Cuidar é tê-lo em repouso, mas também o expor ao vento, ao sol, à chuva, ao calor secreto das noites e à neblina azul das manhãs, sempre aberto e ofertado ao contato da natureza mãe, sobretudo ao pedido de outro corpo, quando se ama este corpo. Quando dois corpos que se amam se encontram, duas memórias se fundem, e cada uma, em si mesma, se enriquece cada vez mais.

★ Destaque

Casa da Pólvora tem show de samba neste domingo

O projeto Pólvora Cultural apresenta neste domingo, a partir das 16h30, no Parque Cultural Casa da Pólvora (Centro Histórico), o sambista Leandro Lele e convidados. A entrada é gratuita. No repertório do show de hoje estão incluídas canções de Cartola, Zeca Pagodinho, Arlindo Cruz, Martinho da Vila, Almir Guineto, Candeia e outros compositores do samba e pagode, além de canções autorais, como ‘Festa para comunidade’, lançada em 2018. Nesta apresentação, Leandro Lele convidou o Jeanzinho Carioca e o grupo Reduto do Samba. Leandro Lele será acompanhado pelos músicos Josinaldo Naldinho (pandeiro), Jean Carlos (percussão), Thiago Almeida (surdo e efeitos), Italo Veloso (violão), Alisson Santos (cavaco), Josinaldo Naldinho (pandeiro), Gefersson Oliveira (bateria).

Laura Dern vive personagens empoderadas em dois filmes

Atriz recebeu indicações por seu papel em ‘História de um Casamento’ e, em janeiro, estrela ‘Adoráveis Mulheres’

Fernanda Ezabella
Folhapress

Laura Dern conquistou seu posto no imaginário das mulheres selvagens ao viver personagens como a tresloucada Lula de *Coração Selvagem* (1990), a perturbada atriz de *Império dos Sonhos* (2006) ou ainda a protagonista maniaco-depressiva da série *Enlightened*.

Nos últimos anos, suas personagens subiram a escada profissional. E, às vezes, ficaram até mais contidas, como a vice-almirante Holdo em *Star Wars: Os Últimos Jedi* (2017). Ou ficaram poderosas e ainda bem destemperadas, como a executiva Renata Klein, de *Big Little Lies*.

O ápice do empoderamento vem com sua advogada de divórcios Nora Fanshaw, de *História de um Casamento*, no ar na Netflix. Pelo papel, Dern já recebeu indicações de atriz coadjuvante pelo Globo de Ouro e ao SAG Awards.

“Algumas pessoas perguntam por que de repente estou em todos esses papéis de mulheres poderosas, pois só lembram de mim tendo ataques nervosos”, diz a atriz.

“É que antes não existiam mulheres assim para interpretar. O quão maravilhoso é isso? Enquanto evoluímos culturalmente, há uma riqueza de mulheres adultas mais interessantes e complicadas em posições de poder.”

História de um Casamento traz Scarlett Johansson e Adam Driver como um casal à beira de um divórcio. Eles tentam uma separação amigável, até ela procurar uma advogada, Nora.

Na primeira cena, a personagem de Dern inspira cautela, talvez interesseira demais em fisgar a nova cliente, com aquela preocupação exagerada de gente falsa.

A atriz destaca que mulheres especialistas em divórcio são raridade no alto escalão dos escritórios de advocacia.

“É um espaço que tem sido dominado por homens há muito tempo. Então é incrível poder explorar uma mulher navegando isso tudo, acompanhar se ela vira parte do sistema ou se redefine o jogo de maneira honesta e feminina”, diz.

Nora surge sempre chiquíssima e de língua afiada, com diálogos que se transformam numa espécie de oráculo das coisas que deram errado no casamento. Um de seus monólogos feministas já virou até meme.

“A ideia de um bom pai só foi inventada uns 30 anos atrás”, alerta Nora a Nicole. “A base da nossa crença cristã-judaica-ou-sei-lá-o-que é Maria, a mãe de Jesus, é a virgem que dá à luz. [...] E Deus está no céu. Deus é o pai e Deus nem apareceu. Então você tem que ser perfeita. Charlie pode ser um fodido e não importa.”

Um ano e meio antes de terminar o roteiro, o diretor Noah Baumbach organizava encontros com seus amigos para conversar sobre suas histórias de amor, relacionamen-



Fotos: divulgação

Em ‘Adoráveis Mulheres’, Laura Dern é mãe de quatro jovens irmãs: “É um filme sobre ser humano, ser artista, ter ambição e honrar sua identidade”



Dern contracena com Scarlett Johansson em ‘História de um Casamento’: oráculo chiquíssimo de língua afiada

“Algumas pessoas perguntam por que de repente estou em todos esses papéis de mulheres poderosas. É que antes não existiam mulheres assim para interpretar”

tos e experiências de infância. Johansson e Driver também participavam, assim como Alan Alda e Ray Liotta, que fazem os advogados de Charlie.

“Noah queria fazer uma história de amor. Eu o vi colecionando as nossas histórias, se encontrando com amigos, advogados, casais, realmente explorando o que queria fazer”, disse Dern. “E, depois de meses dessas conversas, ele

resolveu que faria uma história de amor pelas lentes do divórcio.”

“Ele se interessou pelo significado de duas pessoas estarem no mesmo caminho, com uma missão, e o que acontece quando as negociatas do divórcio entram em jogo. É uma jornada completamente diferente. Não dá para prever.”

Dern participa de outro filme que vem fazendo a ronda das premiações, embora com menos barulho, *Adoráveis Mulheres*, com direção de Greta Gerwig, curiosamente parceira de Baumbach há oito anos.

O longa é uma adaptação do romance *Mulherzinhas*, que por sua vez é inspirado na vida da autora do livro, Louisa May Alcott. A trama acompanha quatro jovens irmãs que cresceram juntas enfrentando as dificuldades da sociedade durante o período da Guerra Civil americana. Saoirse Ronan vive a protagonista Jo March, uma aspirante a escritora, e Dern é a matriarca Marmee March.

Para se prepararem, Gerwig pediu para as duas atrizes lerem as cartas que Alcott trocou com sua mãe, Abigail. “Abigail era uma feminista radical, uma abolicionista, ativista. Todos eram revolucionários”, diz Dern. “É um filme sobre ser humano, ser artista, ter ambição e honrar sua identidade.”

A atriz diz que se sente “muito agradecida” pelas oportunidades de personagens tão diferentes e lembrou de seu pai, o também ator Bruce Dern, que passou parte da carreira repetindo vilões de faroeste.

“Meu pai atirou e matou John Wayne pelas costas no filme *Os Cowboys* e teve anos difíceis pela frente, sempre fazendo os mesmos papéis”, afirma Dern, cuja mãe é a atriz Diane Ladd. As duas são as únicas filha e mãe a serem indicadas ao Oscar pelo mesmo filme, *As Noites de Rose*, lançado em 1991.

“Lembro da conversa lá em casa sobre a importância de ter coragem e também de ter oportunidades para criar personagens diversos e complicados”, diz Dern. “Então, eu sei bem da sorte que tenho.”

SERVIÇO

■ **Filme:** História de um casamento
■ **Quando:** Disponível na Netflix
■ **Classificação:** 14 anos
■ **Elenco:** Scarlett Johansson, Adam Driver e Laura Dern
■ **Produção:** EUA/Reino Unido, 2019
■ **Direção:** Noah Baumbach

■ **Filme:** Adoráveis mulheres
■ **Quando:** Estreia em 9/1
■ **Elenco:** Saoirse Ronan, Emma Watson e Laura Dern
■ **Produção:** EUA, 2019
■ **Direção:** Greta Gerwig



Foto: Pedro Ladeira / Folhapress

Vereadores querem que Fundo Eleitoral chegue aos municípios

Parlamentares alegam que, como as coligações proporcionais foram proibidas, partidos têm que ajudar seus candidatos

Ademilson José
ademilson2019jose@gmail.com

Já que estão sendo lançados como “cobaias” nas primeiras eleições sem coligações, vereadores de João Pessoa defendem que, no próximo ano, o bolo do Fundo Eleitoral, estimado em mais de R\$ 2 bilhões, seja dividido também com os diretórios municipais para financiamento de suas campanhas eleitorais.

“Se temos de eleger bancadas fortes e numerosas, temos de contar com apoio do partido para bancar as nossas campanhas”. Essa é a posição consensual defendida por todos os vereadores da capital ouvidos esta semana, entre eles, dois que também são presidentes de diretórios municipais, Humberto Pontes, do Avante, e Bosquinho que está se mudando do DEM para o PSC.

“Confesso que, nas três campanhas que passei como presidente do Democratas, só recebi pedidos”, afirma o vereador Bosquinho, ao ser questionado se, a exemplo de deputados estaduais e sobretudo federais, já recebeu apoio financeiro de partido para disputar alguma das quatro campanhas que já participou.

Ele salientou que a expectativa não somente dele, mas de todos os vereadores que disputam reeleição, é que, no próximo ano, isso finalmente mude. Que os partidos realmente dividam o bolo desse novo fundo que foi criado depois da proibição das doações com os candidatos a vereador.

“Seja pulverizando com todos, seja escolhendo municípios mais importantes onde pretende se fortalecer, o partido vai ter de fazer isso nas próximas eleições”, disse ele, ao frisar que, no caso de João Pessoa, vai cobrar que sua nova legenda (o PSC) faça isso com organização e com critérios.

E justificou: “Mas isso não passa somente pela necessidade em si do vereador. É que, se as coligações proporcionais foram proibidas, o que os partidos têm de fazer mesmo é ajudar seus candidatos. Caso contrário, não conseguirão fazer bancadas e ficarão ameaçados de se acabar”, alertou.

Outro exemplo parecido com o de Bosquinho é o de Humberto Pontes, vereador e presidente do Avante em João Pessoa. “Já recebi apoio de material, mas dinheiro mesmo, sinceramente, nunca”, revela Pontes, ao reconhecer que o grande teste para isso será a eleição de 2020, tendo em vista que, nas anteriores, o Fundo Eleitoral foi todo consumido somente pelos candidatos ao Congresso Nacional.

Essa pressão dos vereadores candidatos à reeleição começa cedo também porque, sem coligações, o coeficiente será por partido e as previsões de hoje dão conta de que, para conseguir eleger um vereador, a legenda terá de atingir pelo menos 14 mil votos. Esse coeficiente vai se ampliando à medida em que outros partidos concorrentes também forem atingindo o mesmo patamar de votos.



Foto: CMJP



Foto: CMJP

Vereador Bosquinho tem pensamento semelhante ao do seu colega de parlamento Humberto Pontes (Avante); ambos esperam que o bolo do Fundo Eleitoral chegue aos municípios logo

+ Integrantes não sabem o destino do dinheiro

“Nunca recebi um real e, dessa vez, se não dividirem eu vou denunciar, mesmo que seja expulso do partido”, ameaça o vereador Mangueira (MDB), ao antecipar que não está nem um pouco preocupado e que essa pode ser uma oportunidade mesmo para o presidente do partido, José Maranhão, lhe expulsar.

Mangueira conta que nem ele nem a grande maioria dos integrantes do partido tem o mínimo de noção para onde vão esses recursos de fundo (partidário e eleitoral), e que nas campanhas que disputou até hoje “nem mesmo santinhos” chegou a receber.

A vereadora Helena Holanda, do PP, diz que já recebeu e que não pode negar, mas isso em campanha para deputado federal. Essa, no entanto, candidatura como a dela serve mais para ajudar a somar votos e eleger o cabeça de chapa, do que propriamente pra ganhar.

Na última, conta, como alguns outros candidatos, conseguiu uma boa quantidade de votos, 9.979, mas o eleito foi o primeiro, Aguinaldo Ribeiro que é o presidente da legenda. Para vereadora, no entanto, quando conseguiu ficar na suplência e virar titular, a ajuda foi menor e obteve apenas 3.927 votos.

“E olha que, na eleição pra deputada, também ajudei muito o partido, na medida em que me botaram pra preencher a cota feminina que todo partido precisa atingir”, lembra a vereadora, ao se dizer esperançosa de que, nos próximos embates, os partidos passem a ajudar mais o candidato a vereador.

“A ajuda que já recebi de partido até hoje foi botarem concorrentes fortes na legenda pra me derrubar”, desabafa o vereador João dos Santos, ao revelar que a mesma coisa caminha para acontecer agora, já que o secretário de

Tecnologia, o vereador e forte concorrente Durval Ferreira, está sendo atraído para o seu partido, o PR, e, justamente, para presidir.

Ele disse que nunca lhe deram nem santinho e que, pelo que sabe, esse negócio de ajuda financeira fica tudo com os federais. Para João dos Santos, já que os senadores e deputados federais inventaram de criar o Fundo Eleitoral, e já que o pleito agora é municipal, são os vereadores que os partidos precisam ajudar.

Sem a mesma contundência nas críticas, essa mesma posição é defendida pelos demais vereadores, entre eles, o líder da maioria, Milanez Neto e Damásio Franca, que são do PTB e PP, respectivamente.

Marcos Henriques, do PT, aparece como uma exceção porque disse que o seu partido “sempre ajuda”, mas, nas contas de hoje, situação complicada danada vem

sendo enfrentada por Léo Bezerra, filho do deputado estadual Hervázio Bezerra, que é do PSB.

Brigado com o comando do partido a nível municipal e estadual desde o início da crise do PSB, ao invés de responder, ele é que, sorrindo, se deu a perguntar: “Eu vou pedir a quem? Como?”. E calou.

Mangueira conta que nem ele nem a grande maioria dos integrantes do partido tem o mínimo de noção para onde vão esses recursos de fundo (partidário eleitoral), e que nas campanhas que disputou até hoje “nem mesmo santinhos” chegou a receber

Recursos vão unir gregos e troianos

Como interessa aos deputados e senadores de todos os partidos, o Fundo Eleitoral é tema pacífico no Congresso. Por mais divergentes, até mesmo as bancadas de Bolsonaro e do PT se unem em torno dele. E prova disso é que, esta semana, sacramentaram a matéria num valor de 2 bilhões de reais e sem barulho nenhum.

Para quem não conhece, até nome diferente o Fundo Eleitoral tem. É “Fundo

Especial de Financiamento de Campanha”. É público e destinado ao financiamento das campanhas eleitorais dos candidatos. É alimentado com dinheiro do Tesouro Nacional e, este ano, mais da metade dos seus recursos virão de empréstimo que o Governo vai ter de fazer, aumentando a dívida pública do país.

Detalhe: não deve ser confundido com Fundo Partidário. Este existe desde

1965 e serve para bancar as atividades corriqueiras dos partidos. Já o Eleitoral foi criado em 2017, quando o STF proibiu as doações de empresas.

E, depois de criado, ficou com o TSE a definição das regras de distribuição dos recursos. São elas: 2% do valor é dividido entre todos os partidos com registro no TSE; 35% são divididos entre os partidos que tenham ao menos um representante

na Câmara dos Deputados; 48% são distribuídos entre os partidos na proporção de suas bancadas na Câmara; e 15% é dividido entre os partidos na proporção de suas bancadas no Senado

Para as eleições de 2018, o fundo eleitoral contou com 1,7 bilhão de reais. Mesmo que pareça bastante dinheiro, é pouco comparado com o gasto oficial total nas eleições de 2014: quase 5 bilhões de reais. Ou seja,

mesmo tendo ficado agora em 2 bilhões, o Fundo Eleitoral ainda não compensou (é saco sem fundos) totalmente o fim das doações empresariais.

Mas não é mal exclusivamente brasileiro não. Institutos de pesquisa política apontam que, em todo o mundo, apenas 28,9% dos países não fornecem dinheiro público para os partidos e candidatos. A diferença daqui são os valores.

Bolsa Família: governo não diz como cobrirá buraco de R\$ 1 bi

Apesar do rombo, Bolsonaro anunciou o início dos depósitos deste mês do programa, que incluem o 13º

Thiago Resende
Da Folhapress

A equipe do presidente Jair Bolsonaro evita dar explicações sobre como irá bancar o pagamento a todos os beneficiários do Bolsa Família em dezembro.

Dados do governo apontam para um buraco no orçamento do programa de cerca de R\$ 1 bilhão. Apesar do rombo, Bolsonaro anunciou o início dos depósitos deste mês, que incluem o 13º às famílias.

O Governo Federal pode remanejar recursos para elevar o orçamento do programa e evitar a insuficiência de dinheiro para as famílias que vivem em situação de pobreza ou de extrema pobreza.

A reportagem solicita informações sobre como se dará esse deslocamento de verbas desde segunda-feira (16), mas o governo não respondeu.

O pagamento de dezembro começou na semana passada e vai até o dia 23. A 13ª parcela do Bolsa Família

foi promessa de campanha de Bolsonaro.

Segundo o Ministério da Cidadania, o orçamento do programa no ano fechou em R\$ 33,6 bilhões. Mas só R\$ 32 bilhões estão liberados.

De acordo com nota técnica do Legislativo, faltariam R\$ 759 milhões na reserva do programa para garantir os pagamentos neste ano. Isso indica um buraco de cerca de R\$ 1 bilhão no orçamento do programa.

Procurado, o Ministério da Economia disse apenas que “até o momento não há informação oficial sobre eventual mudança no orçamento do programa Bolsa Família”. O Ministério da Cidadania não respondeu.

O governo afirma que 13,1 milhões de famílias serão atendidas no mês, mas não informou o motivo da divergência no orçamento.

Não é permitido o pagamento de recursos acima da verba autorizada. Mas o time de Bolsonaro pode destinar mais dinheiro ao Bolsa Família para inflar o programa.



Foto: Pedro Ladeira/Folhapress

Bolsonaro determinou o pagamento do 13º salário do Bolsa Família, mas não explicou até agora como cobrirá rombo de R\$ 1 bi deixado pelo programa

Em novembro, uma análise de técnicos do Congresso fez um alerta: o orçamento do Bolsa Família para este ano pode ser insuficiente para que o presidente cumpra a promessa de pagar um 13º para os beneficiários.

Bolsonaro, na época, negou a falta de recursos para o programa, mas não expli-

cou como ampliaria a verba.

Se não houver suplementação de recursos, 4 milhões de famílias poderão ficar sem receber o benefício. O número é aproximado porque depende do valor do benefício pago a cada beneficiário.

Responsável pelo gerenciamento do programa,

o Ministério da Cidadania havia informado ao jornal Folha de S. Paulo, em outubro, que o 13º seria garantido por um aumento de R\$ 2,6 bilhões no orçamento do programa.

Isso foi feito e, para este ano, ficaram previstos R\$ 32 bilhões para a transferência de renda a pessoas em situa-

ção de pobreza e de extrema pobreza.

Por mês, os desembolsos somam, em média, R\$ 2,5 bilhões. Assim, a nota técnica apontou a necessidade de elevação da verba.

O governo também não quis se manifestar sobre a falta de recursos levantada pela área técnica do Congresso.



Enxugamento

Sem dinheiro, o Bolsa Família enfrenta um processo de enxugamento sob Bolsonaro. O governo passou a controlar a entrada de novos beneficiários por falta de orçamento.

A fila de espera para receber o pagamento supera a marca de 700 mil famílias.

Oficialmente, o governo de Bolsonaro tem se recusado a apresentar dados sobre o enxugamento nas transferências de renda para a população mais pobre. A reportagem espera resposta sobre essas informações desde o fim de setembro.

Com a barreira criada, a cobertura do programa vem recuando mês a mês, após atingir o auge em maio (14,1 milhões de famílias). Em dezembro, é a menor do ano (13,1 milhões).

Em novembro, a cobertura do programa foi de 13,2 milhões de famílias. O benefício médio é de R\$ 191,08.

O Bolsa Família atende pessoas que vivem em situação de extrema pobreza, com renda per capita de até R\$ 89 mensais, e em pobreza, com renda entre R\$ 89,01 e R\$ 178 por mês.

Criado em 2004, esse é o carro-chefe dos programas sociais do governo e atende a pessoas extremamente vulneráveis. A fila de espera se forma quando as respostas demoram mais de 45 dias.

O prazo vinha sendo cumprido desde agosto de 2017, quando Osmar Terra, atual ministro da Cidadania, era ministro do Desenvolvimento Social do presidente Michel Temer (MDB). Mas, por falta de recursos, o programa regrediu em 2019.

Para o próximo ano, Bolsonaro promete uma reformulação do programa, que pode incluir ampliação do público-alvo. Mas a iniciativa enfrenta - novamente - um problema orçamentário.

O governo precisa retirar recursos de outro ministério para, então, ampliar o Bolsa Família. Por ora, não houve consenso sobre a reestruturação do programa que atende pessoas em situação de pobreza e extrema pobreza no Brasil.

Segundo semestre

Promoções no Itamaraty têm menor índice de mulheres em quatro anos

Ricardo Della Coleta
Da Folhapress

A lista com as promoções do Itamaraty do segundo semestre deste ano traz o índice mais baixo de mulheres que puderam progredir na carreira dos últimos quatro anos. De um total de 44 diplomatas que galgaram postos na diplomacia brasileira, apenas quatro são mulheres (9% do total).

Trata-se da mais baixa proporção das últimas oito listas semestrais de promoção, série histórica disponibilizada pelo Itamaraty. A pasta afirmou não ter dados compilados de anos anteriores.

No primeiro semestre de 2016, por exemplo, o índice de mulheres que conseguiram uma promoção foi de 23%.

Após cair para 16% no segundo semestre daquele ano, a participação feminina sempre se manteve acima de um quinto do total de promovidos.

Depois de uma máxima de 28,5% alcançada no segundo semestre de 2018, o número de mulheres selecionadas para evoluir na carreira no Itamaraty voltou a cair em 2019.

A primeira lista da gestão do ministro Ernesto Araújo teve 18,6% de mulheres, proporção que foi ainda mais reduzida no segundo semestre.

Procurado, o Ministério das Relações Exteriores disse que “todas as promoções são decididas com base no mérito e nos antecedentes funcionais das e dos diplomatas”.

O primeiro cargo de um diplomata é o do tercei-

ro-secretário. A partir daí, ele pode progredir no serviço exterior até o grau de embaixador (ministro de primeira classe).

Entre os dois extremos, há os postos de segundo-secretário, primeiro-secretário, conselheiro e ministro de segunda classe. De acordo com os dados disponibilizados pela chancelaria, há atualmente na ativa 1.543 diplomatas - desses, 356 (23%) são mulheres.

As regras para avançar nos cargos do Itamaraty seguem requisitos como tempo mínimo na classe, período de serviço no exterior e, em alguns casos, experiência em cargos de chefia. Para ser candidato a uma promoção para ministro de segunda classe, há ainda uma condicionante adicional: ter concluído o curso de altos estudos do Instituto Rio Branco, que inclui apresentação e defesa de uma tese.

Antes de cada promoção, é formado o chamado quadro de acesso, uma relação de diplomatas que estão aptos para avançar na carreira.

Esse rol de candidatos é elaborado com base em votações internas realizadas pelos próprios diplomatas.

A lista final de promovidos é feita pelo gabinete do ministro, de acordo com o número de vagas disponíveis e o aconselhamento de uma comissão, e, finalmente, submetida ao presidente da República. Na atual relação de promovidos, há uma mulher que conseguiu chegar ao grau de embaixadora: Márcia Maro da Silva.

Não há nenhuma mu-

lher entre os oito promovidos a ministro de segunda classe. Segundo as informações fornecidas pelo Itamaraty, havia apenas duas candidatas aptas no quadro de acesso para ascender a esse cargo.

O número de mulheres que estavam aptas para promoção aos demais cargos variou de 11 a 17 candidatas. Mas apenas uma mulher foi promovida a conselheira e duas a primeiro-secretário.



Problema estrutural

A presidente da ADB (Associação dos Diplomatas Brasileiros), a embaixadora Maria Celina de Azevedo Rodrigues, afirma que a sub-representação de mulheres nos postos mais altos da carreira é um problema estrutural no Itamaraty, que é agravado com uma lista de promoção com participação feminina tão reduzida como a atual.

“A proporção deste ano é realmente surpreendente, porque nós constituímos 20% da força de trabalho do ministério. Isso significa que, dentro de alguns anos, se continuar nesse ritmo, vamos ter poucas mulheres embaixadoras. Então é preciso frear essa distorção agora”.

A embaixadora Maria Celina chama ainda atenção para outro fenômeno no Itamaraty: a baixa presença de mulheres nos postos de maior destaque na carreira.

O Itamaraty nunca teve, por exemplo, uma chanceler, tampouco uma mulher já foi indicada para chefiar a secretaria-geral, o segundo cargo mais importante no ministério.

“Você nunca teve uma embaixadora mulher na Argentina, que é um posto de suma importância para o Brasil. Nunca teve uma embaixadora mulher em Washington, e por aí afora”, afirmou a presidente da ADB.

“A lista de onde as embaixadoras serviram é uma coisa que mostra que estamos sub-representadas em termo de postos importantes no exterior. Tem muitas mulheres embaixadoras chefiando consulados, por exemplo. Por quê? Porque temos vocação de cuidar do lado humano e de sermos maternas em relação às comunidades brasileiras?”, questiona.

Cresce número de migrantes brasileiros detidos nos EUA

Este ano, foram registrados 18 mil casos, 600% mais do que o recorde anterior, segundo o Serviço de Alfândega

Marina Dias
Da Folhapress

O número de imigrantes brasileiros detidos ao tentar atravessar a fronteira dos EUA aumentou mais de dez vezes em um ano e chegou a 18 mil casos em 2019.

Segundo dados divulgados pelo Serviço de Alfândega e Proteção das Fronteiras (CBP, na sigla em inglês), esse é o recorde desde 2007 e representa um aumento de 600% em relação ao pico registrado desde então, de 3.252 pessoas, em 2016.

No ano passado, pouco mais de 1.600 brasileiros sem documentos tentaram chegar ao território americano pelo México, mas foram presos pela ICE (Agência de Imigração e Alfândega, na sigla em inglês).

No ano fiscal de 2019 – de outubro de 2018 até setembro do ano vigente –, esses índices subiram para 18 mil pessoas e surpreenderam inclusive autoridades do governo brasileiro que trabalham com processos de imigração.

Na avaliação de integrantes do Itamaraty, a escalada exponencial pode ser explicada por ao menos três fatores: o primeiro é a política agressiva de Donald Trump contra a entrada de estrangeiros sem documento no país, atrelada à dificuldade cada vez maior de o governo americano emitir vistos para pessoas nascidas no Brasil. O boom de brasileiros, dizem eles, pode estar relacionado à retórica do republicano de que vai construir um muro na fronteira com o México e a ações de sua administração que têm, de fato, acelerado a

deportação expressa de imigrantes em situação irregular, por exemplo.

Dessa forma, cria-se a sensação de que a imigração para os EUA deve ser feita agora ou nunca, acelerando processos que poderiam estar sendo planejados a médio ou longo prazo.

Apesar do discurso de boa relação entre Trump e o presidente Jair Bolsonaro, diplomatas afirmam que a emissão de vistos –inclusive de turista– para brasileiros tem demorado mais que o habitual e que pessoas nascidas em determinadas cidades, como Governador Valadares (MG), têm tido restrições quase absolutas na hora de requerer documento para viajar aos EUA.

A região mineira tem relações históricas com os americanos –uma fábrica dos EUA foi instalada ali na época da Segunda Guerra– e se tornou um dos locais sob holofotes dos agentes de Trump.

Além disso, a crise econômica do Brasil, com previsões de crescimento do PIB (Produto Interno Bruto) abaixo de 1% para este ano, junto com o que pode ser chamado de profissionalização dos serviços de coites no país são apontadas como os outros dois fatores para o grande fluxo de brasileiros que querem chegar aos EUA.

O governo americano já divulgou os números preliminares de 2020, relativos a outubro e novembro de 2019, e a tendência de alta se manteve entre os brasileiros, com 3.200 casos registrados. Destes, 90% são famílias, 9% são adultos sozinhos e 1% de menores desacompanhados.



Foto: Folhapress

Aumento no número de brasileiros pode estar relacionado à ameaça de Trump de construir um muro na fronteira com o México, avalia integrante do Itamaraty

Novo governo

Vice-presidente do Uruguai se diz defensora dos direitos das mulheres

Sylvia Colombo
Da Folhapress

Primeira mulher eleita vice do Uruguai, Beatriz Argimón, 58, fez sua carreira defendendo os direitos da mulher a partir de uma perspectiva de centro-direita.

“Sempre priorizei a necessidade de facilitar e informar as mulheres para que saibam quais são seus direitos e como podem ter acesso a eles”, conta em entrevista à reportagem, por telefone, de Montevideu.

Entre as bandeiras que defende estão a da paridade salarial, política e o combate à violência doméstica.

“É por isso que sinto uma responsabilidade enorme em ocupar esse cargo, pois a simbologia é muito forte e pode nos ajudar a caminhar para uma sociedade mais igualitária e menos machista”, diz ela, que assume o novo cargo apenas em março de 2020 ao lado do novo presidente, Luis Alberto Lacalle Pou –o mandato é de cinco anos.

As feministas uruguaias, porém, têm críticas a Argimón e se recusam a considerá-la como uma igual. Isso acontece, principalmente, por conta das restrições que ela faz ao aborto.

No Uruguai, uma lei em vigor desde 2012 permite a interrupção da gravidez até a 12ª semana de gestação apenas pelo desejo da mulher e até a 14ª em caso de estupro.

Durante a campanha eleitoral, e mesmo depois de eleitos, tanto Argimón quanto Lacalle Pou afirmaram que não têm intenção de tentar revogar essa lei. Em vez disso, eles disseram que vão implementar programas de educação e prevenção que possam diminuir o número de casos



Foto: Folhapress

Beatriz Argimón promete defender as bandeiras da paridade salarial, política e combate à violência doméstica

de gravidez não desejada.

“É importante cuidar da legislação vigente, tratando dos aspectos que envolvem a questão do aborto. Lutar contra os estupros, contra a violência contra a mulher, garantir a despenalização e o acompanhamento médico são nosso dever”, afirma ela.

“Pessoalmente, sou contra a legislação atual que admite a interrupção completamente livre. Mas é uma lei que está em vigor; foi aprovada pelo Congresso uruguaio e é aprovada pela sociedade. Não é nosso papel ir contra ela, mas sim melhorá-la, pela saúde e os direitos das mulheres”, diz.

Um dos momentos mais emotivos da cerimônia de posse do novo presidente argentino, Alberto Fernández, na terça (10), foi a chegada, juntos, do atual mandatário uruguaio, o centro-esquerdista Tabaré Vázquez, e Lacalle Pou, de centro-direita –ele, assim como Argimón, é do Partido Nacional.

Vázquez está em tratamento de um câncer no pul-

mão e, claramente debilitado, caminhou de braço dado com seu adversário até o momento de cumprimentar Fernández. “Foi de fato uma cena muito bonita, de um simbolismo político importante, aplaudida por todos”, disse Argimón.

O convite para que Lacalle Pou fosse para a posse partiu de Fernández, mas a ideia de que fossem juntos foi de ambos.

Como essa eleição foi disputada, a vitória se deu por uma diferença mínima de votos, foi importante para nossa imagem diante do mundo mostrar essa serenidade política com relação a uma transição, que deveria ser algo normal numa democracia, mas que acaba sendo algo inédito em tempos tão polarizados”, afirmou ela.

E acrescentou: “Gostaria de chamar atenção para esse gesto porque ele nos mostra que a democracia não é algo que, uma vez conquistado, está garantido. Ela precisa ser cuidada todos os dias. E esses gestos são parte desse cuida-

do. Mas a luta segue todos os dias. A mensagem tem de ser repetida sem parar porque as novas gerações precisam ser lembradas da importância da democracia sempre.”

Da mesma forma que o gestual, Argimón disse que a transição, que ela lidera, está sendo ordenada. As equipes de Lacalle Pou e Vázquez já tiveram conversas sobre as questões gerais.

Um dos integrantes da coalizão liderada por Lacalle Pou, o general Manini Ríos, conseguiu no primeiro turno 10% dos votos com um discurso mais vinculado ao da direita radical. Isso gerou um certo receio em uma parte da sociedade uruguaia, que teme justamente uma polarização em um futuro próximo.

Indagada sobre o caso, Argimón minimizou a questão. “Está se dizendo sobre Manini Ríos muita coisa, mas é preciso lembrar que ele foi chefe do Exército nos governos da Frente Ampla [de centro-esquerda] e não havia um conflito muito grande com relação a isso”, disse ela.

+ Crianças de aluguel

Funcionários do Itamaraty afirmam que os casos de aluguel de crianças brasileiras para tentar atravessar a fronteira também têm aumentado.

Nessas situações, adultos cruzam os países com menores de idade e se entregam às autoridades migratórias, evitando deportação imediata, já que as crianças não podem permanecer sozinhas durante os trâmites de repatriação.

Em outubro, o jornal Folha de S.Paulo revelou o caso de Miguel (nome fictício) que, aos quatro anos, fora detido com um homem e uma mulher que não eram seus pais biológicos. Ele passou mais de três meses em um abrigo em Chicago.

Na semana passada, diante do crescimento do número de detenção dos brasileiros, principalmente no estado do Texas, o diretor do Serviço de Alfândega e Proteção das Fronteiras, Mark Morgan, afirmou que vai implementar regras para barrar os imigrantes do Brasil “com o mesmo nível de compromisso que criamos iniciativas para resolver o problema com as famílias do Triângulo do Norte” –em referência a El Salvador, Guatemala e Honduras, países de grande fluxo migratório para os EUA.

Entre as medidas, está colocar as pessoas para esperar por meses em cidades fronteiriças até a solicitação de asilo que, em muitos casos, é negado independentemente do mérito.

De acordo com a agência americana, 977.509 pessoas detidas na fronteira com o México em 2019, um aumento de 88% em relação a 2018. O pico foi em maio, mas os números absolutos têm caído após acordos migratórios entre os americanos e governos do México, Guatemala, Honduras e El Salvador.

Tchetchênia: 25 anos da guerra que marcou a história da Rússia

Nos dois conflitos iniciados em dezembro de 1994, cerca de 300 mil pessoas morreram no lado tchetcheno

Igor Gielow
Folhapress

SÃO PAULO, SP - Na Rússia, país pródigo na glorificação do passado de enormes sacrifícios militares, uma das guerras centrais para a formação de sua história contemporânea completou 25 anos na semana passada sem fanfarra ou desfile.

Trata-se do primeiro conflito na Tchetchênia, que definiu a ascensão de Vladimir Putin da condição de um obscuro ex-espião da KGB para o papel de czar do século 21.

A guerra nos confins do Cáucaso tornou-se, no Ocidente, prova inequívoca da debaile militar daquelas que tinham sido as mais formidáveis Forças Armadas do mundo, ao lado das americanas, durante a Guerra Fria (1946/7-1991).

No establishment putinista, ninguém quer se lembrar dos eventos que se desenrolaram a partir dos primeiros bombardeios sobre Grozni, a capital tchetchena, no dia 11 de dezembro de 1994. “Tragédia e vergonha”, resume Kons-

tantin Frolov, analista político em Moscou.

A União Soviética acabara três anos antes, e a Tchetchênia, assim como a vizinha Inguchêtia, viviam em independência de fato de Moscou.

Preocupado em ficar no cargo e evitar a implosão final da Rússia, que perdera controle sobre 14 repúblicas soviéticas, o presidente Boris Ieltsin deixou o problema de lado.

No fim de 1994, acossado por doença cardíaca, alcoolismo e a perspectiva de concorrer à reeleição dois anos depois, Ieltsin decidiu que seria uma boa ideia recuperar o controle sobre a região.

Nesse momento, Vladimir Putin saiu da condição de obscuro ex-espião da KGB para o papel de czar do século 21



Foto: Pixabay

Hoje, a capital tchetchena Grozni, arrasada durante os dois conflitos dos anos 90, é considerada uma cidade limpa, moderna e cheia de atrativos turísticos

O terror da guerra

A Tchetchênia sempre foi problemática para os dominadores russos, que lá chegaram no século 18. Apenas em 1864 as tribos muçulmanas da área foram dobradas pelo poder central, e um episódio medonho durante a Segunda Guerra Mundial tratou de manter feridas bem abertas.

Entre 30% e 60% dos tchetchenos morreram devido à deportação forçada por Josef Stalin em 1944 – o ditador condenou coletivamente os separatistas por suposta colaboração com nazistas.

A guerra de Ieltsin foi um fracasso. O ataque inicial, em três frentes, opôs 38 mil soldados mal treinados a uma força resistente de 6.000 rebeldes animados pelo sentimento nacionalista, liderados por um ex-general da Força Aérea soviética chamado Djokar Dudaiev.

A tentativa de captura de Grozni no Ano-Novo de 1995 deixou a cidade arrasada, e cenas análogas às clássicas imagens de destruição na Segunda Guerra se repetiam.

Os russos tomaram Grozni em 1995, só para perdê-la no ano seguinte, numa humilhação sem igual desde a retirada do Afeganistão em 1989, após dez anos de ocupação.

As ruínas eram palco de atrocidades contra civis e militantes, e os tchetchenos não tratavam os russos exatamente pela Convenção de Genebra. A carnificina, ao fim, matou entre 6 mil e 12 mil soldados do Kremlin e até 100 mil tchetchenos, embora não haja dados precisos.

Em agosto de 1996, Moscou assinou a paz, que deixou o status local em suspenso.

Ieltsin, reeleito, assumiu o fracasso enquanto seu país caía numa espiral de crise sem fim – o Produto Interno Bruto por paridade de poder de compra per capita caiu de US\$ 8 mil em 1991 para um piso de US\$ 5 mil em 1996; hoje é de US\$ 27 mil.

Dudaiev havia sido morto em abril de 1996, antes da derrota russa, mas seus sucessores foram engolfados pelo radicalismo religioso e se viram no campo ao qual pertencia a incipiente Al Qaeda.

Foto: Otávio Dias De Oliveira/Folhapress



Ieltsin tentou ganhar prestígio político com conquista da Tchetchênia

Raio-x da Tchetchênia

República de maioria muçulmana no sul da Rússia, local é governado com mão de ferro por autocrata



Línguas: russo e tchetcheno

Território: 17,3 mil km²

Putin formou núcleo “durão”

Transitando entre cargos importantes, como o de chefe do serviço secreto, o opaco Putin cresceu. Formou um núcleo de “siloviki”, termo russo para “durões”, uma turma egressa da antiga KGB.

O grupo estava disposto a reerguer a Rússia das cinzas do pós-comunismo, e a Tchetchênia seria simbolicamente o começo do processo.

Em 9 de agosto de 1999, tudo mudou. Enquanto Putin era entronizado por um frágil Ieltsin como primeiro-ministro, radicais tchetchenos invadiram o vizinho Daguestão e proclamaram um califado. Moscou tinha de reagir.

Pouco depois, 300 russos foram mortos em atentados atribuídos aos tchetchenos, que muitos dizem ter sido obra dos “siloviki”, deflagrando a guerra que subjugou a Tchetchênia em abril de 2000.

O premiê tornou-se presidente interino no Ano-Novo, com a renúncia de Ieltsin, e foi eleito de forma esmagadora em março. O resto é história.

Se o segundo conflito cristalizou o poder do início da era Putin, foi o primeiro que deitou os dormentes para que a locomotiva passasse. Entre 160 mil e 300 mil pessoas morreram nas duas guerras, num país que hoje abriga 1,4 milhão.

Para quem visita Grozni hoje, é difícil associar as ruas limpas e cheias de arranjos florais com os restos fumegantes dos anos 1990. Alguns fatores concorrem para a aparente calma, que escamoteia relatos de brutalidade do regime de Ramzan Kadirov.

Primeiro, o arranjo do pós-guerra. Putin entronizou o pai de Ramzan, Akhmat, como o fiador da

estabilidade. Não deu certo: em 2004, ele foi morto em um atentado e virou figura onipresente em logradouros e grandes fotos, no melhor estilo Coreia do Norte.

Ramzan ocupou cargos de destaque até que, em 2007, chegou ao poder de vez.

Muçulmano sunita moderado, estabeleceu pontes entre o Kremlin e Estados do Golfo Pérsico, o que lhe garantiu a construção da “pequena Dubai” na capital: um conjunto de prédios absurdamente altos e espelhados, incluindo um hotel cinco-estrelas de 32 andares quase sempre vazio.

Em 2008, inaugurou a mesquita Akhmat Kadirov – claro. Com as elegantes linhas otomanas da Mesquita Azul de Istambul, é uma das maiores da Rússia.

Perseguições a adversários e a minorias são frequentes, mas, para Putin, a presença do regime é uma garantia contra a radicalização islâmica. É uma pressão ainda sob teste.

Fanático por futebol, Ramzan bancou a estadia da seleção egípcia do craque Mohamed Salah durante a fracassada campanha na Copa de 2018.

A reportagem acompanhou Ramzan e Salah se apresentarem na Arena Akhmat durante um treino do Egito. Além do esquema rígido de segurança, chamou a atenção o contingente de mutilados na torcida.

Numa Rússia em que os monumentos à guerra da Tchetchênia se resumem a puxadinhos com nomes de vítimas em memoriais já existentes, idosos e homens de meia-idade sem pernas e braços formavam uma pungente lembrança do passado que começou há um quarto de século.

Pesca, plástico e óleo são ameaças para tartarugas

Projeto Tamar desenvolve programa específico que inclui educação ambiental e orientação aos pescadores

Léo Rodrigues
Repórter da Agência Brasil

Cinco das sete espécies de tartarugas marinhas desovam na costa brasileira e todas elas estão ameaçadas de extinção. Foi com a meta de reverter esse cenário que um grupo de estudantes de oceanografia da Universidade Federal do Rio Grande (Furg) criou em 1980 o Projeto Tamar, que deu início no último fim de semana às comemorações de seus 40 anos. Mesmo diante de ameaças cotidianas, estudos científicos já são capazes de apontar uma melhora do cenário.

De acordo com dados do Projeto Tamar, há uma tendência de recuperação das populações de tartaruga-cabeçuda, tartaruga-de-pente, tartaruga-oliva e tartaruga-de-couro. Já a população de tartaruga-verde apresenta atualmente sinal de estabilidade. Ainda assim, a tartaruga-de-couro e a tartaruga-de-pente estão em estado crítico, conforme a lista vermelha de espécies ameaçadas elaborada pela União Internacional Para Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais (IUCN). Entre as outras quatro, algumas são classificadas como em risco de extinção e outras como vulneráveis.

Pesca incidental
A pesca incidental, sobretudo durante o arrasto do camarão, é considerada atualmente a principal ameaça a essas populações. Estudos realizados pela organização não-governamental Conservação Internacional (CI) em parceria com universidades dos Estados Unidos já estimaram que



Soltura de filhotes de tartarugas monitorados pelo Projeto Tamar

85 mil tartarugas marinhas capturadas em todo o mundo incidentalmente morreram ao longo das décadas de 1990 e 2000.

No Brasil, uma pesquisa conduzida na Universidade Federal Fluminense (UFF) pela bióloga Suzana Machado Guimarães acompanhou quatro barcos entre julho de 2010 e dezembro de 2011. Foram capturados nesse período 44 animais, o que aponta para uma taxa de 5,3 tartarugas afetadas a cada mil horas de pesca.

O Tamar desenvolve programa específico que inclui educação ambiental e orientação aos pescadores, além de desenvolver novos

recursos e petrechos que possam minimizar as mortes. Foi desenvolvido, por exemplo, o chamado anzol circular em substituição ao anzol em forma de J.

“Fizemos um corpo a corpo com as empresas de pesca industrial que trabalham, por exemplo, com captura de atum. Conseguimos que elas aderissem antes mesmo que viesse a regulamentação. Nós provamos que não afetava a pesca da espécie alvo, além de ser benéfico a elas já que faziam um esforço grande quando capturavam tartaruga. Essa mudança reduz em 70% a captura das tartarugas neste tipo de pesca. Então, todo

mundo ganha”, diz a oceanógrafa Neca Marcovaldi, coordenadora de pesquisa e conservação do Projeto Tamar e uma das fundadoras da iniciativas.

Medidas normativas também buscam enfrentar o problema. O anzol circular se tornou obrigatório na costa brasileira em novembro de 2018, conforme portaria do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio). Já o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) proíbe em algumas localidades do Nordeste o arresto do camarão durante a temporada reprodutiva de tartarugas.

Outros perigos

Não é só a pesca que ameaça as tartarugas. A coleta de ovos nas praias para alimentação durante muito tempo colocava em risco as espécies, mas com a conscientização e o envolvimento das comunidades no trabalho de conservação, esse hábito já não acontece nos pontos onde há presença do Tamar. A poluição, por outro lado, é um problema que demanda maior atenção: envolve desde os plásticos, que uma vez descartados no oceano podem ser ingeridos e causar sufocamento, até derramamento de óleo, como o ocorrido recentemente na costa brasileira, que já levou à morte mais de 20 tartarugas.

Fotopoluição

Curiosamente, um dos tipos de poluição mais ameaçadores a essas espécies é a fotopoluição, já que se tratam de animais sensíveis à luz. O excesso de luminosidade nas praias pode afugentar fêmeas que chegam para desovar. Porém, ainda mais agravante, é o risco de morte de ninhadas inteiras. Quando recém-nascida, após sair do ovo, a tartaruga se dirige ao oceano se orientando para o horizonte de maior claridade.

Se houver um holofote na praia, por exemplo, os filhotes vão se locomover em direção a ele. O dono de uma casa de praia em área de desova, se usar iluminação excessiva, poderá se surpreender pela manhã com dezenas de tartarugas recém-nascidas mortas em sua casa. Por esta razão, o Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama) estabelece, por meio da Resolução 10/1996, normas a serem observadas. Na Bahia, também foi definida em lei estadual restrições de incidência de luz artificial em praias onde ocorrem desova.

Continua na página18

Carlos Aranha
c.aranha@yahoo.com

Assinei com Gil o manifesto tropicalista

Quem é o cara da foto de hoje? Sou eu? Meu vizinho? Você? Nós? O próximo governador do estado do Havai, onde nasceu Barack Obama? Somente sei que Obama gostaria do Havai como um país, mantendo Honolulu na condição de capital, e ele sendo o presidente.

Perto do Natal e do Ano Novo, passado o ciclo das dores abdominais (espero que passem mais uns dez ou quinze anos sem que voltem), estou aqui, com essas, aquelas e outras coisas. I’m alive. Sim, posso escrever novamente e até voar. Como na minha canção “Ivone, pelo telefone”, eu levanto a minha escada para chegar ao céu.

Amigos e familiares meus querem que eu faça uma viagem internacional. Poderá



ser, contanto que comece por Honolulu, pois mesmo com o “Menino do Rio”, de Caetano Veloso, o Havai jamais será aqui. O que sonho não está perto, os lugares estão fora da América, as ondas dos mares dividem-se entre o Atlântico e o Pacífico.

Em meu perfil no Facebook, prometi contar em livro as histórias

que tive com Gilberto Gil. Alceu Valença, Ivan Lins, Belchior, entre outros artistas. Quanto a Gil - de quem sou amigo desde 1967, quando promovi em João Pessoa seu show “Vento de maio” - cheguei a assinar com ele e Caetano Veloso o Manifesto Tropicalista, que teve Jomard Muniz de Brito, Raul Córdoba, Marcus Vinícius, entre outros talentos nordestinos.

É hora de contar, em livro-de-bolso ou plaquete, como, pioneiramente, promovi a maioria dos melhores shows da MPB na Paraíba, na segunda metade dos anos 60, durante os anos 70 e na maior parte dos anos 80.

Graças a Deus e a nós, o mundo e a memória realmente não estão perdidos. Existem muitas pessoas que lembram dos shows que promovi, além dos que fiz com meu próprio trabalho autoral, a exemplo de “Puxa-puxa” e “Nascido em 18 de março”.

Existem muitas pessoas que não são invejosas e que não fazem do próprio eu de cada uma o centro de interesses, sem se importar com os outros. Que não são egoístas, egocêntricas. Algumas deram depoimentos, como o divulgador Gil Sabino.

Apresentei Gilberto Gil a outras pessoas, inclusive o vereador Francisco Barreto, que o levou a sua casa para um almoço

Ele lembra bastante de alguns dos shows que promovi e do dia em que o apresentei a Gonzaguinha, que depois se tornaria um amigo dele. Gil foi apresentado por mim a outro Gil (Gilberto) e colaborou comigo na divulgação de shows, como os de Ivan Lins e Gal Costa.

Em tempo: apresentei Gilberto Gil a outras pessoas, inclusive o então vereador Francisco Barreto, que o levou a sua casa para um almoço, na praia de Tambaú.

Conservo em casa borderôs, contratos, cartazes, programas, etc., dos shows que promovi, e material de duas produtoras que tive: a Jaguaribe e a Safira.

Por conta disso e de outras coisas (que nunca revelei até hoje) sobre artistas e grupos, decidi fazer uma plaquete grande, ou até mesmo um livro, em torno do assunto.

O médico Francisco Pinto – que fez a melhor programação musical da Rádio Tabajara até hoje – acha que preciso “contar as inúmeras histórias e as dificuldades enfrentadas naqueles tempos escuros, para se trazer a João Pessoa os melhores shows da MPB. Mais que isso, você precisa contar tudo que sabe sobre nossa música”.

Atenção, o cara da foto existe mesmo, não mora na Paraíba, mas passou duas semanas em João Pessoa e tem interesse em que meu novo livro saia. Chama-se Frank Silveira. É de São Paulo.

É isso. Faltando dois dias para o Natal, beijos nas gerais.

Efeitos do aquecimento global nas tartarugas estão em estudo

Receio é de que uma simples mudança de 1°C na média global impacte a distribuição dos sexos no animal

Divulgação/Projeto Tamar



Estudos coordenados pelo projeto Tamar revelam um crescimento populacional da tartaruga-cabeçuda de cinco vezes entre as temporadas reprodutivas de 1988/1989 e 2003/2004

Léo Rodrigues
Repórter da Agência Brasil

Pesquisas ainda estão em desenvolvimento para se compreender efeitos do aquecimento global sobre as tartarugas marinhas. Sabe-se que o sexo dos animais é definido pela temperatura da areia onde está a ninhada: por volta de 29 °C, cerca de metade dos filhotes será formada por fêmeas e a outra metade por machos. Acima dessa temperatura, mais fêmeas são geradas, e abaixo dela, nascerão mais machos.

O receio é de que uma simples mudança de 1 °C na média global impacte a distribuição dos sexos nas populações de tartarugas. Estudos preliminares, no entanto, revelam que isso ainda não está ocorrendo. Pesquisadores do Tamar

lembram que as tartarugas são seres de milhões de anos, que já enfrentaram eras glaciais. Com uma grande capacidade de adaptação, poderiam, por exemplo, mudar as áreas de desova para preservar a composição sexual.

“Temos aparelhos monitorando as temperaturas nas praias, para que possamos sempre pensar em possíveis ações. Mas eu sou otimista, acho que tudo tem jeito. Esses animais já passaram por muitas mudanças e conseguiram sobreviver”, diz Neca.

No entanto, outros desdobramentos do aquecimento global podem ser mais preocupantes. “A mudança climática pode ocasionar o desvio de correntes marinhas. E o fluxo das tartarugas também é gerido pelas correntes. Al-

terações climáticas podem impactar ainda na disposição de alimentos em áreas onde elas visitam”, observa a oceanógrafa.

Recuperação

Estudos coordenados pelo projeto Tamar revelam um crescimento populacional da tartaruga-cabeçuda de cinco vezes entre as temporadas reprodutivas de 1988/1989 e 2003/2004. Trata-se da espécie que mais se reproduz na costa brasileira. O litoral do país é seu terceiro destino predileto, atrás apenas das praias da Flórida, no Estados Unidos, e de Masirah, em Omã, no Oriente Médio.

A tartaruga-oliva aumentou o número de ninhos em 15 vezes, passando de 252 na temporada de 1991/1992 para 3.742

na temporada 2002/2003. As ninhadas de tartaruga-pente cresceram sete vezes entre as temporadas 1991/1992 e 2005/2006, passando de 199 para 1.345. Também para esta espécie, o Brasil é um dos principais destinos para desova, sendo que Bahia e Rio Grande do Norte são seus estados preferidos. Já a tartaruga-couro concentra suas ninhadas na região de Regência, distrito de Linhares (ES).

Já a tartaruga verde, cujas populações apresentam sinal de estabilidade, desova principalmente em ilhas e arquipélagos como Atol das Rocas e Fernando de Noronha. Na costa continental, encontrar ninhos é raro, mas ela marca presença para se alimentar, principalmente próximo a corais.

Litoral paraibano

Beatriz de Alcântara
Especial para A União

De acordo com Rita Mascarenhas, bióloga e fundadora da ONG Guajiru, a temporada de desova das tartarugas aqui no Litoral paraibano teve início em outubro e, geralmente, se estende até maio e junho do ano seguinte. Até agora, a bióloga conta que a ONG está tomando conta de 10 ninhos, mas que a previsão é de cerca de 150. A espécie mais comum a desovar no Litoral da Paraíba, “com cerca de 99% das desovas é a de pente, mas há registro de [tartarugas da espécie] oliva, cabeçuda e verde”.

No Estado, a principal ameaça de extinção para as espécies, de imediato, é a rede de pesca, sendo seguida do excesso de plástico nos mares. Além disso, Rita destaca que os processos de urbanização inadequados também influenciam e causam riscos. A ONG Guajiru é a responsável pelo monitoramento diário dos locais de desova e os ninhos no Litoral são todos demarcados e protegidos. Porém, em caso de identificar algo, a população deve alertar a ONG para a tomada de medidas cabíveis.

Os principais locais de presença de ninhos das tartarugas, no Litoral do Estado, são a Praia de Intermares, no município de Cabedelo, e a Praia do Bessa, em João Pessoa. Desde sua fundação, em 2002, a ONG Guajiru já monitorou e assegurou mais de 200 mil filhotes.

Se tratando dos riscos à vida das espécies, a fundadora da ONG comenta que “ferimentos por rede de pesca, plástico no intestino e pneumonia” são as causas mais frequentes de adoecimento desses animais. Em 17 anos da Guajiru, cerca de 60 tartarugas encalharam no litoral paraibano e destes animais doentes, 24 foram salvos pela instituição.

A preservação do meio ambiente é de responsabilidade, também, da sociedade e a bióloga, Rita Mascarenhas, pontua algumas das atitudes que a população pode tomar para contribuir na mudança do cenário de poluição e de riscos de extinção: “Reduzindo o uso de plástico, e principalmente colocando seu lixo na lixeira. Também é uma boa contribuição catar lixo na areia, pois evita que volte para o mar e assim parar no estômago de algum animal”, diz.

Toca do Leão

Fábio Mozart

Pequenos contos de horror e de solidariedade

Ainda existem pessoas caridosas. Foi assim: caí na rua, cortei a mão e torci o joelho. Um motorista de táxi comprou garrafinha de água e me deu para lavar o sangramento e tomar uns goles, passar o nervosismo. Depois, uma senhora de ar humilde me pegou pelo braço e me levou para o hospital.

No caminho, outro motorista ficou impressionado com o sangue que jorrava da minha mão, parou o carro e me deu uma toalhinha para fazer torniquete. No hospital, fiquei na emergência esperando o doutor. Ali não encontrei muita solidariedade. Os enfermeiros duros, insensíveis. O ambiente com alta voltagem de desumanidade e destrato com pessoas pobres.

A mulherzinha tirou meu relógio, lavou meu braço na pia imunda da sala de emergência e disse que iria esperar. “Precisa não, a senhora já me fez uma grande caridade, eu me viro”. Esperou ainda uns trinta minutos. Disse que vinha do Valentina, estava procurando um setor para arrumar remédio de graça para o marido doente. Foi embora, mas ligou para meu celular cujo número pegou na recepção.

– É da casa do seu Fábio?

E eu:
– É, sim.
– Olhe, tou ligando do hospital, ele teve um acidente e tá aqui na emergência.
– Tá bem, obrigado.

Voltou para me certificar de que meus familiares estavam a caminho. Achei comovente tanta bondade. Nem perguntei o nome da senhora. O celular era da receptionista.

Depois de muito tempo, eu já com vontade de me mandar daquela porcaria de hospital, chega o doutor. Era o Mestre Maçom Guilherme Sarinho, amigo do meu pai, também da maçonaria lá em Sapé. Mandou tomar antitetânica e antibiótico. Não deu pontos no talho por falta de material cirúrgico.

Gostaria de reencontrar aquela mulher que se importou com o sofrimento de um estranho na rua, demonstrando empatia verdadeira, de maneira amorosa e misericordiosa. Ela, uma desvalida, vista com inferioridade por muitos, como proscrito e renegado ao segundo plano é todo pobre nesse mundo injusto.

Existem essas pessoas que cruzam nosso caminho, ficam só um tempinho de

nada e já seguem para outras paragens, mas marcam definitivamente. Pois se um dia eu conseguisse fazer uma lista justa das pessoas que valeram a pena conhecer, a mulherzinha do Valentina iria para as cabeças. Pessoa maravilhosa. Quis a vida que nos encontrássemos em um momento tumultuado. Seria o tal anjo da guarda de que falava minha professora de catecismo, há séculos passados? Pelo sim ou pelo não, vai uma flor vermelha para essa senhora do subúrbio, que me reconheceu como semelhante e me deu a mão na hora da dor.

Eu quis contar essa historinha de tormento pessoal para ilustrar outra narrativa, situação hospitalar onde estive envolvido há alguns dias. Era um exame desses meio desassossegadores, invasivos e altamente desagradáveis. Após sair do torpor da anestesia, vi-me cercado de anjos atenciosos e dedicados. As enfermeiras e técnicas reduziram a suas justas proporções os padecimentos e espantos do paciente com brandura e delicadeza.

É sabido que os profissionais da saúde devem dar ao paciente um atendimento humano, atencioso e respeitoso. Faz parte do seu código de ética. Mas, e sempre

tem um porém, a realidade nem sempre é assim, principalmente em hospitais públicos. Dia desses ouvi de uma médica este conto de horror: paciente baleado chega a um grande hospital em João Pessoa. A equipe médica não faz os procedimentos de rotina nesses casos. O rapaz é um doente preferencial para morrer, como de fato veio a finir-se. A jovem médica, indagando dos colegas quais os motivos do descaso, soube que a vítima era o que eles chamam de AS, ou “alma sebosa”. Os classificados nessa categoria são pretos, jovens, tatuados, mal vestidos e usando uma sunga. Por que a sunga é sinal de “alma sebosa”? Porque eles, os pretensos marginais, só saem de casa com essa indumentária, que é para não ficarem nus quando forem presos.

Saúde e sociedade precisam ter um encontro marcado, é verdade. Esse debate, no entanto, é para outra ocasião. Hoje, quero reconhecer o trabalho da enfermeira Tatiana, as técnicas Ana, Cláudia e Neide, os médicos Marcelo e Adriana que me acolheram como enfermo e generosamente trataram-me com dignidade e carinho. Gratidão.

Maior observatório de raios do mundo completa 20 anos

Pierre Auger, situado em Malargüe, na Argentina, é fruto da colaboração de 17 países, entre eles o Brasil

José Tadeu Arantes
Agência Fapesp

Um grande evento internacional nos pampas argentinos comemorou, entre os dias 14 e 16 do mês passado, o 20º aniversário do Observatório Pierre Auger. Situado em Malargüe, a cerca de 100 quilômetros da Cordilheira dos Andes e aproximadamente 370 km ao sul da cidade de Mendoza, o Auger, como por vezes se diz, é o maior observatório de raios cósmicos do mundo, operado por uma colaboração internacional de mais de 400 cientistas de 17 países, envolvendo físicos, engenheiros, técnicos e estudantes de pós-graduação.

Dezenas de pesquisadores brasileiros têm participado ativamente das pesquisas ali realizadas, desde a concepção do observatório na década de 1990, passando pela construção, o desenvolvimento de detectores, a operação e a análises dos dados. No total, a Fapesp já forneceu 63 auxílios e bolsas a projetos desenvolvidos no Auger. E proveu recursos para a fabricação de parte dos 1.660 tanques de água puríssima usados no sistema de detecção, para a compra de baterias para os detectores de superfície e para a confecção de lentes corretoras dos telescópios.

Várias partes dos detectores e de outros equipamentos foram fabricados por indústrias brasileiras,



Foto: Steven Saffi

Infraestrutura de pesquisa dos raios cósmicos envolve detectores distribuídos por uma área duas vezes maior que a da cidade de São Paulo

como Alpina Termoplásticos, Rotoplastyc Indústria de Rotomoldados, Equatorial Sistemas, Schwantz Ferramentas Diamantadas e Acumuladores Moura.

Uma participante de primeira hora da equipe do observatório é a física Carola Dobrigkeit Chinellato, nascida na Alemanha e radicada no Brasil, onde atua há mais de quatro décadas como professora do Instituto de Física da Universi-

dade Estadual de Campinas (Unicamp).

Pesquisadora responsável pelo Projeto Temático “Estudo de raios cósmicos de energias ultra-altas com o AugerPrime”, iniciado em 2010 com apoio da Fapesp, Dobrigkeit também preside, desde 2013, o Comitê de Publicações do Observatório Pierre Auger.

“O Pierre Auger foi um dos primeiros projetos em que a Fapesp se associou

a agências estrangeiras para apoiar experimentos de grande magnitude e impacto. Os apoios iniciais da Fapesp para o projeto datam de 1996, quando o professor Carlos Escobar, do Instituto de Física da Unicamp, criou a oportunidade. A participação, sob a liderança da professora Carola, tem sido ótima para o desenvolvimento científico e tecnológico do Estado de São Paulo e para abrir

oportunidades para conexões internacionais e, principalmente, para a criação de boa ciência”, disse Carlos Henrique de Brito Cruz, diretor científico da Fapesp.

“Raios cósmicos são partículas de altas energias que estão continuamente chegando à Terra, vindas do espaço exterior. Eles são constituídos majoritariamente por prótons e outros núcleos atômicos, mas também por elétrons, neutrinos

etc. O Observatório Pierre Auger está especialmente interessado em estudar as partículas com maior energia, que são as mais interessantes e também as mais raras. Por isso, construímos um observatório com área tão grande, da ordem de duas vezes a da cidade de São Paulo. Nessa área, de 3 mil km², estão espalhados nossos detectores”, disse Dobrigkeit à Agência Fapesp.

A energia dos raios cósmicos se distribui em uma faixa bastante ampla, que vai de 109 a 1021 elétrons-volts. Os de menor energia originam-se no Sol, enquanto os de altíssima energia são provenientes de fontes extragalácticas. Estes constituem, de fato, as partículas mais energéticas já observadas pela humanidade, alcançando patamares de energia milhões de vezes superiores aos obtidos em um feixe no LHC (Large Hadron Collider), o maior acelerador de partículas existente no planeta, localizado na fronteira franco-suíça.

“Os raios cósmicos colidem com núcleos presentes na atmosfera. Das interações resultam novas partículas, que vão se multiplicando em uma cascata, até os detectores localizados no solo. Quando chegam ao chão, as partículas já estão com energias muito menores e atravessam nossos corpos sem nos darmos conta disso”, contou a pesquisadora.



Verdadeira “ginástica” de cálculos e interpretações

O estudo de raios cósmicos, principalmente nessa faixa de altíssimas energias, visa saber de onde essas partículas vêm, por que objetos astrofísicos elas são produzidas e quais os processos físicos envolvidos em sua produção. As de maior energia vêm certamente de fora da Via Láctea e levam milhões de anos ou mais para chegar à Terra.

“Seria de esperar que as mais energéticas viessem do centro de nossa galáxia, porque é lá que existe um buraco negro supermassivo e uma maior densidade de objetos. Mas não. Elas vêm, majoritariamente, de uma direção que está a cerca de 120 graus do centro da Via Láctea. E esse é um forte indicativo de sua origem extragaláctica. Temos alguns indícios de que esses raios cósmicos de altíssima energia possam ter se originado em galáxias com núcleos ativos ou em galáxias-berçários, aquelas que geram bastante estrelas. Mas esses indícios ainda não são conclusivos. Estamos justamente aprimorando nossos sistemas de detecção para confirmar

ou não tal hipótese”, disse Dobrigkeit.

Vale lembrar que, por serem partículas eletricamente carregadas, os raios cósmicos são desviados por campos magnéticos durante sua propagação. Então, saber exatamente de onde eles vêm não é algo fácil. Exige uma verdadeira ginástica de cálculos e interpretações. “Um dos motivos de darmos preferência aos raios cósmicos de alta energia é exatamente o fato de eles serem menos desviados por campos magnéticos existentes ao longo do percurso”, explicou a pesquisadora.

Os raios cósmicos são como mensageiros do espaço profundo e do passado remoto. Estudá-los é uma forma de olhar para longe e para trás na história do Universo. Para tanto, o Observatório Pierre Auger usa basicamente dois sistemas de detecção. Um é composto por telescópios de fluorescência, que captam, na faixa do ultravioleta, a radiação emitida pelo nitrogênio do ar ao ser excitado pela cascata de partículas produzidas pelo raio cósmico.

Quanto mais luz os telescópios captam, maior a quantidade de partículas na cascata, e, quanto mais partículas na cascata, maior a energia do raio cósmico progenitor. Assim, medindo a luz, é possível estimar a energia da partícula original.

Água puríssima

O outro sistema de detecção é constituído por tanques hermeticamente fechados, cada qual contendo 12 mil litros de água puríssima. Quando as partículas da cascata atravessam a água, elas geram uma luminosidade que é captada por fotomultiplicadoras existentes no interior dos tanques. O raciocínio é exatamente o mesmo: medindo a quantidade de luz, chega-se à energia da partícula progenitora.

“Essas foram as duas técnicas originais do observatório, desde sua fundação há 20 anos. Ao longo do tempo, o sistema de detecção foi sendo aprimorado, com a inclusão de antenas, para captar o chuvinho de partículas na faixa do rádio; de detectores subterrâneos,

para captar múons, que são um dos tipos de partícula gerados na cascata; e, agora, de cintiladores, que estão sendo instalados em cima dos tanques de água. Tudo isso para melhorar as medidas”, disse Dobrigkeit.

A pesquisadora foi aluna, orientanda e assistente do grande pioneiro no estudo de raios cósmicos, o físico César Lattes (1924-2005), que, em 1947, descobriu o pión, ou méson pi como era chamado na época. Formado por um quark e um antiquark, o pión ajuda a explicar as interações que mantêm o núcleo atômico unido. Lattes descobriu o pión colhendo traços de raios cósmicos em placas preenchidas por bórax a mais de 5 mil metros (m) de altitude, no Monte Chacaltaya, nos Andes bolivianos.

“A detecção que fazemos agora no Observatório Pierre Auger ocorre em altitude bem menor, a cerca de 1,4 mil m acima do nível do mar. O objetivo do Lattes era estudar a interação de raios cósmicos. Então, para ele, a altitude era uma vantagem,

porque a interação produzia menos partículas, o que facilitava a detecção. Nosso objetivo é pegar o chuvinho de partículas inteiro. Por isso, buscamos detectar próximo ao máximo do desenvolvimento da cascata de propagação”, explicou Dobrigkeit.

O evento de comemoração dos 20 anos do Observatório Pierre Auger englobou um encontro científico, uma feira de ciências e aconteceu também um tour guiado pelo sítio do observatório, com visita aos detectores. Atividades paralelas ocorreram na cidadezinha de Malargüe com a qual o pessoal do observatório mantém estreita colaboração.

Também houve um simpósio abordando os seguintes temas: raios cósmicos de altíssimas energias; fontes de raios cósmicos e sua propagação; neutrinos; raios gama de altas energias; interações de raios cósmicos; astronomia multimensageiro; e uma revisão sobre o estado atual e as perspectivas da física de astropartículas. Em paralelo, ocorreu a Feira de Ciências, envolvendo estudantes das escolas locais.

Izolda Carvalho é mestre em Neurociência Cognitiva e Comportamento pela Universidade Federal da Paraíba, é especialista em Gestão Empresarial e de Pessoas e consultora de carreiras com foco em transição. Recentemente ela ganhou o Prêmio “Ser Humano”, da Associação Brasileira de Recursos Humanos pelo Programa “Você na Direção Certa”, de direcionamento de carreira. É coach de vida e de carreira.

. Como se preparar para estar atualizada no mercado de trabalho ?

- Em primeiro lugar, o caminho chave para uma boa colocação é a qualificação. Existem inúmeros caminhos, formais e informais, cursos acadêmicos, de curta duração, longa, curtos, isso é fundamental investir. Outro ponto é o autoconhecimento e saber onde você quer chegar, para que você busque uma colocação, mas já fazendo parte de uma estratégia mais ampla.

. Cada vez mais se dá importância a gostar do que se faz...

- Sim, é fundamental. É bom identificar, no mercado de trabalho, o que você quer para você, que tipo de segmento, que tipo de organização, no que você gosta de trabalhar. Isso ajuda bastante, saber quais as coisas que fazem você vibrar, e isso ajuda para atuar de forma proativa no trabalho.

Entrevista

Izolda Carvalho
Coach

Foto: Divulgação



Ajuda a entrar e permanecer, entregar uma qualidade de trabalho, por que você gosta. Seguir por esse lado, porque não adianta ir contra a corrente, trabalhando onde não há satisfação, porque aí a empregabilidade não vai estar garantida.

. A habilidade técnica hoje é tão importante quanto o comportamento?

- É pré-requisito ter um currículo muito bom, mas tem uma frase que diz: “Contrate pelo currículo e demita pelo comportamento”. Se a pessoa estiver se relacionando bem, se relacionando com a coletividade que faz parte da empresa, vai garantir estabilidade. É preciso se integrar a alma da empresa. Muitas seleções para contratação estão sendo feitas num páreo de currículo e competências, e tem

seleções até com testes psicológicos, de ansiedade e depressão. Quanto mais você se conhecer e se cuidar emocionalmente, mais força você tem no mercado. De que adianta você ter conhecimento se não souber usar? É preciso ser uma pessoa saudável para você e para os outros.

. A vida pessoal também está misturada com a profissional, nestes tempos ?

- Não existe mais uma divisão, como antigamente, que fechava a luz da empresa e começava a vida pessoal. Está tudo misturado, hoje é uma coisa só. O equilíbrio é fundamental. Muitas empresas estão de olho nas redes sociais dos funcionários, verificam para ver como é o comportamento, para ver se o que está no seu currículo bate. Em um minuto uma marca pode ir para o fundo do poço deflagrado pelo comportamento errado de um funcionário.

. Estamos fechando o ano e começam as listas de metas. Por que as pessoas não conseguem cumprir as metas ?

- Existe uma ferramenta da gestão empresarial que é a Meta Inteligente. Em primeiro lugar, as metas precisam ser relevantes para elas, e não para provar algo ou alcançar objetivos que lhe disseram que eram bons. Você tem que ter convicção daquilo, ter que ser relevante

para você. Em segundo lugar, ela tem que ser específica. Tem que quantificar, colocar prazo. Quem vai casar não casa se não colocar data. Tem que analisar o que está por trás da motivação, que tem que ser positiva. É importante dividir a meta em etapas. Você amanhece o dia trabalhando uma meta do dia, fracionando. Fica muito mais fácil alcançar.

. Que conselhos você dá para o currículo ?

- Usar o mesmo modelo de currículo para várias empresas, às vezes não passa nada, e o recrutador não fica nem seis segundos e descarta o currículo. As palavras chaves da descrição da vaga são muito importantes para estar no resumo do currículo. O recrutador tem que se interessar pelo seu currículo. Cada um deve ser específico para a vaga que quer entrar. . Hoje se fala em competências...
- A competência é colocar em prática o que você aprendeu e gerar resultados para você e para a empresa. A competência está mais ligada ao comportamento, usando o que você sabe a favor do projeto que você está inserido. Nem todo mundo é criativo, nem todo mundo sabe inovar, mas o mercado necessita. As pessoas que não estão na organização de corpo e alma estão fadadas a perderem o emprego ou a ficarem estagnadas. Se relacionar bem é fator fundamental.

Café da manhã

A Empresa Paraibana de Comunicação, EPC, promoveu café da manhã de confraternização e recebeu visitantes ilustres, colaboradores especiais. Ninguém menos que os escritores e intelectuais Gonzaga Rodrigues e Hildeberto Barbosa, que conheceram em primeira mão a publicação “A Paraíba na Literatura”, da Editora União, um produto diferenciado que vai ser oferecido pelo governador para autoridades de fora. Gonzaga foi um dos homenageados da publicação, que traz ainda os perfis de nomes de peso da Paraíba, como Ariano Suassuna, Edilberto Coutinho, Coriolano Medeiros, Ivan Bichara, Valéria Rezende, entre outros.



COLUMNA
do Meio

Por Rosa Aguiar
rosacdaguilar@gmail.com



Parabéns

Berenice de Oliveira Barreto,
Érika Gurgel, Fábio Araújo, Filipe
Alexandre Marinho, Gilberto de
Medeiros Rodrigues, Lindalva
Mendes Acioly, Márcia Mendes
Amarante e Pedro Abrantes.

Cooperativa

Está sendo criada uma cooperativa que vai reunir profissionais da Comunicação, entre eles jornalistas, publicitários, fotógrafos, webdesigners. Já aconteceu a primeira reunião coordenada pelo publicitário Walter Dantas. A ideia é montar um grupo com vários profissionais para atuar em diversos segmentos do mercado, que tem muitos pontos em aberto para a atuação dos comunicadores. Também está sendo decidido a criação de uma página na internet.

ESTRESSE

Uma pesquisa norte-americana revelou que nessa época do ano o estresse aumenta em quase 70%. É a correria do final do ano, festas e confraternizações e a expectativa com o ano que chega. A psicóloga do Hapvida em João Pessoa, Danielle Azevedo, ressalta que a autocrabrança pode ser negativa. “A vontade para que tudo saia como planejado, querer concluir tudo a tempo, de querer ser melhor, tudo isso contribui para que o estresse acabe aumentando”. A dica é pensar a vida daqui para frente. “ O que não foi positivo a gente toma como lição para não repetir e seguir em frente”. É isso aí.

Foto: Edson Matos



Escritor Hildeberto Barbosa conhecendo a publicação “A Paraíba na Literatura”

BALANÇO

O Programa Agentes Locais de Inovação desenvolvido pelo Sebrae Paraíba com o objetivo atendeu 520 empresas de pequeno porte paraibanas, neste ano. Os setores prioritários foram saúde, serviços automotivos, agências de viagens, eventos e empresas multissetoriais. O programa tem o papel de estimular os empresários para que suas empresas se tornem competitivas através da gestão da inovação e utilizando ferramentas específicas para este fim.

Foto: Edson Matos



Escritor Gonzaga Rodrigues e presidente da EPC, Naná Garcez

Mais um

Perdemos, neste ano de 2019, muita gente que fez a diferença durante a vida. E um deles foi o ceramista, escultor, desenhista, tapeceiro, ilustrador e gravador, o pernambucano Francisco Brennand, aos 92 anos, em Recife. Os paraibanos sempre tiveram grande afinidade com sua arte, que deixou mais belos alguns locais aqui em João Pessoa. Francisco Brennand foi inspirado pela obra de Pablo Picasso, Joan Miró e Léger, que conheceu durante temporada em Paris. Nos anos 1970 ele reformou a fábrica de cerâmica abandonada de seu pai, e transformou na sua excepcional Oficina Brennand, mix de ateliê com parque de esculturas.

Foto: Rosa Aguiar



Médico a acadêmico Astênio Fernandes, em ritmo de aniversário

NOVOS VOOS

A Azul Linhas Aéreas Brasileiras já está operando com um novo voo no Aeroporto Presidente Castro Pinto, na Região Metropolitana de João Pessoa. O voo será diário e virá de Campinas (Viracopos) com saída da cidade paulista às 21h55 e chegada na Paraíba às 1h15, de onde retorna às 1h55, chegando em São Paulo às 5h15. A nova rota é para o período da alta estação, quando o Aeroporto Castro Pinto começa a receber os voos extras anunciados pelas companhias aéreas como a Gol e a Latam Brasil, além da própria Azul. Para concretizar esse novo voo da Azul, o governo da Paraíba reduziu a alíquota de ICMS que incide sobre o combustível de aviação, de 17% para 12%.

FEIRA

Vem aí a “40 Graus – Feira de Calçados e Acessórios”, entre os dias 3 a 5 de fevereiro, no Centro de Convenções de João Pessoa. A programação vai oferecer uma série de palestras e encontros de discussão, o Papo 40 Graus. O poeta, cordelista e declamador Bráulio Bessa será uma das atrações especiais. O diretor da Feira de Calçados e Acessórios que vai expor produtos do Norte e do Nordeste é Frederico Pletsch, diretor da Merkator Feiras e Eventos.

REVIVENDO

Na Casa da Pólvora está em exposição uma série de fotografias da nossa João Pessoa antiga. O nome da exposição “Revivendo a Memória de Jampa” – embora discorde de chamar nossa capital de Jampa – é uma excelente oportunidade para ver nossos monumentos, nossa arquitetura. João Pessoa foi considerada uma cidade muito bonita do ponto de vista de seus prédios arquitetônicos, que, infelizmente, não tem merecido a conservação necessária para serem admirados. A exposição, com fotografias de Walfredo Rodrigues, pode ser visitada de domingo a domingo, das 8 às 12h e das 14 às 17h.



Foto: Divulgação

Tite prevê equilíbrio na disputa das Eliminatórias ao Mundial

Técnico vê a seleção brasileira bastante pressionada numa competição onde é grande a exigência para ser líder

Folhapress/Fifa.com

A seleção brasileira fará sua estreia nas Eliminatórias para a Copa de 2022 contra a Bolívia, em casa, em março do ano que vem. Depois do sorteio e da divulgação da tabela, o técnico Tite celebrou o primeiro jogo como mandante e ressaltou que há equilíbrio na competição.

“Começar em casa era um objetivo. Há um equilíbrio muito grande, uma paridade, todas as seleções cresceram. Não é só Brasil e Argentina, é Colômbia, Chile, Uruguai, Venezuela surpreendendo”, disse o treinador.

Líder nas Eliminatórias da América do Sul para o Mundial 2018, na Rússia, o Brasil medirá forças com o Peru na segunda rodada, como visitante. O duelo também acontecerá em março de 2020. A terceira e a quarta rodadas acontecerão em setembro do mesmo ano. A seleção enfrentará a Venezuela em solo brasileiro. Em seguida, pegará o Uruguai fora de casa. As rodadas derradeiras das Eliminatórias sul-americanas ocorrerão em novembro de 2021. Os duelos da seleção serão com Chile, em casa, e Bolívia, fora.

Os quatro primeiros colocados vão ao Mundial do Qatar. O quinto colocado, por sua vez, terá de disputar uma repescagem para tentar garantir uma vaga na Copa do Mundo. As dez seleções sul-americanas já conhecem seus caminhos para chegar à Copa do Mundo da FIFA Qatar 2022. As eliminatórias começarão em março de 2020 e terminarão em novembro de 2021, com 4,5 vagas disponíveis no Qatar 2022. As quatro primeiras equipes se qualificarão diretamente para as finais mundiais, enquanto a quinta disputará um play-off intercontinental em março de 2022.

Alguns técnicos das seleções que vão disputar as Eliminatórias expressaram suas opiniões tão logo foi definido o sorteio e a divulgação da tabela. Tite, técnico do Brasil, prevê muito equilíbrio devido a grande exigência.

“O Brasil não parece ser o favorito. Estamos sob pressão, mas estamos acostumados a isso. Na última competição, não entramos nas eliminatórias até a sexta rodada de jogos. É uma estrada longa e sinuosa e teremos que esperar e ver como os jogadores estão se saindo com seus clubes. É uma competição muito exigente taticamente e tecnicamente, mas também é um desafio mental.”

Ricardo Gareca, do Peru, se mostra entusiasmado. “Estamos bem no momento, mas teremos que ver em que forma os meninos estão no início. Estamos em uma posição diferente de onde estávamos quando começamos

as últimas eliminatórias. Temos mais experiência agora, embora precisemos de mais do que isso. Começar bem seria bom, mas é vital manter o foco durante todo o torneio e fazer um bom sprint.”

Já técnico do Chile, Reynaldo Rueda, diz que o objetivo principal é levar o Chile de volta ao Mundial.

“Vamos dar uma boa olhada nos jogos, mas acho que acabamos com um bom caminho. As equipes com jogadores competindo nas principais ligas terão um pouco de vantagem e entender como elas serão importantes. O desafio para nós é redescobrir nossa forma e levar o Chile de volta à Copa do Mundo.”

Rafael Dudamel, treinador da Venezuela, mostra-se otimista e vê sua seleção bem preparada.

“Uma disputa como essa é boa para as eliminatórias porque remove qualquer tipo de suspeita. Começamos com a Colômbia e o Paraguai, o que mostra as exigências de uma competição que estamos preparando bem. Estamos ansiosos por isso e transmitimos esse sentimento aos fãs. Temos o pessoal e os jogadores para apoiar essa emoção.”

Já Cesar Farias, treinador da Bolívia, fala em fazer o dever de casa para ir bem mais longe nas Eliminatórias.

“Temos que aproveitar ao máximo nossos jogos em casa. Estive do outro lado e sei exatamente o que significa tocar em La Paz. Se pudermos nos manter organizados em todos os sentidos da palavra, dentro e fora do campo, não tenho dúvidas de que podemos ter uma boa competição de qualificação.

“Essas eliminatórias são realmente difíceis. Você tem que jogar com todos e o calendário é o que é. Seria bom descer com o pé direito, mas é uma estrada longa e antiga. Precisamos ser competitivos e se divertir.”, afirmou Roberto Ayala, assistente do técnico argentino Lionel Scaloni

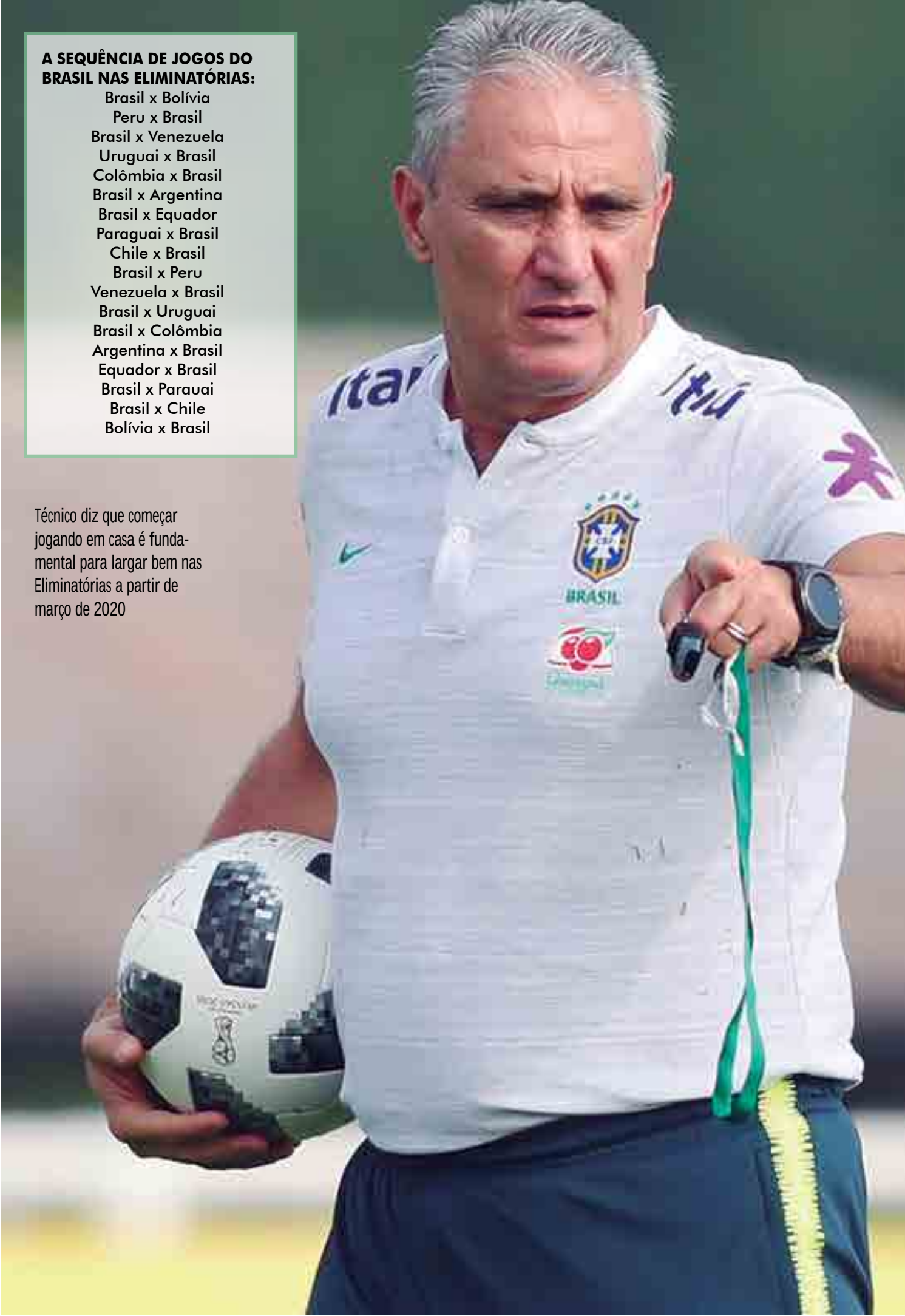
“São os jogos em casa que decidem quem se classifica e essa é uma das áreas em que ficamos aquém da última qualificação. Será crucial começar com uma vitória em casa.”, assegurou Justo Villar, diretor técnico da Associação Paraguaia de Futebol.

“É uma estrada longa e sinuosa e teremos que esperar e ver como os jogadores estão se saindo com seus clubes. É uma competição muito exigente taticamente e tecnicamente”

A SEQUÊNCIA DE JOGOS DO BRASIL NAS ELIMINATÓRIAS:

Brasil x Bolívia
Peru x Brasil
Brasil x Venezuela
Uruguai x Brasil
Colômbia x Brasil
Brasil x Argentina
Brasil x Equador
Paraguai x Brasil
Chile x Brasil
Brasil x Peru
Venezuela x Brasil
Brasil x Uruguai
Brasil x Colômbia
Argentina x Brasil
Equador x Brasil
Brasil x Paraguai
Brasil x Chile
Bolívia x Brasil

Técnico diz que começar jogando em casa é fundamental para largar bem nas Eliminatórias a partir de março de 2020



Avaliação do técnico cai bastante este ano

Folhapress

Popular e aprovado pelos torcedores antes da Copa de 2018, Tite teve uma queda na avaliação do seu trabalho como técnico da seleção neste ano. Segundo pesquisa Datafolha, 37% dos brasileiros consideram o desempenho do treinador ótimo ou bom. Em junho de 2018, antes do torneio na Rússia, essa aprovação era de 64%.

De acordo com o Datafolha, o percentual de brasileiros que avaliam a passagem do técnico como péssima subiu de 5% no ano passado para 16% em dezembro de 2019. Outros 32% disseram que o trabalho é regular, e 15% não souberam opinar.

A pesquisa foi realizada entre os dias 5 e 6 de dezembro e entrevistou 2.948 pessoas em 176 municípios do Brasil. A margem de erro é de dois pontos percentuais, para mais ou para menos.

Desde a eliminação para a Bélgica nas quartas de final do Mundial, a seleção disputou 22 partidas e conseguiu aproveitamento de 72%. A equipe venceu a Copa América no Brasil, com vitórias sobre o Peru, na decisão, e a Argentina, na semifinal.

O desempenho, porém, caiu nos amistosos realizados depois do título continental. Em seis partidas, venceu uma, empatou três e perdeu duas - contra peruanos e argentinos.

No período, o técnico se viu no meio de um problema histórico do calendário da CBF (Confederação Brasileira de Futebol). Como o Campeonato Brasileiro não para durante as datas da Fifa destinadas para amistosos, ele desfalcou equipes do país ao convocar atletas para a seleção. Ouviu queixa de treinadores e de dirigentes dos clubes.

“Estou tendo bom senso, mas existem fatores de calendário, que não é da CBF, é dos clubes também. Tive dois títulos, 2011 e 2015 [com o Corinthians, no Brasileiro], e também sofri. Sei dimensionar isso, mas sabia também que poderia fazer grupo forte para chegar”, afirmou o técnico Tite em setembro.

Futuro de Vettel na Ferrari vai depender da evolução em 2020

Piloto alemão começa a próxima temporada bastante pressionado em função dos resultados deste ano

Julianne Cerasoli
Folhapress

São vários os contratos de pilotos que acabam no final do ano que vem da Fórmula 1, mas nenhum dos nomes das grandes equipes vai começar a temporada 2020, em março, no GP da Austrália, mais pressionado do que Sebastian Vettel.

O alemão de 32 anos vem de três anos muito instáveis na Ferrari, alternando provas em que teve um ritmo forte com erros em manobras simples, sendo o último o que causou um acidente com o próprio companheiro, Charles Leclerc, no GP do Brasil.

Apesar dessa fase de altos e baixos já durar desde 2017, especialmente após a oitava etapa, no Azerbaijão, quando jogou o carro em cima de Lewis Hamilton, Vettel vinha mantendo certo prestígio na Ferrari até a chegada de Leclerc, no início deste ano.

Mesmo apenas em sua segunda temporada na Fórmula 1, o monegasco de 22 anos chegou na frente de Vettel no campeonato e, de quebra, foi o piloto com o maior número de poles na temporada. Enquanto isso, o tetracampeão seguiu cometendo erros não forçados, como quando estampou a traseira de Max Verstappen no GP da Grã-Bretanha ou rodou sozinho no GP da Itália.

Leclerc também cometeu seus erros, como na classificação no Azerbaijão e quando bateu sozinho no GP da Alemanha, mas, na avaliação ferrarista, isso pode ser explicado pela falta de experiência.

Do ponto de vista da equipe, a temporada 2020 é bastante propícia para escolher um possível substituto para Vettel. Tanto pilotos experientes, como Lewis Hamilton e Daniel Ricciardo, quanto jovens promissores, como Max Verstappen e Carlos Sainz, devem começar o ano sem contrato para 2021.

Por conta disso, a visão da Ferrari é de que Vettel só

fica se mostrar uma evolução clara nas seis primeiras etapas, antes de quando geralmente se iniciam as negociações mais sérias, a partir do GP de Mônaco, em maio.

Foi justamente na tradicional etapa que a Scuderia deixou clara a Leclerc sua intenção de contar com seus serviços, embora o acordo em si só tenha sido fechado às vésperas do GP da Itália, em setembro.

Sobre quem poderia substituir Vettel, isso depende de como será a evolução de Leclerc no início do ano que vem.

Se o piloto demonstrar que pode liderar a equipe contra a Mercedes de Lewis Hamilton, campeão em cinco das últimas seis temporadas, ou contra a força emergente da Red Bull-Honda com Verstappen, a tendência é que a equipe busque alguém que possa trazer pontos para o mundial de construtores ao invés de bater de frente com o monegasco, que acredita ainda não estar no mesmo nível de Hamilton.

“Preciso chegar na consistência dele porque esse é o segredo”, disse Leclerc à reportagem. “Ele quase não tem cometido erros e isso é algo que tenho que melhorar para o ano que vem.”

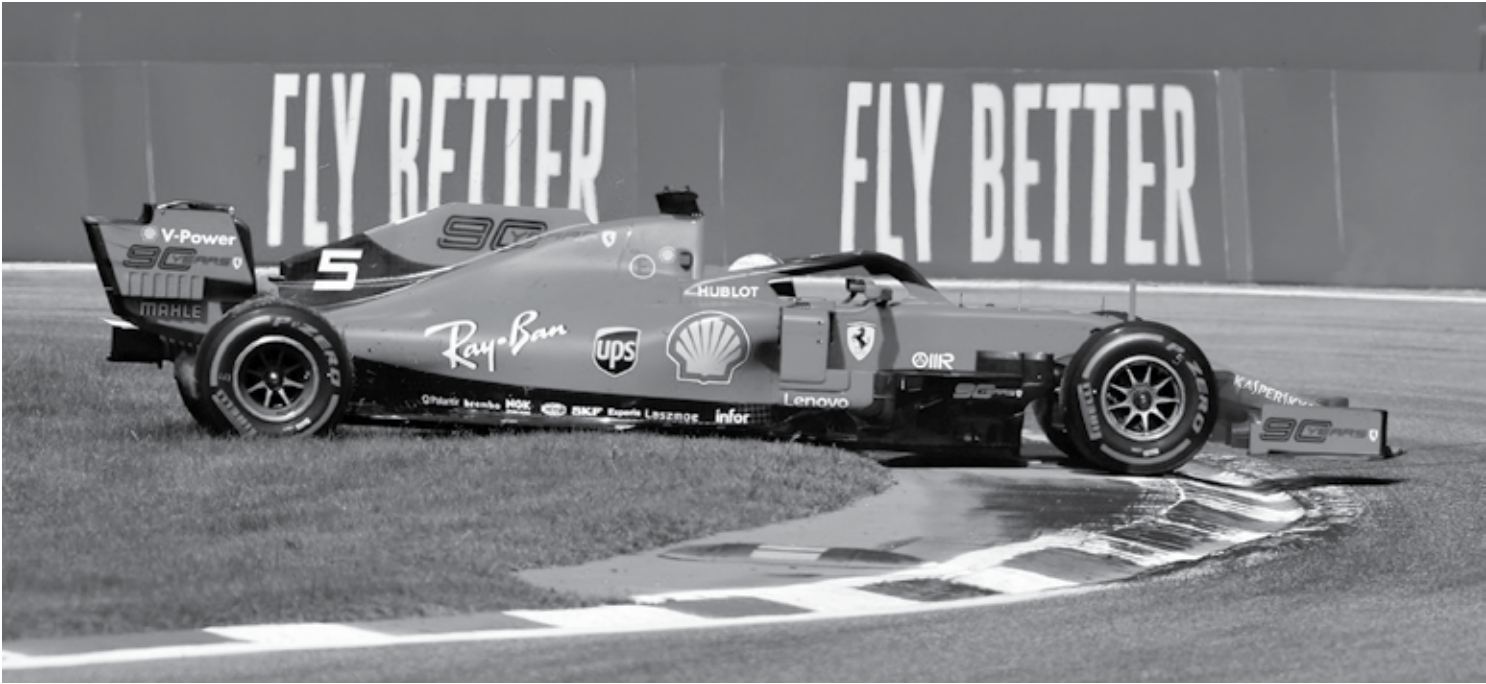
Caso os erros de 2019 se repitam, isso abre espaço para que as conversas iniciais que o time teve com Hamilton avancem. Verstappen, por sua vez, já declarou que não tem interesse na vaga, e as suspeitas que ele levantou sobre a legalidade do carro ferrarista também prejudicaram sua imagem em Maranello.

“Por que dar credibilidade para um moleque de 22 anos?”, questionou nesta semana o CEO ferrarista, Louis Camilleri, que também negou qualquer tipo de interesse no holandês.

Não que isso não possa mudar, contudo. Fernando Alonso sempre foi carta fora do baralho enquanto Jean Todt esteve no comando da Ferrari, mas foi contratado



Foto: FIA/Divulgação



O alemão ficou atrás do companheiro Charles Leclerc na classificação geral e cometeu alguns erros que custaram pontos na classificação geral

logo depois que o francês saiu.

Falando no espanhol, que já deixou clara sua intenção de voltar ao grid da F-1 em 2021, um retorno à Ferrari é visto como praticamente impossível. Assim como Vettel, ele foi contratado a peso de ouro para fazer a Scuderia voltar a vencer títulos e passou cinco anos em branco,

deixando poucos aliados após sua saída devido à fama de desagregador. A idade -Alonso faz 40 anos em 2021- também pesa contra o espanhol.

Entre os jovens pilotos, alguns nomes começam a figurar na órbita ferrarista são o espanhol da McLaren, Carlos Sainz, que vem de grande temporada.

Ricciardo tem estado na

lista ferrarista já há algum tempo, ainda que ele tenha garantido à reportagem que não conversou mais com a Ferrari desde o GP de Mônaco de 2018 -quando o então presidente Sergio Marchionne fez a opção por Leclerc-, e outra “cria” do programa de desenvolvimento de pilotos ferrarista, assim como Leclerc, Antonio Giovinazzi,

correria por fora.

As equipes da Fórmula 1 já estão se preparando para a temporada 2020, que começa dia 15 de março. A Ferrari anunciou que lança seu carro dia 11 de fevereiro, em Maranello. Já a ex-Toro Rosso e agora Alpha Tauri também já divulgou sua data de lançamento: 14 de fevereiro em Salzburg, na Áustria.

Surpresa

Maior campeão do surfe, Kelly Slater fica fora de Tóquio

Foto: Divulgação



Folhapress

A etapa de Pipeline do Mundial de surfe definiu o segundo representante dos Estados Unidos no torneio olímpico masculino da modalidade. Maior campeão da história do esporte, Kelly Slater, 47, não conseguiu classificação aos Jogos de Tóquio, no próximo ano.

O critério adotado foi a colocação no circuito em 2019. Os dois melhores de cada país obtiveram vaga, e as norte-americanas ficaram com Kolohe Andino, 25, e John John Florence, 27.

No Mundial, Florence compete com a bandeira do Havaí. Para efeitos olímpicos, no entanto, o território é considerado parte dos Estados Unidos, que não terão seu grande vencedor na histórica disputa no Japão, na praia de Tsurigasaki, em Chida, a cerca de 60 quilômetros da capital.

Slater levou o Mundial 11 vezes, a última delas em 2011. Sua trajetória vitoriosa acabou inspirando Florence, que conquistou o título em 2016 e em 2017 e tirou do ídolo a vaga na Olimpíada.

A relação vai bem além

da ligação fã-ídolo. Vizinhos no Havaí, bem pertinho das ondas que acabaram definindo o último classificado norte-americano, eles construíram uma ligação que faz Florence dizer: “Ele é quase como um tio”.

Depois de crescer vendo Slater competir e ganhar, o havaiano se tornou surfista profissional. Era visto como um atleta de muito talento, mas foi só se tornar um real concorrente ao título mundial depois de um retiro com o rival experiente.

“Fizemos uma viagem. Naquele ano, o havaiano

conquistou seu primeiro Mundial, conseguindo o bi na sequência. As contusões acabaram o tirando da disputa em 2018 e em 2019, mas ele voltou de uma cirurgia no joelho a tempo de obter a segunda vaga norte-americana na Olimpíada.

A primeira já era de Kolohe Andino, que chegou a Pipeline com chance até de título mundial. Na etapa derradeira do circuito, Slater avançou até as semifinais e foi mais longe do que Florence, que parou nas quartas, mas se manteve à frente na classificação da temporada

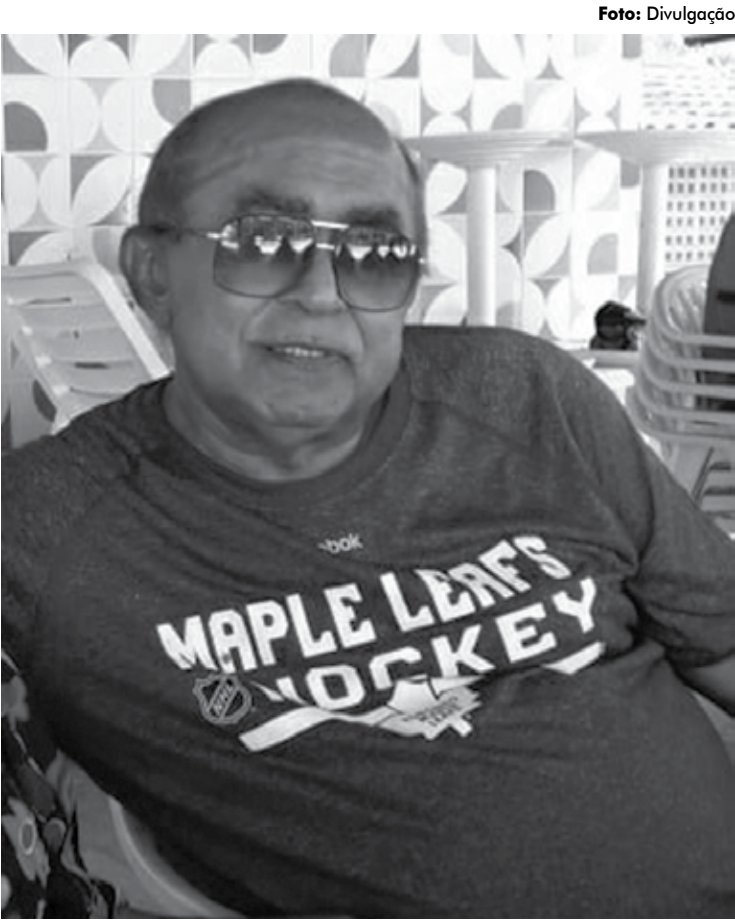


Foto: Divulgação



Fotos: Arquivo

O ex-jogador Nena Nunes fez história no futebol da cidade paraibana de Catolé do Rocha, onde todo ano é realizado um jogo em sua homenagem. Fez parte do elenco de 1969 da Raposa (primeiro agachado à esquerda)

Nena Nunes, o jogador mais famoso de Catolé do Rocha

Atacante chegou a ser sondado pelo Flamengo, do Rio de Janeiro, e atuou pelo Campinense no fim da década de 60

Costa Filho
Especial para A UNIÃO

Será que ele vai jogar pelo menos alguns minutos?” Com essa dúvida, cheguei a Catolé do Rocha, na tarde de 29 de novembro. A cansativa viagem de João Pessoa até minha terra natal tinha como propósito lançar o livro-reportagem “Sport x Grande Imprensa: desde 1987”, de minha autoria, e participar do já tradicional Troféu Nena Nunes, programado para o domingo, 1º de dezembro deste ano. Situada no bairro do Batalhão, a residência do meu pai fica a meio quilômetro do Estádio Municipal Benedito Alves Fernandes. Na véspera do “Jogo das Estrelas”, na companhia dos irmãos Iza e Marco Aurélio, passei em frente àquele antigo campo de futebol. Contemplando o “Beneditão”, viajei no tempo ao relembrar grandes espetáculos produzidos por Nena & cia.

Inúmeras vezes, aplaudi

de pé aqueles artistas aurinegros. O Tabajara Atlético Clube era misto de sonho e realidade. Acordei-me bem cedo. Com dribles de corpo, adaptava-me à casa de Seu Cizinho, rompendo as dificuldades de locomoção impostas pela poliomielite. Atendendo à recomendação de Ariano Suassuna (filho de um filho de Catolé do Rocha), vesti-me a caráter para a festa de gala, com ‘Sport fino’, no 87. Em meus pensamentos, o prenúncio de um típico domingo de futebol.

Em outro ponto da cidade, o Professor Caboco preparava-se para prestigiar o Troféu Nena Nunes, realizado pelo décimo ano consecutivo. Além da paixão em comum pelo futebol, ele teve paralisia infantil e seu destino era também o Parque das Mangueiras, no Sítio Cajueiro. Ao iniciar a pé aquele percurso de quatro quilômetros, torcia por uma carona e indagava a si mesmo: “Será que Nena vai jogar pelo menos 15 minutos?”

No trajeto, pouco antes da ponte sobre o riacho Agon, deparei com o carro-de-som que conclamava a torcida para o jogo Ronaldo Veículos x Masters do Botafogo. Empolgado, o locutor destacava o duelo Marcelinho Paraíba versus Silvinho. Lembrei-me da recomendação de Bebeto, meu filho: “Agradeça a Marcelinho por carregar o Sport nas costas no acesso do Brasileiro 2011”. Quase meio séculos atrás, era papai que carregava-me na “cacunda” lá de casa, na Rua das Três Pedras, até o “Beneditão”.

Como os deuses do futebol haviam prometido, o dia foi de festa no Cajueiro, com o time da casa ganhando por 3 x 2. Mas, Nena não jogou. Nem poderia. Aos 69 anos, o ex-craque catoleense já tinha agendada uma cirurgia do nervo ciático para dali a uma semana, no Recife. Frustrações à parte, mas feliz por já ter garantido uma carona de volta até a cidade, o Professor Caboco cumprimentou o ídolo e, com

o dedo indicador, apontou para a própria cabeça, sentenciando: “O que importa é o que está registrado aqui”. Ele tem razão. Os dados arquivados na nossa memória afetiva são, de fato, indelévels. Nos campos da vida Edvan da Silva Nunes nasceu em Catolé do Rocha, no dia 31 de maio de 1950. O filho de Clóvis Alves da Silva e Maria Pereira Nunes interessou-se muito cedo por futebol. Pertinho de casa, havia o campinho da Praça Sérgio Maia, em frente ao Colégio Francisca Mendes. Com os irmãos Diá e Ednaldo, o caçula franzino de Dona Mocinha vivia no mundo encantado da bola.

Como o advento da televisão era uma novidade na maioria dos lares da região, acompanhavam-se os jogos pelo rádio. As ondas mágicas irradiadas daquela caixa eletrônica davam asas à imaginação do menino, ajudando-o a forjar seus primeiros referenciais no âmbito desportivo. “Meu ídolo sempre foi o rei Pelé. Sempre o

admirei bastante e procurava me espelhar nele”, rememora.

Além do camisa 10 do Santos e da Seleção Brasileira, havia os craques locais. Vendo-os jogar, Nena foi aprimorando alguns fundamentos básicos, passando a chamar a atenção dos adeptos do futebol. “Destaco o Severino, por sua firmeza embaixo da meta, e Zé Cirne, que era um belo atacante, que trabalhava no Banco do Nordeste. Eu admirava muito o seu futebol”, revela o hoje circunspecto policial federal aposentado.

Os primeiros adultos a perceber o talento de Nena foram os saudosos Seu Oliveira e Doca Sá. A constatação veio com Jeová e Seu João, fundador do hoje extinto Flamengo. “Essas pessoas mantinham a chama do futebol”, recorda. Cientes de suas qualidades ofensivas, os técnicos o posicionavam na armação de jogadas, com liberdade para atuar mais à frente. “A minha posição pre-

ferida, aquela à qual melhor me adaptei, foi a ponta-de-lança”, observa.

Ambidestro, o atacante Nena desferia chutes com força e precisão. “Isso facilitava bastante o meu trabalho em campo. Quando a bola sobrava, em qualquer um dos lados do campo, estava apto a chutar em gol”, acentua. Conforme opinião dos que o viram jogar, a velocidade não era o seu forte, mas, isso era compensado pela habilidade, rápido raciocínio e grande visão de jogo.

Isso facilitava bastante o meu trabalho em campo. Quando a bola sobrava, em qualquer um dos lados do campo, estava apto a chutar em gol. Meu ídolo sempre foi Pelé

Mãe priorizou os estudos e vetou mudança para a capital fluminense

Costa Filho
Especial para A UNIÃO

Na fase adolescente, jogou no ABC e no Tabajara, despertando a atenção de olheiros de outros centros. “Naquela época, com uns 15 anos de idade, já enfrentávamos equipes de fora e, realmente, houve interesse. Eram pessoas, empresários que me viram jogar, surgindo uma oportunidade de eu ir para o Flamengo, do Rio de Janeiro”, relembra. Um conselheiro do clube carioca, em visita a Catolé do Rocha, demonstrara interesse em levar o garoto. “A grande dificuldade era a minha idade. Sair do interior da Paraíba, deslocando-me para o Rio, sem a estrutura que se tem hoje...”, pondera. Dona Mocinha, já viúva, fez prevalecer o bom senso. “Minha mãe decidiu que eu deveria estudar”, revela resignadamente.

Embora ciente da importância dos estudos, Nena passou um período no Campinense Clube, em Campina Grande. “Na época, (a Raposa) era quem melhor representava a Paraíba”, afirma. Porém, com a aproximação do Vestibular, priorizou os estudos e

seguiu para João Pessoa. Em 1969, recém-chegado à capital paraibana, Nena prestou exame e foi aprovado para o curso de Engenharia Civil da UFPB. No mesmo ano, por intermédio do Auto Esporte, o moço catoleense renovou o namoro com a bola. Em 1971, Nena foi convocado para a Seleção Paraibana de Futsal para a disputa dos Jogos Universitários, em Porto Alegre. Nas quadras, atuou ainda pelo Clube Astréa e Esporte Clube Cabo Branco.

Em 1975, migrou para o Recife, onde concluiu o curso de Engenharia Civil. Em meados dos anos 1980, já no quadro da Polícia Federal, houve nova mudança de ares, desta feita para Brasília. Na capital federal, permaneceu por mais de dez anos, retornando depois a Pernambuco para assumir cargo na Secretaria da Defesa Social.

Gratidão ao futebol

Há mais de uma década, desportistas catoleenses resolveram criar um evento de grande porte – e duradouro. A denominação viria do resultado de uma enquete para apontar o atleta natural de Catolé do Rocha com maior representatividade na região. Dentre

os organizadores, Humberto Vital e Luterio Nunes. O primeiro tem reconhecida folha de serviços prestados ao esporte local. Segundo Vital, responsável pelo site CatoleneWS, após consultas, chegou-se ao nome que, no desporto, melhor representa o município. Vereador por Catolé do Rocha em cinco mandatos consecutivos, Luterio Nunes sempre teve seu nome vinculado ao futebol da terra. Em 1993, atuando como dirigente do Catolé Esporte Clube, levou o time à primeira divisão do Campeonato Paraibano de Profissionais. “O Troféu Nena Nunes é uma justa homenagem àquele que é considerado o maior jogador de futebol da região de Catolé do Rocha em todos os tempos”, justifica.

Convalescendo de uma cirurgia “bem-sucedida” no nervo isquiático, o pai de Júnior, Kalina e Edmundo, frutos da união com Dilma, diz que gratificante mesmo é o reconhecimento dos torcedores. “Sinto-me honrado e feliz em poder representar a minha cidade, o lugar que tanto admiro e onde guardo tantos amigos. Tudo isso eu devo ao futebol”, afirmou Nena Nunes, grato e visivelmente emocionado.



Nena Nunes (agachado ao centro) com a Seleção Paraibana de Futsal em 1971

Botafogo faz hoje o primeiro amistoso diante do Assu-RN

Jogo acontece a partir das 15h no campo da Maravilha do Contorno. Elenco do Belo conta com 13 novos jogadores

Iago Sarinho
iagosarinho@gmail.com

O Botafogo da Paraíba segue sua preparação para a temporada do próximo ano, onde mais uma vez terá calendário cheio, Campeonato Paraibano, com estreia marcada para o dia 19 de janeiro diante do São Paulo Crystal, além da Copa do Nordeste, Copa do Brasil e Campeonato Brasileiro da Série C. Nesse sentido, o time realizará hoje seu primeiro amistoso, às 16h, diante da equipe do Assu-RN, na Maravilha do Contorno.

Este será o primeiro teste da equipe botafoguense montada para a temporada 2020. Com 27 atletas, o elenco do Belo está renovado, são 13 novos jogadores, 12 remanescentes e dois retornos de empréstimo, o lateral direito Israel que estava no CRB-AL e o volante Djavan que disputou a temporada de 2019 pelo Cuiabá-MT, ambos jogaram a série B.

Tendo chegado como opção para ser o novo camisa 10 da equipe, o meia Rodrigo Andrade, que estava no Sampaio Corrêa, comentou sobre a importância desse primeiro jogo amistoso e a disputa pela titularidade.

“Estamos no meio da pré-temporada e a luta é para buscar a titularidade na equipe. Sabemos da qualidade do elenco e estamos trabalhando muito forte para estar prontos para o começo da competição e honrar a camisa desse clube tão importante”, comentou o meia.

Feliz em João Pessoa, o meia afirmou que as condições de trabalho encontradas no clube são ótimas e que a cidade garante conforto e tranquilidade para focar apenas no futebol.

“Eu cheguei duas semanas antes da pré-tempo-



Foto:Ascom/Botafogo

Depois de muitos exercícios físicos e treinamentos táticos, os jogadores do Botafogo vão encarar o primeiro amistoso da pré-temporada contra uma equipe potiguar, na Maravilha do Contorno

rada, vim antes com minha família, até para ir conhecendo a cidade e tenho com- provado o que a gente ouvia. Realmente é um lugar muito bom de viver. Estou muito feliz aqui, fui muito bem recebido pelo elenco, o clube tem nos dado toda a con- dição de trabalho e tenho

certeza que vamos fazer um grande 2020”, afirmou.

Os ingressos para o amistoso entre Botafogo e Assu custam R\$ 10,00 e sócios em todos os níveis terão entrada gratuita para assistir a primeira exibição do novo elenco botafoguense para 2020.

Treze

Além do confronto entre Botafogo e Assu, mais uma partida movimentada a pré-temporada das equipes paraibanas em preparação para o campeonato estadual. Em Campina Grande, o recém promovido Sport Lagoa Seca, enfrentará, no

Estádio Amigão, às 16h, a equipe do Treze, que chega animada após a vitória diante do rival Campinense na última terça-feira (17), quando o time saiu vitorioso na disputa por pênaltis do Trófeu Amigos da FAP.

O Confronto será o segundo amistoso realizado na

pré-temporada também por parte da equipe do Sport Lagoa Seca, que, na última quinta-feira (19), enfrentou e perdeu para a equipe do Força e Luz-RN pelo placar de 3 a 1. O time potiguar, assim como a equipe do Sport, é o atual campeão da segunda divisão em seu estado.

Na Boca do Gol

Eudes Toscano
toscanobr@yahoo.com.br

A noite dos Paraíbas na Cidade Maravilhosa!

Existem jogos que marcam nossas vidas. Uns com lembranças de conquistas de títulos, outros com gols inesquecíveis. Muitos pela própria beleza que o espetáculo oferece. Foi o caso daquela partida realizada no dia 06 de março de 1980, tendo como cenário, uma noite quente de lua cheia, no Rio de Janeiro, e por palco, o sagrado gramado do estádio do Maracanã, valendo pelo Campeonato Brasileiro. Na cabine número 25 da maior praça de esportes do mundo, até então, lá estavam comigo o repórter João de Sousa, e como comentarista, o jornalista Marcondes Brito, hoje diretor da Sucursal em São Paulo, da RBA - Rede Brasil da Amazônia e por testemunhas 25.496 espectadores. Nesta noite, fui transformado numa dessas testemunhas do maior feito de um clube de futebol do Estado da Paraíba, fora da terrinha, sem ser seu torcedor.

O mais engraçado é que o clube não tinha camisas, calções e nem meióes para entrar em campo, sendo necessário o diretor de futebol, Aldro Grizi, adquirir tais mate-

riais na loja do ex-craque campeão mundial Nilton Santos, do Botafogo de Futebol e Regatas, que ficava na Rua Voluntários da Pátria. (o material original do clube, foi parar em outro aeroporto). Outro fato interessante é que apenas o goleiro Hélio Show, teve em sua camisa a estrela solitária, já que na loja, elas não existiam na cor vermelho, e o time paraibano, havia introduzido esta cor em seu uniforme, fato ocorrido na administração do empresário paulista, José Flávio Pinheiro Lima.

Os defensores botafoguenses, haviam atuado em Recife, onde derrotaram o Náutico, dentro do estádio Eládio de Barros Carvalho, no bairro dos Aflitos, por 1 x 0, com gol do grande atacante baiano Zé Eduardo. Ao seguirem para o Rio de Janeiro, os jogadores receberam uma promessa, quase inacreditável, do presidente Deputado Álvaro Magliano; DEZ MIL CRUZEIROS, para cada jogador ganhar do excelente time do Flamengo e o pagamento dos bichos atrasados, que eram devidos. Para se ter uma ideia, do

que representava este valor, o maior salário do time botafoguense era o de Zé Eduardo, em torno de quinze mil cruzeiros.

Do primeiro ao último minuto de jogo o Botafogo preocupou o Flamengo, parecendo que jogava em casa, sem se impressionar com o gigantismo do estádio. As defesas milagrosas de Hélio Show, a categoria de Deca, a impecável atuação do cearense Nicácio, com Magno e Zé Eduardo completando o meio de campo, fizeram de Raul, Carpegiani, Adílio, Junior e Zico, jogadores normais. Não existia necessidade de nenhuma marcação, ou atenção especial. Quando o ponteiro Soares abriu o placar, aos quatro minutos do segundo tempo, poucas vozes de paraibanos foram ouvidas no Mário Filho, o que teve eco na verdade, foi o gol de empate anotado por Tita, aos vinte minutos, tirando um pouco do entusiasmo paraibano, que aquela altura, já conquistava um resultado excelente.

Os gritos de "Paraíba" "Paraíba" somente apareceram aos trinta e seis minutos, quando Zé Eduardo decretou a sentença do arqueiro

Raul Plasman, consolidando o momento mais importante do futebol paraibano e transformando aquela, na única derrota dentro da competição, exceto em um jogo que perdeu para o Atlético Mineiro, isto já na série decisiva. Um pequeno bloco de torcedores paraibanos fez a festa, até o final da partida. Colocados na frente da cabine da Rádio Tabajara da Paraíba, gritavam o nome da terra, num momento de emoção incalculável. Aos prantos, um garoto torcedor invadia nossa cabine, e colocando sua cabeça no meu ombro, chorava copiosamente, gritando: "eu sou Paraíba, eu sou Botafogo". Este garoto era o jovem Toinho, hoje professor de Matemática do CEFET, uma outra testemunha do feito memorável.

O grande Magno, uma das perfeições daquele time, diz, até hoje, que o forte da equipe era a união entre jogadores, familiares, Comissão Técnica e dirigentes. Fui naquela noite, mesmo sendo flamenguista, o maior torcedor da Paraíba, sem ser botafoguense. Era um pedaço de nós que desfilava no verde gramado do Maracanã



“O Rei da Sanfona” Zé Paraíba brigou na Justiça para ser o único a usar esse pseudônimo no Brasil e ganhou a causa

Sanfoneiro sertanejo gravou mais de 100 LPs de sucesso

Zé Paraíba era considerado um dos profissionais mais ágeis e criativos na sanfona, comparado a Sivuca ou Ermeto Pascoal

Hilton Gouvêa
hiltongouvea@bol.com.br

Ontem foi triste para todos os sanfoneiros e amantes nordestinos do forró, porque lembrou o sexto mês da morte do sanfoneiro paraibano Zé Paraíba, batizado José Salete Leite. Ele nasceu em São José de Piranhas, no Alto Sertão paraibano (401 km a oeste

de João Pessoa), e morreu em 22 de junho deste ano, no Hospital Regional de Cajazeiras. O atestado de óbito acusou falência múltipla de órgãos, agravada pelo mal de Parkinson. Autor de mais de 100 Lp,s ele era considerado um dos profissionais mais ágeis e criativos nesse tipo de instrumento, podendo ser igualado a Sivuca ou Ermeto Pascoal.

Conhecido no meio artístico como “O Rei da Sanfona”, Zé Paraíba brigou na Justiça para ser o único a usar este pseudônimo no Brasil e ganhou a causa. Morou cerca de 30 anos em São Paulo, mas terminou retornando à sua terra de berço, São José de Piranhas, para tratar melhor da saúde e ficar mais próximo da família. De acordo com o

advogado e musicólogo D. Cardoso, ele constava entre os forrozeiros mais tocados nas emissoras de rádio nordestinas. E também foi solidário com outros artistas, ajudando-os a alcançarem o sucesso. “O homem ganhou muito bem com suas músicas e composições, mas o forró eletrônico contribuiu para que 60% de suas criações musicais fossem

esquecidas”, diz o pesquisador musical. O laudo médico, lançado pela direção do Hospital Regional de Cajazeiras, também fez constar “suspeita de dengue hemorrágica” na causa da morte de Zé Paraíba que, aos 82 anos, nos últimos meses de vida andava quase anônimo nas ruas de sua cidade. Seu pai, o sanfoneiro José Leite de

Oliveira, sempre carregava o filho para os forrós onde tocava por contrato. E Zé Paraíba, até os 13 anos, tocava pandeiro nessas festas e, quando podia, pegava na sanfona, incentivado pelo pai, que teve uma carreira de sanfoneiro de forró por mais de 40 anos. Foi por isso que José Salete Leite entrou aos 13 anos para a vida artística.

Encontro casual e feliz com Luiz Gonzaga, na feira do Brás, em São Paulo

Aos 17 anos, quando o pai o presenteou com uma sanfona de 48 baixos, Zé Paraíba rumou para São Paulo. Ali, num encontro casual muito feliz, topou com Luiz Gonzaga na feira do Brás (SP), que o indicou para gravar seu primeiro LP. As pesquisas de Dom Cardoso indicam que ele vendeu mais de 5 milhões de cópias na América Latina. “A sanfona não tinha segredos para Zé Paraíba, pois ele criou afeição por ela desde a infância, como o fez Sivuca, Luiz Gonzaga e Hermeto Pascoal”, assegura D. Cardoso. Sofrido como todo músico que nasceu pobre, ele não alcançou a trajetória internacional de Sivuca, que por muitos anos

acompanhou a cantora sul africana Miriam Makeba e fez um de seus maiores arranjos, na música “Pati-patatá, sucesso absoluto na América. Mas conseguia eletrizar as plateias, com seus dedos ágeis, empolgando, inclusive, as mulheres, que deliravam durante os seus shows. A discografia do artista genuinamente paraibano inclui 18 músicas de sucessos, entre elas se destacando: 50 anos de forró, em 2010; O rei da Sanfona, em 1988; Ela Gosta de Tv, em 1984; A Flor do Forró, em 1983; Tá tudo aqui, em 1982; Zé Paraíba, em 1981; Receita do Zé, em 1980; Pintou na Cuca, em 1979; Festa Boa, em 1978, O Rei da Sanfona, em 1976; Forró de

Latada, 1976; De São Paulo, 1974; Eu só quero um Xodó, em 1974; Ai Vareia, 1972 e Forró do Zé Paraíba. Ele gravou pelos selos Tropicana, Beverly, Premier, RGE e Itamaraty, Um amigo da família conta que Zé Paraíba, ao ser abordado por uma fã, que entrou sorrateiramente em seu camarim, disse que só sairia dali se ele a dedilhasse como fazia na sanfona. O artista tentou ponderar a impossibilidade dessa estranha operação, mas a mulher insistiu. Depois, ela mesma deu a dica: “Que tal você começar dedilhando os botões do meu vestido? Ele entendeu a jogada e foi lá, executando-a maravilhosamente. Testemunhas de vista re-

latam que Zé Paraíba tinha a pinta de um caubói, isto quando usava roupas e chapéus à moda country. Dispunha de uma elegância incomum, para tocar a sanfona ou acordeom. Tinha um riso enigmático, como se fosse a versão masculina de La Gioconda. Era um gentleman. Contemporâneos insistem em dizer que ele nunca agrediu nem foi agredido em seus shows. Jornal paulista Notícias Populares, em sua edição de 17 de novembro de 1977, atribui uma mentira a Zé Paraíba, que pode ser observada por qualquer leitor. O jornal publica uma foto do músico, dizendo que ele foi sanfoneiro de lampião. Vamos a mate-

mática: Zé Paraíba nasceu em 1932. Lampião morreu em 1938. Será que aos seis anos de idade, este homem já tocava para um bando de cangaceiros? Esta não cola. Nessa história, a única coisa verdadeira é que José Leite de Oliveira, o pai de Zé Paraíba, tinha uma fazendola nos confins da Paraíba, onde Lampião sempre passava com seu bando, em demanda do Rio Grande do Norte. E, certa vez, num povoado próximo, José Leite foi convidado por Lampião para tocar um baile para seu bando. Lá, uma senhora dona de engenho recusou dançar com Virgolino e, este, obrigou todos a dançarem nus. Foi uma zorra, mas isto aconteceu.

Mistérios por trás da história da amante de Antônio Silvino

Antonia Arruda chegou a visitar o cangaceiro na prisão, mas desapareceu, talvez por medo de perseguição

Hilton Gouvêa
hiltongouvearaujo@gmail.com

Em 27 de novembro de 1914 as tropas do então alferes Teophanes Ferraz prenderam Antonio Silvino, “O rifle de ouro”, em Taquaritinga (PE). Manoel Batista de Moraes – este o verdadeiro nome do cangaceiro - após receber duas balas entre as espáduas e ter os pulmões seriamente atingidos, entregou-se mansamente, ao contrário de seu amigo, Pedro Moura, que se suicidou com um tiro no ouvido, “para não cair nas mãos dos macacos.” No dia seguinte, ao chegar de trem no Recife, sob forte escolta, pouca gente notou a presença de uma cabocla bonita, de cabelos curtos, que só despertou a curiosidade pública porque beijou o cangaceiro com determinação e, embora um pouco assustada, tirou fotos ao lado dele. Era Antonia Arruda, que o visitaria algumas vezes na prisão, mas que sumiu misteriosamente, talvez com medo de ser perseguida.

Honório de Medeiros diz que o seu dileto amigo, Anderson Tavares de Lyra, encontrou um pequeno vestígio da passagem desta mulher pela vida de Silvino na Revista “O Malho”, isto depois de pesquisar na Hemeroteca Digital Brasileira, do arquivo da Biblioteca Nacional. A reportagem de “O Malho”, na edição de novembro de 1914, mostra foto de Antonia e Silvino em Recife, no momento em

que ele dava entrada na Casa de Detenção, onde o cangaceiro cumpriria 23 anos diretos de prisão, dos 29 anos e nove meses que a Justiça lhe impôs. A revista só citava isto sobre a misteriosa mulher: “Antonia Arruda, amante de Antonio Silvino, ostentando no peito um medalhão, com o retrato do cangaceiro”. Não citou mais nada que pudesse precisar de onde veio esta mulher, onde morava quando Silvino acabou preso e para onde foi quando sumiu do Recife.

A partir desta revelação de “O Malho”, uma correria se instalou entre os silvinólogos: Todos queriam saber mais sobre a bela e misteriosa musa, que ocupou um lugar de destaque no coração do “rifle de ouro”, a quem seus biógrafos atribuem um relacionamento com pelo menos 46 amantes. Kiko Monteiro, do blog Lampião Aceso, disse que “já havia visto outras fotos antes de Antonio Silvino, mas em nenhuma aparecia o nome desta cabocla”. Nesta busca, Kiko topou com o livro do cangaceirólogo Sérgio Dantas e acabou identificando outra paixão de Silvino, Maria Anunciada, só que não havia foto. Dantas sustenta que “o que não faltou foi mulher na vida de Silvino”. Já Lampião, foi fiel a Maria Bonita, até o final da vida, embora alguns autores digam que “Santinha” não foi tão fiel assim, com seu malvado amor.

O poeta glosador e en-

saísta Laélcio Ferreira, indaga, segundo Honório de Medeiros: “Não será esta senhora (Antonia Arruda) a mãe do general?” Fala-se que Silvino teve um filho que chegou a general do Exército Brasileiro. Afirma-se que Silvino, ao flechar o coração de várias mulheres, teve filhos com 40 delas, se bem que, no seu bando, não permitisse a presença de mulheres. “Os olhos azuis do cangaceiro e sua estatura regular levava as mulheres ao suspiro e o relacionamento dele com uma moça de importante família pernambucana foi muito badalado”, diz Amadeu Mozart Pinheiro, que estuda, atualmente, a vida do cangaceiro. As mulheres de Silvino não revelavam a paternidade de seus filhos temendo represálias de famílias das vítimas, da polícia e de perseguições diversas. Na giria atual, ele seria um “come calado”, na pura expressão da palavra.

O nome de Antonia Arruda, assim afirma o paraibano José Tavares de Araújo Neto, aparece na dissertação de mestrado de Rômulo José Francisco de Oliveira Neto, mas fala pouca coisa. Apenas que ela acabou presa, por acoiatar o cangaceiro. O pesquisador Rostand Medeiros menciona Antonia Arruda em um de seus artigos e o ilustra com a foto da cabocla-fantasma. O escritor Severino Barbosa, em “Antonio Silvino, o Rifle de Ouro”, acende uma luz no final

do túmulo afirmando que “Antonia era natural de Afogados da Ingazeira, a terra de Silvino, e que ninguém soube explicar porque ela se tornou amante de um homem violento” (seria uma namorada dele, dos tempos da adolescência?). Onde passava, Silvino deixava muitas saias correndo atrás dele.

Testemunhas da época garantem que Silvino era o preso mais procurado na Casa de Detenção do Recife. Entre o ano de sua prisão (1914) e o de sua libertação, no final de 1937, o livro de visitas da Casa de Detenção do Recife registrou assinaturas incontáveis e algumas ilegíveis de mulheres que visitaram o cangaceiro. Um ano depois, em 28 de julho de 1938, seria morto em Angico o seu terrível sucessor, Virgolino Ferreira da Silva, o Lampião, juntamente com Maria Bonita e mais 10 cangaceiros. Propalou-se até que importante empresário de São Paulo, dizia ser filho de um cangaceiro nordestino (seria Antonio Silvino?). O cangaceiro era mais famoso do que seu vizinho de cela, o advogado João Dantas, assassino do estadista João Pessoa, cujas visitas femininas se restringiam a familiares. Dantas acabou assassinado na Casa de Detenção do Recife, juntamente com um cunhado. Silvino, que chegou a atirar um caneco no rosto de um desembargador, saiu de lá ileso e morreu anos depois, em Campina Grande.

Angélica Lúcio

angelicallucio@gmail.com

Jesus não se escreve com Z

Manjedoura se escreve com G ou com J? E Jesus: com S ou com Z? Incenso não tem cheiro bom se grafado com SS... Às vésperas do Natal, data em que os cristãos comemoram o nascimento do menino Jesus, eu deveria estar com pensamentos mais nobres em mente, mas não consigo tirar da cabeça algo prosaico: os erros de português que tenho visto por aí, cometidos por jornalistas ou outros profissionais.

Estamos escrevendo mal, muito mal. A confusão entre “estar” e “está” virou regra; vírgula separando sujeito de predicado, lugar comum. Abreviatura de horas, então, só rezando para Meu-Nome-é-Enéas... Uso da crase, concordância, regência, plural das palavras, tenho a impressão de que ninguém mais se importa com isso.

Só que eu me importo. Sou do grupo que fica com urticária ao menor sinal de erro de português num post do Instagram ou nos bem contados caracteres do Twitter. Sobrou até mesmo para a monja Coen. Eu estava acompanhando um vídeo dela no celular e, do nada, aquela senhoriinha tranqüila soltou um gerundismo no meio de uma frase, dissipando toda a “vibe” budista que eu buscava. Até você, monja? Surtei e não consegui mais me concentrar. A tal da atenção plena foi para o beleléu.

Não sei se a culpa é da internet, do jeito que se escreve nas redes sociais, da falta de leitura, da qualidade do ensino nas escolas, mas o fato é que nosso português está capenga. Muito. Parece até uma doença contagiosa. Quanto mais a gente vê gente escrevendo errado, mais errado a gente também fala e escreve. Isso também tem me afetado. Vez ou outra, fico em dúvida: Z ou S, G ou J, verbo no plural ou singular? Paro, respiro, pesquisei e tento acertar.

Além de ler muito, inclusive o dicionário (já falei sobre isso em outro texto), acompanhar mestres da Língua Portuguesa nas redes sociais também me ajuda a errar menos. No Instagram, sou fã declarada do professor Chico Viana (@curso-chicovianaw). Quando menos espero e estou me achando sabichona, ele solta uma postagem com algo que eu desconhecia (ou que usava errado mesmo). Além disso, também nos presenteia com seus ótimos versinhos. No LinkedIn, gosto das publicações de Dalva Corrêa e sua #batidaperfeita. Com bom humor e linguagem simples, ela dá ótimas dicas e ensina mesmo.

Em casa, sempre consulto o livro “A Língua no Bolso”, do professor João Trindade. Obra pequenina, como o próprio nome anuncia, mas com muito a oferecer. Na internet, dou uma olhada nas notinhas do Blog da Dad (de Dad Squarisi, no Correio Braziliense). São textos curtos, leves e certos. É acompanhar as publicações e ter a certeza de errar menos.

Minha rotina de tentar aprender um pouco mais a cada dia, contribui para que eu escreva sem envergonhar muito uma querida professora do ginásio, Socorro Vieira, lá de Patos-PB. Só que isso não deveria ser uma prática apenas de quem é jornalista, mas de todos os profissionais. Vou dar apenas um exemplo. Meu marido me contou outro dia que, quando estava fazendo consultoria para uma certa empresa, solicitou propostas a alguns profissionais da área de saúde. Uma delas se mostrou mais interessante, mas estava muito mal redigida. Ele entrou em contato com a pessoa e pediu que o material fosse enviado novamente, mas sem erros de português. A resposta? “Eu sou médico, não professor”. Sempre que me lembro dessa história, fico triste. E me vem à mente uma conhecida hashtag: #VergonhaAlheia.



Bobó de camarão

Fotos: Divulgação

O creme da mandioca faz uma base perfeita para este delicioso prato baiano

Ingredientes

- 450g de camarão rosa 25/1
- 800g de mandioca, descascada, cortada em roletes e retirado o fio central
- 50g de pimentão vermelho
- 50g de pimentão verde
- 80g de tomate débora
- 70g de cebola pera
- 6 dentes de alho roxo
- 90g de azeite de dendê
- 50ml de azeite de oliva
- 150ml de leite de coco
- Pimenta de cheiro picada a gosto
- Sal refinado a gosto
- 1 1/2 litro de água
- Coentro fresco a gosto

Modo de preparo

Limpar os camarões e fazer um caldo com as cascas, cabeças e água. Cozinhar a mandioca no caldo de camarão e processar ainda quente com um pouco do caldo. Reservar. Refogar o alho esmagado no azeite de oliva, juntar a cebola grosseiramente picada, puxar os camarões até ficarem rosados, retirar somente os camarões e reservar. Refogar os pimentões e os tomates, sem pele e sem sementes, picados em cubos pequenos na panela com alho e cebola, acrescentar as folhas do coentro e cozinhar um pouco. Processar esta mistura ainda quente (ou manter sem processar), retornar ao fogo, acrescentar o leite de coco, o azeite de dendê, a mandioca processada e cozinhar mexendo até dar o ponto. Finalizar, juntando os camarões.



Frango crocante com molho 3 em 1

Ingredientes

- 1 Xícara de molho 3 em 1 Hellmann's
 - 1 Colher de sopa de sal
 - 2 Xícaras de água
 - 600 Gramas de peito de frango cortado em cubos grandes
 - 2 Xícaras de fubá passado pela peneira
 - 1 Colher de chá de orégano
- Para fritar**
- Óleo a gosto



Modo de preparo

- 1 - Em uma panela junte o frango, a água e o sal e leve ao fogo médio, com a panela tampada, por 15 minutos ou até o frango estar cozido.
- 2 - Retire do fogo, escorra e reserve até esfriar.
- 3 - Em uma tigela funda misture o molho 3 em 1 HELMANN'S e o orégano. Reserve metade desta mistura.
- 4 - Passe cada cubo de frango nessa mistura e depois no fubá.
- 5 - Aqueça o óleo e frite os cubos empanados.
- 6 - Sirva o frango acompanhado com o molho reservado.

Bruschetta de ricota, limão siciliano e cebolinha

Ingredientes

- 1 xícara (chá) de ricota fresca esmigalhada com o garfo
- 1 colher (sopa) de casca de limão ralada
- 4 colheres (sopa) de azeite extravirgem
- 1 baguete pequena de pão italiano ou de pão francês cortada em fatias diagonais de 1,5 cm de espessura
- 6 colheres (sopa) de cebolinha picada
- Sal e pimenta-do-reino moída na hora a gosto

Preparo

Em uma tigela, misture a ricota com a casca de limão e tempere com sal e pimenta. Reserve. Aqueça uma frigideira antiaderente ou grelha e pincele as fatias de pão com um pouco do azeite. Grelhe o pão até dourar bem dos dois lados. Espalhe a mistura de ricota e salpique a cebolinha por cima. Regue com o azeite restante, decore com cebolinha e sirva.



Arroz doce delicioso e cremoso

Fotos: Reprodução/Internet

Ingredientes

- 1 xícara de arroz
- 500 ml de água quente para cozinhar o arroz
- 600 ml de leite quente
- 1 caixa de leite condensado (1/2 para quem não gosta do arroz muito doce)
- 200 g de creme de leite
- Canela em pó a gosto

Preparo

- 1 - Cozinhe o arroz em fogo baixo até ficar macio
- 2 - Aqueça o leite separadamente em uma panela até ferver
- 3 - Quando o arroz estiver cozido, acrescente o leite quente e vá mexendo para não grudar no fundo da panela
- 4 - Incorpore o leite condensado e a canela na quantidade de sua preferência e vá mexendo até engrossar
- 5 - Desligue o fogo, adicione o creme de leite e misture por mais alguns minutos
- 6 - Está pronto para servir





Nova consciência e mudança de conduta

“Busca pela economia viável, socialmente justa e ecologicamente correta”

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

A sustentabilidade do planeta é a pauta atual do mundo. Exploram-se mais recursos naturais do que o meio ambiente pode repor. Segundo o Relatório Planeta Vivo, publicado em 2016 pelo Word Wide Fund For Nature (WWF), seria preciso uma Terra e meia para poder atender às necessidades de consumo da população, ou seja, o déficit do planeta é de 50%. Por isso, preservar bens naturais como a água doce, a vida nos oceanos, a fauna e a flora significa garantir o bem-estar e até a sobrevivência das próximas gerações.

Sem qualquer intenção de propagar roteiros de filmes futurísticos, um dia, a água potável que sai hoje diariamente das torneiras ou um simples banho de cachoeira, poderão ser privilégios de poucos. Diante da constatação de que o planeta está se degradando e também reagindo aos exageros consumistas da humanidade, líderes mundiais se reuniram, organizações internacionais se formaram, para alertar e inspirar a civilização contemporânea sobre a adoção de uma nova consciência e mudança de conduta.

Um dos trechos da Declaração da Conferência da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre o Meio Ambiente (Estocolmo, 1972) dizia que “defender e melhorar o meio ambiente para as atuais e futuras gerações se tornou uma meta fundamental para a humanidade”.

Os princípios sustentáveis, no entanto, vão bem mais além do que garantir a saúde dos ecossistemas e bens renováveis. Abrange a erradicação da pobreza, a construção de

uma sociedade mais igualitária, harmônica, com oportunidades e direitos garantidos a todos os cidadãos. “Um mundo onde a pobreza e a desigualdade são endêmicas estará sempre propenso a crises ecológicas... entre outras”, aponta uma das passagens do ‘Nosso Futuro Comum’, relatório da Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (1987).

O relatório ficou conhecido como a “Comissão Brundtland”, por causa da médica Gro Harlem Brundtland que o presidiu. Mestre em saúde pública e ex-primeira-ministra da Noruega, Burtland foi uma escolha natural da ONU em 1983 para assumir esse papel, à medida que sua visão da saúde ultrapassava as barreiras do mundo médico para os assuntos ambientais e de desenvolvimento humano. Tanto a “Comissão Brundtland” quanto a Conferência da Organização das Nações Unidas e tantos outros tratados, delegações e debates sobre sustentabilidade são frutos da mobilização de países e organizações que se preocupam com a vida coletiva, a longevidade da humanidade e das diversas espécies da Terra. A mudança de atitude com relação à sustentabilidade deve ser unânime e urgente.

“Necessitamos urgentemente de uma ação global

em todos os setores da sociedade para construirmos um futuro mais sustentável, e que também nos leve a ações que revertam a tendência atual”, afirmou o escritor, professor e biólogo Boisbaudran Imperiano.

Segundo ele, a pressão crescente sobre os ecossiste-

“Necessitamos urgentemente de uma ação global em todos os setores da sociedade para construirmos um futuro mais sustentável, e que também nos leve a ações que revertam a tendência atual”

Boisbaudran Imperiano

mas está causando a destruição ou a degradação dos habitats naturais e a perda permanente da produtividade, ameaçando tanto a biodiversidade quanto o bem-estar humano. “Portanto, está cada vez mais evidenciado que a capacidade de suporte do uso dos recursos naturais do planeta Terra é limitada, não aguentando a crescente demanda que a atual civilização está impondo aos recursos naturais”, salientou.

Imperiano ressalta ainda que a demanda da população global, formada por mais de sete bilhões de pessoas, tem como consequência a exaustão de recursos naturais renováveis e não renováveis.



Níveis nada seguros para a saúde

Os sinais da exaustão do planeta já existem. A temperatura nos continentes está aumentando (aquecimento global), geleiras seculares derretendo, o nível do mar ficando cada vez mais alto. Onde antes existia terra fértil há desertificação e o processo se alastra pelos continentes. A poluição do ar nas grandes cidades tem alcançado níveis nada seguros para a saúde humana.

A oferta hídrica dos países é impelida a atender à crescente demanda por energia e até 2035 a produção energética será responsável por 20% da retirada de água dos reservatórios mundiais. O índice atualmente é de 15%.

Eventos como enchentes, registros dos índices de poluição do ar e terremotos estão cada vez mais recorrentes e batendo recordes históricos. Seguindo um efeito cascata, as consequências são insegurança alimentar, extinção de espécies, escassez hídrica e maior vulnerabilidade às mudanças do clima, que resultam no aumento da miseria, fome, doenças, enfim, sofrimento para a maior parte da população.

Mas a defesa da sustentabilidade do planeta não é recente, surgiu no século XIX. Na década de 1970 o canadense Marice Strong, então diretor do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma), lançou o conceito

de ecodesenvolvimento, uma forma de compatibilizar a relação entre o crescimento econômico e a exploração dos recursos naturais.

Em dezembro de 1983 foi criada a Comissão Mundial da ONU sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CMMAD) pela Assembleia Geral da ONU. De lá até hoje, muitos outros encontros internacionais foram realizados para aprofundar o debate e estabelecer medidas para atingir o desenvolvimento sustentável. Um bastante difundido foi a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Cnumad), conhecido como Rio 92 ou Eco 92. Naquela época já se discutia os três pilares da sustentabilidade, que hoje em dia consiste em uma atividade economicamente viável, socialmente justa e ecologicamente correta.

Se desde o século passado os líderes mundiais e a sociedade como um todo tivessem adotados novos hábitos de produção e consumo, certamente estariam vivendo em uma outra e mais harmônica realidade.

Maquiagem verde

O conceito sustentabilidade, por fazer referência ao mundo politicamente, socialmente e ecologicamente correto, também virou instrumento publicitário. Empresas sem políticas e ações sustentáveis efetivas geram o chamado greenwashing (maquiagem verde). Tentam passar a ideia de que desenvolvem programas baseados nos três pilares da sustentabilidade: atividade economicamente viável; socialmente justa e ecologicamente correta. Quando, na verdade, tudo não passa de um engodo.

Sustentar, apoiar, conservar e cuidar



Especialista lembra que sustentabilidade não é uma palavra mágica para ser repetida como um mantra

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

O escritor, professor e biólogo Boisbaudran Imperiano destaca que a expressão sustentável tem origem na palavra latina “sustentare”, que significa sustentar, apoiar, conservar e cuidar. Ele lembrou que, seja na economia ou meio ambiente, iniciativas públicas ou privadas, o termo tornou-se usual e são repetidos como uma espécie de mantra, como se fosse uma palavra mágica que reparasse a grave crise ambiental global contemporânea.

Na verdade, uma atitude sustentável abrange uma série de iniciativas. “Engloba as ideias de economia verde, produção sustentável, consumo sustentável e de sustentabilidade corporativa com responsabilidade socioambiental a ser implementada pelo setor produtivo, o qual vem tentando se alinhar aos pilares da sustentabilidade. Ou seja, ser considerado ecologicamente correto, economicamente viável, socialmente justo e diverso culturalmente”, frisou Boisbaudrand.

Portanto, a sustentabilidade do planeta não depende somente de projetos que partam dos gestores públicos municipais, estaduais, federais e das indústrias ou empresas. Apesar das ações desse público serem fundamentais para se alcançar as metas preconizadas pela ONU, cada um pode fazer a sua parte nas pequenas ações do dia a dia. Evitar o excesso de consumo de bens duráveis e não duráveis, apoiar entidades que lutam pela igualdade social, não poluir, manter uma área verde em casa, economizar água, energia elétrica são apenas alguns exemplos simples.

“O consumismo excessivo com o estilo de vida ostentatório e desigual pode dificultar a garantia de recursos e de serviços ambientais equivalentes para as futuras gerações”, frisou Boisbaudran.

Gestão Ambiental

Consumo e gastos de água monitorados na Universidade Federal da Paraíba

O Brasil detém 12% da água potável do planeta, por outro lado desperdiça pelo menos 37% da água tratada do país, agindo de forma não sustentável. Mas há iniciativas que agem contra o mau uso da água, como é o caso do Programa de Gestão de Águas da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

A iniciativa é um dos segmentos da Comissão de Gestão Ambiental da Universidade. O objetivo é monitorar o consumo e gastos de água, estabelecendo práticas de sustentabilidade para o seu uso racional nos Campi I, II, III e IV. O monitoramento é feito desde 2013 e já alcançou uma redução de água de 34,7%, considerando que o consumo nos centros onde funciona o programa saiu de 115 mil metros cúbicos em 2014 para 75 mil metros cúbicos em 2018.

O trabalho consiste também no levantamento dos aparelhos hidráulicos e hidrossanitários no Campus I, identificando o local, condições estruturais e higiênicossanitárias dos aparelhos, analisando a necessidade de reparos ou substituição, principalmente quando ocorrer vazamentos.

O levantamento é organizado em um Banco de Dados Espacial – em um software de Sistema de Informação Geográfica (SIG). Até agora, já foi realizado o levantamento e construção do Banco de Dados Espacial de quatro setores

As iniciativas podem proporcionar muitas mudanças de hábitos para uma formação de uma sociedade mais justa e socialmente sustentável

e nove centros do Campus I.

O Banco de Dados Espacial em SIG foi idealizado pela professora Nadjacleia Vilar Almeida, doutora em Geografia pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente pela UFPB. Ela, juntamente com o professor Cláudio Ruy Portela de Vasconcelos, mestre em Engenharia de Produção pela UFPB e doutorando em Engenharia Industrial e de Sistemas, coordenam o monitoramento. O trabalho é feito juntamente com a equipe de bolsistas e voluntários do Programa de Gestão de Águas da Comissão de Gestão Ambiental, do Curso de Engenharia Ambiental.

Segundo Nadjacleia, a ideia surgiu da necessidade de monitorar o consumo para conhecer o perfil de uso da água da instituição e buscar ações e rotinas sustentáveis para diminuir o desperdício. “A perspectiva futura é

implantar um sistema de alerta automatizado e em tempo real, em que os usuários do Campus I possam abrir uma solicitação de conserto, e o local onde o conserto deve ser realizado surge em alerta (vermelho) no mapa do WebSIG do setor de manutenção da Sinfra”, afirmou Nadjacleia.

Segundo Tarcísio Valério da Costa, economista e membro da Comissão de Gestão Ambiental da UFPB, exemplos de sustentabilidade são importantes para que a população se sensibilize e possa tomar atitudes de respeito aos recursos naturais. “As iniciativas podem proporcionar mudanças de hábitos para uma formação

de uma sociedade mais justa e socialmente sustentável. Alguns exemplos como fazer a coleta seletiva dos resíduos, compra de produtos sem agrotóxicos, troca de lâmpadas de leds, compra de produtos duráveis, também são válidos”.

O consumo sustentável implica na conscientização dos consumidores em adquirir o necessário, buscando colocar em prática a política de reduzir, reutilizar e reciclar. É fundamental estabelecer um controle pessoal no consumo de água e energia elétrica como forma de contribuir para diminuir o desperdício dos recursos naturais.

As iniciativas podem proporcionar mudanças de hábitos para uma formação de uma sociedade mais justa e socialmente sustentável

Tarcísio Valério da Costa



Os papéis dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

Em setembro de 2015, a Organização das Nações Unidas (ONU) definiu os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), que são parte integrante de uma agenda mundial de desenvolvimento sustentável. Ao todo, foram estabelecidos 17 ODS, que constituem 169 metas a serem atingidos por lideranças globais até 2030.

Esses Objetivos, que passaram a

vigorar em janeiro de 2016, orientam e guiam as políticas e o financiamento do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud). Os ODS são tratados por temas, que podem ser divididos em quatro dimensões principais: social, ambiental, econômica e institucional.

A social está relacionada às necessidades humanas, de saúde, educação, melhoria da qualidade de vida e justiça.

A ambiental trata da preservação e conservação do meio ambiente, com ações que vão da reversão do desmatamento, proteção das florestas e da biodiversidade, combate à desertificação, uso sustentável dos oceanos e recursos marinhos até a adoção de medidas efetivas contra mudanças climáticas. A dimensão econômica aborda o uso e o esgotamento dos recursos naturais, a produção de resíduos,

o consumo de energia, entre outros. Já a institucional diz respeito às capacidades de colocar em prática os ODS.

Apesar do trabalho da ONU e interesse de alguns países em contribuir para a preservação do planeta e igualdade social, há nações que se opõem a agir em prol do bem-estar coletivo e se negam a utilizar combustíveis limpos, mudar a forma de produção, minimizar o processo de desmatamento de florestas, trabalhar para reduzir a emissão de gases de efeito estufa, entre outros. Para Tarcísio Valério da Costa, economista e membro da Comissão de Gestão Ambiental da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), o grande motivo para os gestores nacionais e grandes empresários não adotarem ações de sustentabilidade é a questão econômica.

“Os países deixam de adotar medidas sustentáveis para não atrapalhar seu desenvolvimento. Mas acredito que seja possível dosar a sustentabilidade com desenvolvimento, uma vez que já se tem tecnologia para minimizar os danos ao meio ambiente”, afirmou Tarcísio, que também é mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente pelo Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (Prodema), do Centro de Ciências Exatas e da Natureza da UFPB e integrante da Comissão de Gestão Ambiental da UFPB.

Equipe de bolsistas e voluntários do Programa de Gestão de Águas da Comissão de Gestão Ambiental da UFPB



Atitudes gerando renda e o desenvolvimento econômico

Sol e vento transformam uma região apontada como pobre num polo de crescimento com as energias sustentáveis

Iluska Cavalcante
cavalcanteiluska@gmail.com

Ter um consumo consciente da água, produção limpa de energia e uma agricultura ecológica, vão além de um cuidado com o meio ambiente. Essas atitudes também geram renda e desenvolvimento econômico e social. A Paraíba é a prova de que a sustentabilidade traz crescimento, com ações ligadas à sustentabilidade rural e investimentos na energia renovável.

O Nordeste tem avançado quando o assunto são as energias sustentáveis. O que por muito tempo foi motivo de pobreza como os fortes raios solares do Sertão, hoje gera riquezas com a produção de energia solar. Devido à velocidade do vento, a energia eólica também tem ganhado espaço. Cerca de 87% de toda a produção de energia eólica e solar do país vem do Nordeste.

De acordo com o diretor-presidente da Companhia de Desenvolvimento da Paraíba (Cinep), Rômulo Soares Polari Filho, o Nordeste tem um forte potencial para levar as indústrias para regiões esqueci-

das. Além da sustentabilidade, isso significa mais geração de emprego e renda. “Eu gosto muito de usar essa expressão: agora nós somos o dono da bola. Esse benefício da natureza no que diz respeito às energias solar e eólica tem um potencial de levar a indústria para o interior e levar emprego, com isso manter a população lá. É muito maior que a questão da sustentabilidade, isso vai desde o impacto econômico nas cidades, geralmente pequenas, até os reflexos nas capitais, porque evita as migrações”.

A cada MW (megawatts) de energia eólica instalado, são ofertados cerca de 15 postos de trabalho. De acordo com o potencial de produção da Paraíba, pode-se gerar cerca de 210 mil empregos ao longo dos anos. “A gente começa a escutar: ‘Só presta durante a obra’. Estamos falando de 30 anos de obras uma atrás da outra, não vai parar”, comentou o diretor-presidente da Cinep.

A Paraíba está em nono lugar no ranking dos estados brasileiros com capacidade instalada de energia eólica, mas já chegou à quarta posição quando o assunto são os



Foto: Secom-PB

A Paraíba é o nono estado do país em capacidade instalada de energia eólica e chega à quarta posição em investimentos

novos investimentos neste tipo de energia. A capacidade de instalação em energia eólica na Paraíba é de 14,7 GW, é a mesma que a produção atual de todo o Brasil, que está em 8ª posição no ranking mundial.

No entanto, o Estado produz apenas 157,2 MW, o equivalente a cerca de 1% de toda a sua capacidade em energia eólica. Rômulo Polari ressaltou que é importante a divulgação fora do país, como aconteceu recentemente. “O mundo está descobrindo o potencial. E o Brasil tem uma dimensão continental. A gente comentou isso na missão que fizemos para a Europa, nossos números são dezenas de vezes maiores que o restante do mundo, porque o Brasil tem uma área muito grande. Visitamos três países, França, Alemanha e Itália, o potencial do Nordeste era maior do que a soma desses

três países juntos. Esse trabalho de atração de investidores é muito importante. Eu costumo até falar, você pode até ter o melhor carro para vender na sua casa, mas se ele ficar na garagem não vende”.

Para intensificar ainda mais o potencial da Paraíba, o Estado criou o Atlas Eólico. Rômulo Polari explicou que não adianta apenas dizer que o Nordeste tem um grande potencial para este tipo de energia, é necessário que tenha a localização exata para que as empresas tragam seus investimentos. “Porque você pode dizer para o investidor que o Brasil é ótimo em energia eólica, mas você vai comprar um terreno onde? Você precisa saber o quanto ele é bom, o potencial e identificar as regiões. A Paraíba fez o dever de casa criando o Atlas”.

Dever de casa que a Paraíba

fez: foi feito um Atlas do Brasil e os estados foram mapeados. “A empresa eólica da Espanha, Iberdrola, foi para Santa Luzia, no interior paraibano, porque viu que era o maior potencial da Paraíba em relação à velocidade do vento”.

No Brasil, mais de 80% da energia consumida vem de fonte renovável. Dessas, 60% são de hidrelétricas. Para o diretor-presidente da Cinep, é importante que o país pare de depender desse tipo de energia. “No ponto de vista de sustentabilidade não tem nem o que se discutir, geração de emprego, energia limpa, vai dar mais segurança energética para o Brasil, já que dependemos mais de 60% das hidrelétricas, ficamos suscetíveis a variações de secas, como ocorreu nessa última década, além do impacto ambiental que as hidrelétricas causam”.

“Agora nós somos o dono da bola. Esse benefício da natureza no que diz respeito às energias solar e eólica tem um potencial de levar a indústria para o interior e levar emprego, com isso manter a população lá”



Rômulo Polari Filho

Agricultura familiar e sustentabilidade no campo

O agricultor familiar tem recebido incentivo do Governo do Estado para investir na sua produção de maneira sustentável, através do programa ‘Paraíba Rural Sustentável’. O programa contribui principalmente para que a água chegue até ao agricultor, através de tecnologias, como a perfuração de poços e a construção de barragens subterrâneas.

Através de um crédito fornecido pelo programa, as associações e cooperativas de agricultores e artesãos conseguem, além de água para o seu plantio, ter tecnologia suficiente para fazer uma produção consciente, sem agrotóxico e sem poluição do meio ambiente.

Além disso, os produtores

conseguem ter economia através da sustentabilidade. O uso da energia solar é um desses exemplos. Segundo o secretário da Agricultura Familiar, Luiz Couto, o papel do programa é fornecer a tecnologia necessária para que a sustentabilidade seja colocada em prática. “Damos condição através de tecnologia e equipamentos que possam ser financiados e eles podem fazer uma mini-indústria e poder produzir e ter muito mais condição de viver e continuar produzindo. Um componente que chama a atenção é a chamada energia renovável, principalmente a energia solar. Vou dar um exemplo na região do Cariri: uma cooperativa pagava R\$ 10 mil à Energisa, após a instalação da energia solar, paga agora apenas R\$ 200,00”.

Segundo o secretário, o principal objetivo é produzir sem prejudicar o meio ambiente. “Essa é a perspectiva, produzir sem prejudicar o meio ambiente, sem acabar com as nossas florestas. Se você vai em um lugar que produz abacaxi com veneno, por exemplo, aquilo vai para os açudes, para as barragens, contaminando a água. Por isso chama-se ‘Paraíba Rural Sustentável’, é produzir, fazer com que você possa ter os quintais pro-

ductivos, com sustentabilidade”.

Uma das principais formas de realizar uma produção sustentável é com a conscientização. Luiz Couto explicou que o programa está em uma fase essencial, a da capacitação. “Tem alguns mecanismos para a agricultura familiar crescer, ainda tem muita gente da agricultura familiar que planta com agro-

“Tem alguns mecanismos para a agricultura familiar crescer (...). Hoje vários agricultores já plantam com adubo orgânico, com tecnologias que não precisam usar nenhum veneno pra matar os insetos. O agricultor familiar consegue fazer isso”



Luiz Couto

tóxicos. Hoje vários agricultores já plantam com adubo orgânico, com tecnologias que não precisam usar nenhum veneno pra matar os insetos. O agricultor familiar consegue fazer isso. Se você explica para ele quais são os benefícios da sustentabilidade, ele faz. Às vezes falta tecnologia, por isso é importante que você apresente para ele”.



Foto: Secom-PB

O “Paraíba Rural Sustentável” visa levar sustentabilidade aos quintais produtivos



SUSTENTABILIDADE e o cidadão

Em um lugar onde o conceito do que é sustentável nem sempre é conhecido, as ações falam mais que a teoria

Iluska Cavalcante
cavalcanteiluska@gmail.com

Em um lugar onde o conceito de sustentabilidade nem sempre é conhecido, as ações falam mais que a teoria. Fuxicos com retalhos, tecido de sombrinhas velhas e sabão feito com óleo usado são fabricados na comunidade quilombola Mituaçu, no município de Conde. A prática do fuxico, que existia, mas estava esquecida, e a criação de sabão com óleo, que nasceu a partir de oficinas, são fruto de um trabalho realizado pelo projeto de extensão ‘Histórias de Quilombo: memórias e identidade coletiva na produção audiovisual da comunidade quilombola de Mituaçu’, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

A coordenadora do projeto, a pós-doutoranda em Antropologia Social Patrícia Pinheiro, explicou que a sustentabilidade ocorre na comunidade antes mesmo de existir o conceito. “A prática aqui é muito mais antiga que o conceito de sustentabilidade. O que elas fazem é muito mais enraizado do que pensar em um conceito. Mas quando a gente pensa, ele vem. Faz parte do cotidiano. Talvez não do jeito formatado que a gente vê nos livros, mas é do jeito que se faz aqui e é um jeito muito bonito.

Acho que é isso o que importa”.

O projeto começou em 2017, inicialmente com um projeto audiovisual. Após o passar do tempo, ele foi se adaptando às necessidades de Mituaçu. “A primeira pergunta era sempre ‘o que é importante para Mituaçu?’. Assim começou o projeto, a gente estabeleceu um relacionamento bacana com os alunos do Ensino de Jovens e Adultos, o EJA, que também são muitas vezes pais dos alunos dos outros turnos. Eles têm de 18 até 70 anos. São pessoas que já têm uma experiência, que trabalham no roçado. A gente para pra conversar sobre algo que eles já têm, que eles já conhecem. Sem inventar algo muito novo”.

A sustentabilidade mudou a realidade da comunidade quilombola, vai além de um conceito, o trabalho é incentivado pelo projeto, mas alimentado diariamente pelos moradores, que criou laços, gerou renda e leva um resgate da autoestima da região. “É algo muito colaborativo. A escola cede o espaço, uma senhora faz o café, tem uma que traz a tapioca. Até porque perde o sentido se for algo simplesmente que venha de fora e traga tudo pronto. Como se fosse algo resolvido. Quando a gente faz desse jeito, mais colaborativo e compartilhado, inclusive os problemas são compartilhados. É viver o

cotidiano com essas pessoas”.

A relação da região com o meio ambiente existe há anos. Alimentados e criados, como eles dizem, pelo Rio Gramame, seus pais, avós e bisavós tiravam o sustento do que a natureza fornecia. Com o tempo, a poluição levou a história desse povo, que precisou se reinventar. A diretora da escola de Mituaçu, Miriam da Silva Ferreira, explicou que o tema é recorrente nas disciplinas. “A gente sempre trabalha o meio ambiente focando nessa questão de lixo, onde colocar o lixo. Focando no nosso rio, que tem sido alvo de poluição. A gente foca muito no nosso Rio Gramame, sempre que tem a oportunidade de trabalhar o meio ambiente a gente trabalha o rio. A gente visita o rio, a gente leva eles a entenderem como era a vida dos nossos avós e pais que traziam o alimento do Rio Gramame”.

A sustentabilidade é tão viva no meio da comunidade quilombola que leva também a solução para problemas do cotidiano. Quando as crianças da escola precisaram de uma roupa para apresentação de dança no período de São João, a ideia inusitada de utilizar tecido de sombrinhas mobilizou toda a comunidade. “A gente pediu pra todo mundo que tivesse ou achasse uma sombrinha quebrada ou

velha trouxesse pra gente. Era pra fazer saia pra dançar no São João, a minha irmã confeccionou 15 saias de sombrinha, dançamos o São João tudo com saia de sombrinha”, comentou Miriam.

O tecido das sombrinhas não parou de ser utilizado nas saias das crianças. Ele ganhou nova forma nas mãos das fuxiqueiras da comunidade. “Quando terminou a gente pensou o que fazer com as saias de sombrinha. E aí chegaram as fuxiqueiras, elas queriam sombrinhas pra fazer fuxico e transformou-se em fuxico, um bom reaproveitamento”.

O fuxico do bem, como as fuxiqueiras chamam, ocorre uma vez na semana. Com retalhos fornecidos por costureiras da região, as mulheres da comunidade, maioria alunas do EJA na escola local, fazem um trabalho artesanal de colchas criativas, diademas e peso de parede. Maria Aparecida, de 71 anos, é uma dessas donas de casa que encontrou na atividade uma forma de diversão. “O fuxico está trazendo muita felicidade para a gente, eu mesma quase não tinha atividade, só vivia no roçado. De repente encontrei umas coleguinhas que me chamou pra fuxicar, um fuxico de boa qualidade, não faz mal a ninguém, é um fuxico do bem. Todo tecido que eu encontrava, ia dizendo às minhas

coleguinhas: ‘tragam pra cá que eu quero’. Porque não ia pro lixo? Pode ser como uma reciclagem, né, que se fala? As pessoas não tiram do lixo e aproveitam? Então é isso pra mim. Eu tô gostando demais”.

Miriam explicou que os trabalhos sustentáveis resgataram a autoestima da comunidade quilombola. “A gente está sempre aproveitando algo que iria jogar fora, que iria se destruir. Eram coisas que a gente já tinha, a gente já conhecia, mas foi através de Patrícia que motivou a gente, a história da comunidade. Ela fotografou coisa que a gente via como algo muito natural e sem importância, deixou registros lindos, que passamos a perceber como importantes. A gente não tinha essa visão boa que ela nos trouxe”.

Aline Paixão, voluntária do projeto e mestre em Antropologia Social, ressaltou que tudo ocorreu de forma espontânea e com a total participação da comunidade. “Desde o início, a gente tinha observado isso, que as pessoas começaram a olhar para comunidade com um outro olhar, teve um encantamento. A relação no fuxico nos surpreendeu, primeiro por ter tantas mulheres participando, elas se conheciam, mas não tinham um entrosamento e o fuxico proporciona isso, essa interação positiva”.

Comunidade de Mituaçu recebe ações de oficinas

Através do apoio do projeto de extensão ‘Cicla Óleo: Educação Ambiental para Cidadania’, a comunidade de Mituaçu também recebeu oficinas para fabricar sabão com óleo usado. A ideia deu tão certo que se estendeu para outros tipos, inclusive com plantas e ervas encontradas na região.

A dona de casa Elenice Martins, de 45 anos, não só aprendeu a confeccionar sabão e sabonetes, como fez disso uma fonte de renda. Hoje, além de receber encomendas, ela também realiza oficinas na comunidade. “Tem uma menina que junta óleo usado para coar e fazer o sabão e também tem o sabonete de glicerina. A gente usou dos dois tipos, o de óleo usado, limpo, e de glicerina, foram várias etapas na oficina. Usamos plantas medicinais, erva doce, canela, cravo,

pitanga. Quem trouxe o material foram as meninas da universidade, trouxeram o rapaz. Depois das oficinas que elas fizeram, eu já fiz pra encomenda. Mas o principal foi a questão das minhas alunas, uma que é surda, mas ela conseguiu entender, participou. As meninas conseguiram conversar com ela, fazer com que ela entendesse. Foi muito proveitoso. É uma questão da inclusão e preservação”.

///A sustentabilidade é tão viva no meio da comunidade quilombola que leva também a solução para problemas do cotidiano ///



A sustentabilidade mudou a realidade da comunidade quilombola de Mituaçu que vai além de um conceito e o trabalho coletivo é incentivado



Fotos: Roberto Guedes